

11
anos

revista

Barbante

VOL. XI - Nº 55 - 13 DE SETEMBRO DE 2023
ISSN 2238-1414

**Confira o
Caderno Especial BARBANTINHA
Escola E. E. F. M Bernardo Guimarães**



@jailson.hueurio

Palavras aos leitores e às leitoras

Pedimos desculpas aos nossos colaboradores e leitores pelo tempo que ficamos sem publicações. Estávamos vivendo um momento de luto e perdas que desencadearam ansiedade e depressão fortes, mas já estamos sendo tratados e nos sentindo melhor.

Há momentos na vida em que precisamos de pausas como as partituras musicais têm as suas. Estivemos desassossegados querendo voltar, mas esperando o momento exato. As pausas servem também para refletirmos sobre o que significa a nossa existência neste planeta tão belo e cheio de incertezas que nos convidam sempre a ir mais além todos os dias.

Em algum lugar vamos sempre nos deparar com uma boa leitura e que esta seja encontrada aqui nas nossas páginas por algum leitor esquecido num desses lugares em que as horas insistem em adormecerem os relógios.

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações do nosso querido fotógrafo paraibano Jailson Hueurio com as suas lindas fotografias que transmitem o seu eu mais profundo observando a natureza e as coisas ao seu redor através da sua lente.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Contos, Crônicas, Cordéis, Memórias e Poemas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

A Barbantinha, nosso caderno especial escrito por crianças, traz as imagens dos alunos da Escola E. E. F. M. Bernardo Guimarães da cidade de Cacoal no Estado de Rondônia. Agradecemos muitíssimo às professoras Cláudia Guedes e Rosana Valkini que orientaram seus alunos na realização deste projeto!

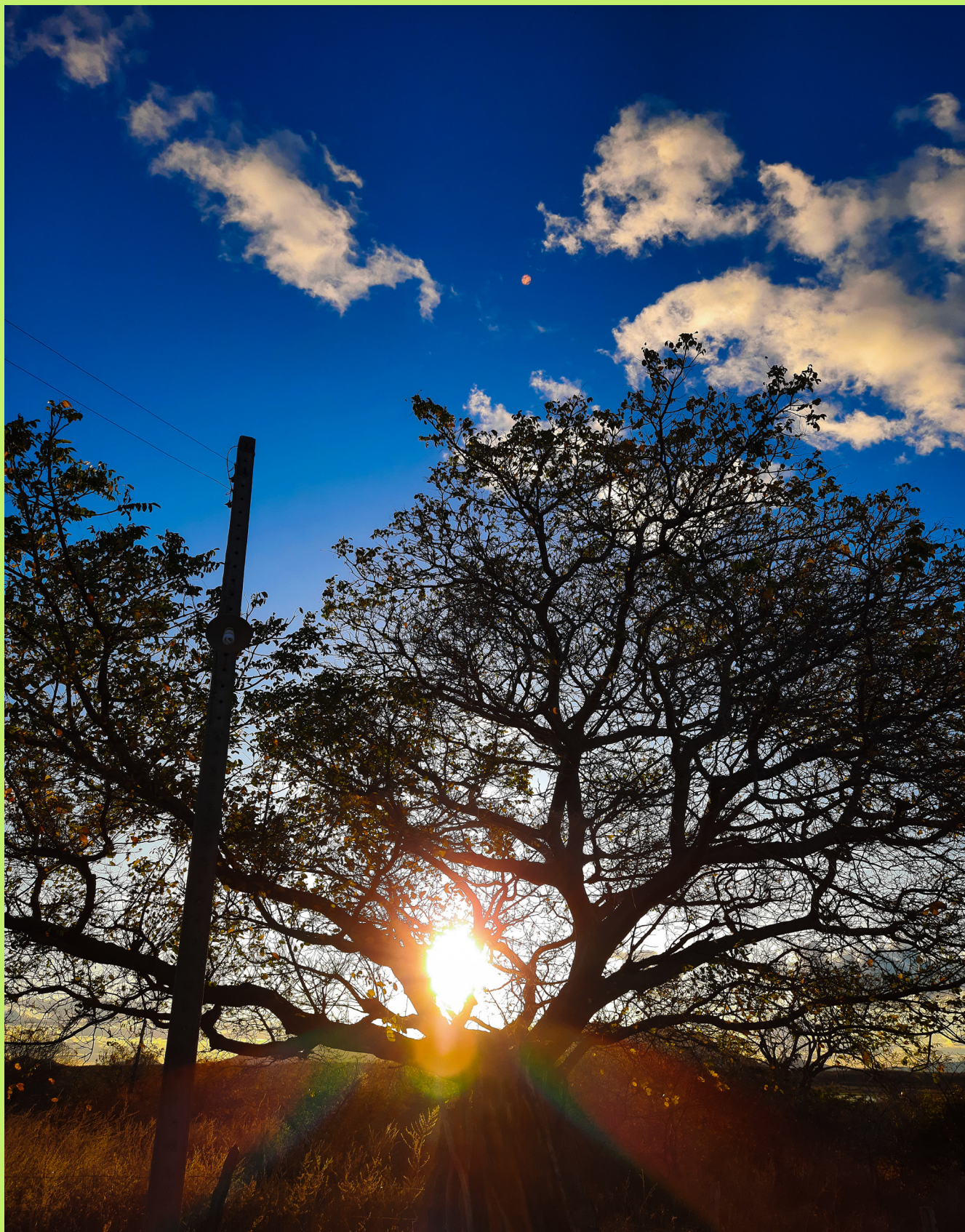
Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

Boa leitura!

Rosângela Trajano

Samuel de Mattos



Artigos

ANÁLISE CONTRASTIVA DE SISTEMAS CONSONATAIS: TENDÊNCIAS AO VOZEAMENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E ESPANHOL PENINSULAR

Ariel Montes Lima

gabrielfelipe0308@gmail.com

RESUMO: O presente ensaio apresenta uma análise contrastiva entre os sistemas consonantais do Português Brasileiro e do Espanhol Peninsular. Para tanto, nos valem dos sons registrados no IPA. A metodologia empregada foi a revisão de literatura. Foi constatada uma tendência ao vozeamento no PB em relação ao EP, ao mesmo tempo em que se assinalou o compartilhamento de 16 fonemas pelos dois idiomas. Nosso trabalho teve como ponto de partida os estudos de Bisol (1996), Silva (2008), Harris (1969) e Silva (1999).

PALAVRAS-CHAVE: Fonética e Fonologia. Fonética Articulatória. Espanhol Peninsular. Português Brasileiro.

ABSTRACT: This essay presents a contrastive analysis between the consonant systems of Brazilian Portuguese and Peninsular Spanish. For that, we use the sounds recorded in the IPA. The methodology used was the literature review. A tendency towards voicing was observed in BP in relation to EP, at the same time that 16 phonemes were shared by both languages. Our work had as a starting point the studies of Bisol (1996), Silva (2008), Harris (1969) and Silva (1999).

KEYWORDS: Phonetics and Phonology. Articulatory Phonetics. Peninsular Spanish. Brazilian portuguese.

1. INTRODUÇÃO

As similitudes evolutivas entre o português e o espanhol são bastante conhecidas entre os falantes lusófonos. Todavia, por detrás da semelhança, há nuances linguísticas mais complexas, cuja análise demanda um olhar mais apurado do professor para com a relação entre os idiomas. De pronto, percebemos aproximações semânticas entre palavras sonoramente muito próximas, ordens sintáticas análogas e mesmo léxicos invariáveis. Tudo isso corrobora para a percepção de que as proximidades entre as línguas são capazes de promover um borramento das fronteiras entre o que é português e o que é espanhol.

No entanto, mediante uma análise mais aprofundada, é perceptível que semelhante ideia não se sustenta. É, pois, diante desse problema que se detém o presente capítulo. Objetivamos, destarte, apresentar algumas diferenças fundamentais dentro da fonética e da fonologia do Português Brasileiro (doravante PB) e do Espanhol Peninsular (doravante EP) mediante uma análise contrastiva de seus sistemas consonantais.

Nossa abordagem foi estruturada mediante a revisão bibliográfica. Nosso foco, entretantes, está voltado para o fenômeno do vozeamento nos referidos sistemas. Desse modo, objetivamos analisar semelhanças e distinções nos cenários de ocorrência de tal fenômeno. Salientamos o caráter descritivo do presente trabalho, cujo desenvolvimento se realizou mediante o estudo dos sistemas enquanto o que Saussure (2012) define como “forma”. Isto é, destacamos o valor dos conjuntos fônicos *per se*, sem nos determos sobre uma situação de uso específica, mas sim a partir do modo como foram descritos.

2. CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO SONORA

Os sons consonantais de uma língua são classificados segundo dois critérios: o modo e o lugar de

articulação dentro do aparelho fonador. (KARNOPP, 2006). Em relação ao modo, podemos classificar os sons como: oclusiva, africada, fricativa, nasal, tepe, vibrante, retroflexa e lateral. A respeito do lugar de articulação, as podemos classificar como: bilabial, labiodental, interdental, alveolar, pós-alveolar ou alveopalatal, palatal, uvular, velar, faríngea ou glotal.

As consoantes podem ainda ser descritas como vozeadas (ou sonoras) e desvozeadas (ou surdas). Diz-se uma consoante vozeada aquela que produz vibração nas cordas vocais e desvozeada, aquela que não a produz (idem ibidem).

3. O SISTEMA CONSONANTAL DO PB E DO EP

Em relação ao sistema consonantal, o PB e o EP compartilham das bilabiais /m/, /p/ e da labiodental /f/; sendo o fonema /v/ ausente na língua castelhana; nesse caso em específico, o sistema dispõe do som /β/. Observa-se, destarte, a preferência pelo desvozeamento da labiodental.

A respeito das alveolares e/ou dentais, as línguas têm em comum os fonemas /t/, /d/, /s/, /l/, /r/ e /n/. O PB, nesse aspecto, se mostra eminentemente alveolar, tendo ainda os sons: /r/, /ʎ, /e /z/ não compartilhados com o EP. Por sua parte, contudo, o EP possui o som de /r/, que não consta no PB.

O EP apresenta também, particularmente, duas consoantes interdentalis inexistentes em PB: /θ/ e /ð/.

A respeito das consoantes palatais, são compartilhados os fones /j/ e /ç/. Quanto ao som /j/, apenas o EP o possui em comparação com o PB.

Em relação às velares, ambos os idiomas possuem os mesmos fones: /k/, /g/, /x/ e /ɣ/.

O EP possui ainda um fone bilabio-velar não compartilhado: /w/.

Enfim, a fricativa glotal desvozeadaa /h/ é compartilhada por ambos os sistemas, enquanto a fricativa glotal vozeada /ɦ/se encontra apenas no português.

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	Desv	p		t			k	
	Voz	b		d			g	
Africada	Desv				tʃ			
	Voz				dʒ			
Fricativa	Desv		f	s	ʃ		X	h
	Voz		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Nasal	Voz	m		n		ɲ ɳ		
Tepe	Voz			r				
Vibrante	Voz			ʀ				
Retroflexa	Voz			ɻ				
Lateral	Voz			l ɭ		ʎ ɸ		

FIGURA 1- CONSOANTES DO

PB

(Fonte: <https://www.passeidireto.com/arquivo/1897484/tabela-fonetica>)

O total de fonemas consonantais observado no PB, como assinalam Bisol (1996) e Silva (1999), é de

26 (vinte e seis). Desses fonemas:

- 03 são bilabiais;
- 02 são labiodentais;
- 09 são alveolares;
- 04 são alveopalatais;
- 02 são palatais;
- 04 são velares e
- 02 são glotais.

Dentre semelhantes sons, 09 são desvozeados e 17, vozeados. Isso evidencia uma tendência ao vozeamento no PB.

MODO DE ARTICULACIÓN	PUNTO DE ARTICULACIÓN								
	Bilabial	Labio-dental	Inter-dental	Dental	Alveolar	Palatal	Velar	Bilabio-velar	Glotal
Oclusivo	p b			t d			k g		
Fricativo		f	θ		s		x		h
Africado					tʃ				
Aproximante	β		ð			j	ɣ	w	
Nasal	m				n	ɲ			
Lateral				l		ʎ			
Vibrante simple					r				
Vibrante múltiple					r				

Consonantes en rojo son sonoras.

FIGURA 02- CONSOANTES DO EP

(Fonte: <https://4.bp.blogspot.com/-YVlgXh4ag-4/VU7dyOz-AI/AAAAAAAAA0/uWXqY0AHbjo/s1600/Diapositiva3.GIF>)

Em uma comparação com as consoantes do PB, o espanhol possui:

- 04 bilabiais;
- 01 labiodental;
- 02 interdentaís;
- 03 dentais;
- 05 alveolares;
- 03 palatais;
- 04 velares;
- 01 bilabio velar e
- 01 glotal.

Assim, pois, totalizam-se 24 (vinte e quatro) sons consonantais. Entre eles, 09 são desvozeadas e 15, vozeados. Destarte, como confirmam Harris (1969) e Silva (2008), o espanhol segue, como o PB, uma tendência ao vozeamento pelo que os teóricos estabelecem como processo de Assimilação Regressiva do Vozeamento. Esse processo, segundo os autores, é realizado mediante o espalhamento do traço sonoro da sílaba anterior quando em seu uso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente ensaio, buscamos realizar uma breve análise fonológica dos sons do PB e do EP. Atemos, conquanto, à vastidão do tema, enfatizando o caráter de “obra inacabada” do texto aqui apresentado.

De uma maneira geral, podemos apresentar, a título de conclusão os seguintes pontos:

1. O PB é mais rico em sons consonantais que o EP, possuindo 02 fonemas a mais que este.
2. Ao todo, as línguas compartilham 16 fonemas.
3. Proporcionalmente, o EP possui menos vozeamento que o PB, embora o número de fones consonantais permaneça de 09 em ambas as línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUC-RS. 1996.

HARRIS, J. **Spanish Phonology**. MIT Press, Cambridge, 1969.

INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (IPA). 2019. Disponível em: [IPA Kiel 2019 full por-br Brazilian Portuguese Português brasileiro - Alfabeto fonético internacional – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#). acesso em 29 de Dez. de 2022.

KARNOPP, L. **FONÉTICA E FONOLOGIA**. UFSC, Florianópolis, 2006. Disponível em: [FoneticaFonologia TextoBase \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 28 de Dez. de 2022.

SILVA, C. C. **Aquisição da regra de vozeamento em português brasileiro**. (Dissertação de mestrado). USP, São Paulo, 2008. Disponível em: [Aquisição da regra de assimilação de vozeamento em Português Brasileiro \(usp.br\)](#). Acesso em: 28 de Dez. de 2022.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.

Resumo

A presente pesquisa - Gestão com comunicação participativa: estratégia para feedbacks colaborativos - observado na Escola Municipal Emília Freire de Lima, tem como objetivo geral analisar a comunicação da gestão escolar com sua equipe e propor estratégias de melhoria, através de feedbacks negativos e positivos do contexto escolar, para que assim haja um ambiente colaborativo em que todos possam ser ouvidos e mediados por uma gestão comunicativa e participativa nas ações administrativas e pedagógicas da instituição, e principalmente atingir os seguintes objetivos: analisar o engajamento da equipe escolar no ambiente de trabalho; examinar de que forma a interação e as relações interpessoais entre os profissionais é desempenhada no âmbito escolar; aplicar diferentes estratégias para desenvolver feedbacks nas reuniões administrativas e pedagógicas de forma articulada através de dinâmicas e ações humanizadoras. A pesquisa também dialoga com a questão da gestão democrática, pois é pertinente falarmos ao se tratar de uma gestão que almeja a comunicação e a participação de todos da equipe. Nossa intenção ao propor esse estudo é examinar e observar a equipe gestora quanto articuladora desse feedback. Para tanto, foram realizados questionários para a equipe escolar, assim como reuniões administrativas e pedagógicas que envolvesse toda equipe, o que permitiu observar que os servidores tinham uma necessidade de um ambiente de trabalho que desenvolvesse a comunicação, a empatia, a valorização, o respeito e diferentes ações que aproximasse a equipe a ver o outro como alguém que acolhe e ajuda, assim trabalhando competências de lidar consigo mesmo (autoavaliação), lidar com os outros (comunicação) e lidar com os desafios (estratégias), e assim gerindo uma gestão com comunicação participativa e com práticas de feedbacks.

Palavras-chave: Gestão escolar; Equipe escolar; práticas de feedbacks.

Abstract

This research - Management with participatory communication: strategy for collaborative feedback - observed at the Emília Freire de Lima Municipal School, has the general objective of analyzing the communication of school management with its team and proposing improvement strategies, through negative and positive feedback from the context school, so that there is a collaborative environment in which everyone can be heard and mediated by a communicative and participatory management in the institution's administrative and pedagogical actions, and mainly to achieve the following objectives: analyze the engagement of the school team in the work environment; examine how the interaction and interpersonal relationships between professionals are performed in the school environment; apply different strategies to develop feedback in administrative and pedagogical meetings in an articulated way through dynamics and humanizing actions. The research also dialogues with the issue of democratic management, as it is pertinent to talk about a management that aims at communication and the participation of all of the team. Our intention in proposing this study is to examine and observe the management team as articulators of this feedback. To this end, questionnaires were carried out for the school team, as well as administrative and pedagogical meetings involving the entire team, which allowed us to observe that the servers had a need for a work environment that developed communication, empathy, appreciation, respect and different actions that would bring the team closer to seeing the other as someone who welcomes and helps, thus working on skills to deal with oneself (self-assessment), deal with others (communication) and deal with challenges (strategies), and thus manage a management with participatory communication and feedback practices.

Keywords: School management; School team; feedback practices.

1 Graduada em Letras Português/Inglês pela UNP, Especialista em Fundamentos Linguísticos para o ensino da leitura e da escrita pela UFRN. E-mail: ranilza26@gmail.com

Introdução

A comunicação nas instituições é uma prática diária e a todo momento precisamos dessa ação de comunicar para receber ou emitir uma informação e é importante que seja elaborada e pensar como vamos nos comunicar, pois no caminho desse processo podemos lidar com falhas de interpretação, e muitas vezes precisando que alguém seja mais claro e objetivo.

Ao observar a gestão escolar que tem um importante papel para o engajamento da equipe, pois é através da equipe gestora que vem abordagens de ações administrativas e pedagógicas, porém ainda existe o pensamento que o gestor só tem a função de administrar.

O gestor não só trabalha com ações administrativas como ele precisa olhar a instituição como um todo, pois se trabalha com pessoas que tem também importância em sua função desde do A.S.G até o professor e esta pesquisa se propõe a examinar essa equipe que forma a escola, muitas das vezes é um ambiente em que a comunicação não acontece de forma alinhada e articulada entre a gestão e a equipe.

Com o objetivo de atrair a atenção para o tema, o trabalho faz um levantamento das possíveis falhas na comunicação e ao mesmo tempo apresenta diferentes estratégias para desenvolver a comunicação entre a equipe, dentre as estratégias relevantes para trabalhar as relações interpessoais está o feedback.

E para melhor falar de feedback, segundo Aquino “O feedback também é uma ação que promove o apoio ao Diretor na humanização da gestão, podendo desenvolver em sua equipe autoconhecimento, melhorando seus pontos fortes e trabalhando o potencial de cada indivíduo, assim contribuindo para a criação de um modelo de gestão voltado para o aprendizado”.

Partindo do que for observado no âmbito escolar sobre a gestão diante das articulações feedback e levando em consideração a comunicação, interação e as relações interpessoais entre a equipe, buscaremos responder, como desenvolver a liderança no ambiente escolar? Quais práticas de gestão de uma instituição de ensino público são compatíveis com a gestão de feedback? Como ser articulador de feedback em uma gestão do setor público? Quais motivos influenciam no desempenho do trabalho em equipe?

Ao levantar a questão central desta pesquisa, baseada em quais práticas de gestão de uma instituição de ensino público são compatíveis com a gestão de feedback colaborativos? Busca-se construir meios por meio de feedbacks, que sirvam de inspiração e auxílio nos conflitos na vivência diária de uma gestão pública.

O problema visa os estudos das políticas educacionais no âmbito Federal, estaduais e municipais, bem como nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Além destes estudos o problema auxilia a gestão das instituições e dos Sistemas de Ensino, nas práticas profissionais, na construção dos movimentos locais que buscam aprimorar os canais da democracia participativa e da cidadania em nosso país. Portanto, ao analisar a comunicação da gestão escolar com sua equipe e propor estratégias de melhoria através de feedbacks negativos e positivos do contexto escolar.

E com esse olhar analisar o engajamento da equipe escolar no ambiente de trabalho; examinar de que forma a interação e as relações interpessoais entre os profissionais é desempenhada no âmbito escolar e aplicar diferentes estratégias para desenvolver feedbacks nas reuniões administrativas e pedagógicas de forma

articulada através de dinâmicas e ações humanizadoras. Neste âmbito, a pesquisa se apresenta como atual e necessária para alcançar subsídios na construção de feedbacks colaborativos junto aos atores educacionais, bem como melhorar a comunicação no espaço de trabalho.

Liderar através de estratégias comunicativas e participativas

Os líderes na história da humanidade sempre existiram para que assim fosse impulsionado grandes ações no decorrer do tempo através da participação sobre seus ideais, pessoas que lideram geralmente inspiram outras a seguirem seus passos. E temos observando como mundo se molda e como todas as áreas há a necessidade de líderes atuantes nas empresas.

Liderar é fazer com que as atividades sejam exercidas através das pessoas; e para isso precisamos de uma ação importante, que a construção de relacionamentos, e essa construção se desenvolve com estratégias comunicativas e com a atuação da gestão.

E para a escola continuar a gestão escolar precisou se articular de maneira precisa para rever estratégias de gerenciar ações administrativas e pedagógicas e como colocar em prática no atual cenário, é fundamental dizer que a gestão escolar tem uma grande relevância para que se adquira êxito diante do processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar, setor esse que lidar com pessoas que recebem e passam conhecimentos, que produz e transfere saberes para os estudantes, às famílias e toda comunidade escolar, que vai além dos muros da escola, mas todo esse trabalho é importante ser pensado e planejado em equipe e juntamente com a gestão escolar.

É impossível falar de gestão sem mencionar o perfil de liderança que precisa existir e as competências necessárias para essa função, é importante citar o livro de Luck (2011) que tem como título “Liderança em Gestão Escolar”, a autora acredita na importância da gestão escolar e enfatiza “constituindo-se em um dos fatores de maior impacto sobre a qualidade dos processos educacionais [...] não é possível haver gestão sem liderança”. (Luck, 2011, p.25).

O assunto sobre Liderança em Gestão Escolar já foi abordado em diferentes contextos e pesquisas sobre a atuação de um gestor escolar e sobre a importância desse profissional que atua como líder, vale ressaltar aqui importantes pesquisadores dessa área de conhecimento que:

A liderança escolar tem efeito significativo nas características da organização escolar o que influencia positivamente a qualidade do ensino e da aprendizagem. Embora moderado, esse efeito de liderança é vital para o sucesso da maioria dos esforços de melhoria escolar (LEITHWOOD; HARRIS; HOPKINS, 2020, p. 6, tradução nossa).

A liderança tem efeito significativo para que assim se tenha uma escola de sucesso, e para isso é necessário uma gestão de comunicação para ter uma equipe motivada para a realização desse processo que de certa forma é um trabalho um pouco árduo, pois comunicação é saber lidar e interagir com pessoas para fortalecer vínculos e às vezes o ato de se comunicar se torna impossível no ambiente de trabalho, segundo Francisca Paris e Cláudio Paris (p.67) “É a comunicação ampla e eficaz que ajuda a fortalecer a instituição. Fazer uso de uma política de comunicação é indispensável para a gestão escolar de sucesso”, e essa boa

política de educação busca estimular a equipe usando diferentes estratégias de comunicação para obter uma melhor convivência no espaço do trabalho.

E a comunicação requer estratégias da gestão para melhor aproximar a equipe escolar e às famílias diante do novo cenário de pandemia onde o distanciamento é preciso, porém a comunicação é mais do que nunca precisa, e hoje existem as tecnologias para nos ajudar nesse processo que são as plataformas digitais, grupos de whatsApp, instagram, facebook e entre tantos meios de comunicação que possibilita a aproximação com a gestão da escola.

As tecnologias facilitam, mas é importante atribuir a essas ferramentas também uma gestão criativa de envolvimento através do bom humor, entusiasmo e uma escuta sensível que possibilite:

Gestores bem humorados, motivados, com escuta sensível e empatia valorizam as pessoas de sua equipe. Por isso, encaram com entusiasmo os mais duros desafios. Eles podem até rir dos seus próprios erros, nunca dos erros dos outros, pois estão dispostos a ouvir, acolher e dar-lhes o valor que é devido. (Francisca Paris e Cláudio Paris (p.68)

E esses gestores bem humorados carregam consigo perfis de liderança e valorizam os profissionais de sua equipe, conseqüentemente “Ser líder, portanto, é influenciar os demais membros de um grupo - em nosso caso, os membros de uma instituição escolar - de forma a direcionar a equipe para a consecução de um objetivo em comum” (Enap, 2021, p. 5).

A líder precisa desenvolver competências para liderar a gestão da escola, trabalhar com a comunidade escolar, coordenar uma gestão democrática, ser responsável pela escola, administrar o sistema de ensino, promover ações de segurança para a escola, desenvolver estratégias, focar o trabalho no ensino-aprendizagem, conduzir o planejamento pedagógico e entre tantas outras competências para que assim garanta um ensino público de qualidade.

Neste sentido, o ensino público é direito de todos e no art. 205 da Constituição Federal estabelece que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”, e quem zela e contribui para cumprir com esse direito dentro do ambiente escolar é o gestor.

A escola pública assim como qualquer ambiente que envolva gestão precisa ser um lugar democrático e com práticas participativas, a construção dessas práticas requer estratégias, observações e um olhar de liderança, nesse sentido uma das estratégias relevantes nessa organização é trabalhar com feedbacks colaborativos em que todos os envolvidos atuem de forma significativa dentro da instituição para que assim alcance as metas desejadas.

Segundo Missel “O feedback é uma técnica que consiste em realizar retornos sistemáticos por meio dos quais gestores podem ajudar seus funcionários a tornarem-se conscientes de seus próprios desempenhos, sendo eles, negativos ou positivos”. (MISSEL apud ----2012), e essa técnica implica em atribuir em uma gestão da comunicação, a qual haja diálogo e retornos significativos de forma colaborativa em que todos possam participar desse processo.

E a participação dos funcionários é muito importante, na Constituição Federal no Art. 206 e inciso V aponta que “valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei”; assim como também no inciso VI apresenta a “gestão democrática do ensino público, na forma da lei;”, são prioridades e leis que o gestor precisa operacionalizar nas políticas da educação e no cotidiano do ambiente escolar.

Gestão democrática do ensino público na educação básica aos sistemas de ensino, oferece ampla autonomia às unidades federadas para definirem em sintonia com suas especificidades formas de operacionalização da gestão, com a participação dos profissionais da educação envolvidos e de toda a comunidade escolar e local. (VIEIRA, 2005)

E essa democracia é para ocorrer através do conselho escolar, na elaboração do Projeto Político Pedagógico, conforme a realidade de cada instituição, nas decisões em prol da escola de modo colaborativo e sempre com uso de feedbacks para que desse modo a comunicação seja feita e alinhada entre toda a instituição e comunidade escolar.

Os feedbacks colaborativos é desenvolvido quando há motivação por parte de todos através da comunicação, pois é através desse instrumento de fala que se estabelece as relações interpessoais entre a equipe, lembrando que um dos maiores desafios para trabalhar a gestão da comunicação por meio de feedback colaborativo é o cenário de pandemia, pois os educadores estão distantes e a escola não parou com a proposta das aulas remotas, porém é preciso fortalecer a comunicação e as devolutivas no ambiente de trabalho, mesmo que para isso se faça uso de outros meios de comunicação.

Liderar com práticas de feedbacks

Para a realização desta pesquisa, inicialmente a coleta dos dados foi feita na Escola Municipal Emília Freire de Lima, da rede pública que se localiza na cidade de Goianinha-RN, com o objetivo de verificar o engajamento e o trabalho da equipe quanto aos relacionamentos interpessoal e as resoluções de conflitos através de feedbacks.

Para a obtenção dos dados, foi utilizado estratégias dinâmicas com feedbacks e formulários de aplicação com toda equipe escolar em diferentes etapas. Nossa intenção ao propor esse estudo é examinar e observar o gestor quanto articulador desse feedback, por meio das estratégias e orientações do gestor escolar, a coleta de dados será embasada com uma formação teórica iniciando-se por uma pesquisa bibliográfica, observação do âmbito escolar e em seguida as ações com feedbacks.

A escola tem 22 funcionários e entre o quantitativo 21 são mulheres e 1 homem, a parte física da escola é pequena com 4 salas de aulas, a qual funciona nos horários matutino e vespertino a quantidade de 123 estudantes atualmente, há também 1 cozinha, 3 banheiros e 1 sala aonde funciona a secretaria e a direção escolar. A pesquisa foi feita entre os anos de 2021 e 2022 e foi dividido da seguinte forma: 1º formulário de autoavaliação do funcionário em 2021; 2º formulário de avaliação da gestão em 2022; 3º Reunião administrativa conversas sobre feedbacks e 4º Reunião administrativa e pedagógica sobre Competências socioemocionais: são tantas emoções.

Nesses momentos teve a mediação da equipe gestora, a qual é formada por um tríplice: gestora, vice-gestora e a coordenadora, no ano de 2021 foi trabalhado de forma remota com a equipe escolar, principalmente a equipe docente, apenas a equipe de apoio estava em trabalho presencial juntamente com a gestão, portanto devido o cenário pandêmico os primeiros encontros foram pela plataforma meet e uma das primeiras estratégias da gestão foi trabalhar a autoavaliação por meio de um formulário pelo google forms, e tem o objetivo de se autoconhecer e rever os pontos positivos e negativos de se mesmo e também é uma oportunidade de trazer melhorias para o próprio funcionário a instituição já que a escola encontrava-se com mudanças na equipe gestora.

Por meio dos questionários enviados via grupo de WhatsApp aos servidores da instituição e após respostas, realizou-se uma reflexão crítica sobre a prática, conforme Vasconcellos:

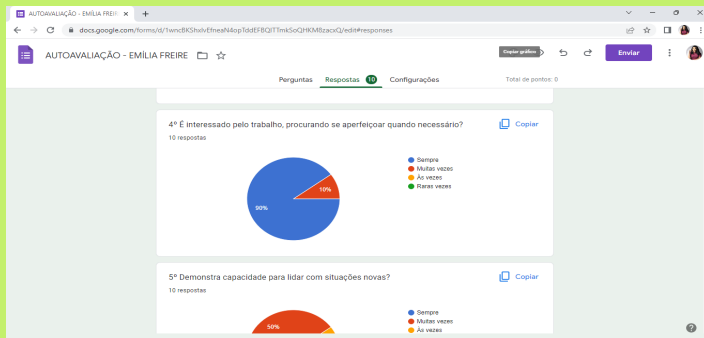
A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática. É a forma de acompanhar o desenvolvimento dos educandos e ajudá-los em suas eventuais dificuldades. (VASCONCELLOS, 1995, p. 43).

A avaliação teve como objetivo conhecer melhor a equipe, mesmo que em forma remota, equipe se constitui por 22 funcionários e entre eles 10 responderam o questionário abaixo, foi observado uma certa preocupação por alguns sobre o que responder a ponto de não responder o questionário e outras dificuldades no acesso do questionário virtual.

A autoavaliação foi composta por 13 itens, inicialmente a apresentação da pessoa depois questões interpessoais e comportamentais com o seu trabalho e em seguida foi aberto para sugestões para melhorar ações da equipe gestora, como consta no QUADRO 1 – Formulário de autoavaliação aos servidores.

Quadro 1 – 1º Formulário de autoavaliação para os servidores

Dentre as respostas do questionário vamos enfatizar três questões relevantes que foram as questões: quatro, cinco e treze. Inicialmente observamos uma equipe que estava aberta a aperfeiçoar seu trabalho e interessados pelo novo, inclusive em conhecer a nova equipe gestora, podemos confirmar essa observação nas questões 4 e 5 apresentado nos quadros 2 e 3 dos gráficos abaixo, no quadro 2 dos 10 servidores que responderam 90% estavam interessados em aperfeiçoar seu trabalho, enquanto no quadro 3 apresenta a capacidade dos funcionários de lidar com o novo, e consta que 40% tem sempre essa capacidade e outros muitas vezes atingindo 50% e outros servidores 10% às vezes, pelo gráfico percebemos algumas resistências, pois queriam o novo, mas tinham receio, sentimento normal de sentir, principalmente quando nos deparamos com o novo, Arendt (2005) aponta o novo como algo importante para a inovação e o progresso do mundo.



Quadro 2 – Questão 4 - Formulário de autoavaliação

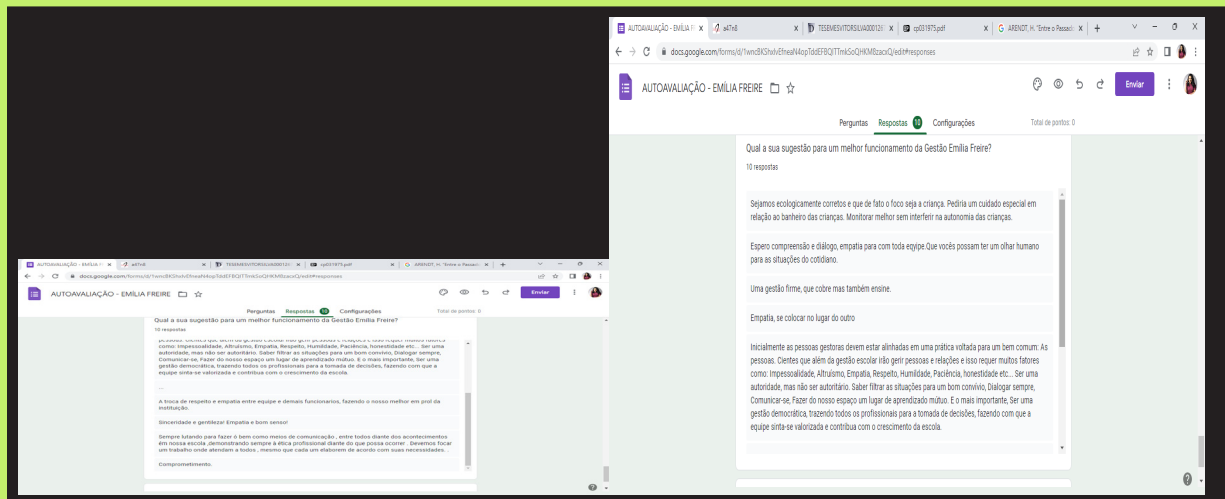


Quadro 3 – Questão 5 - Formulário de autoavaliação

Esse progresso do mundo é formado por pessoas que são pautadas de valores, pensamentos, sentimentos, opiniões, a qual cada um apresenta também suas habilidades e competências na área em que se atua e assim gerimos uma equipe. E em falar de opiniões vamos observar a questão 13 do questionário, a qual o servidor

vai sugerir e deixar seu pensamento sobre um melhor funcionamento da gestão da Escola Emília Freire.

No próximo quadro, observamos que a equipe chama a atenção nas suas respostas sobre o perfil de uma gestão apresentando que o bom funcionamento da escola estão interligados as ações e o perfil da equipe gestora.



Quadro 4 – Questão 13 - Formulário de autoavaliação

Nesses exemplos de fala que já nos mostra a comunicação participativa, pois nossos servidores estão sugerindo e ao mesmo tempo trazendo como informação o que eles desejam quanto gestores dessa escola que estava passando por mudanças administrativas e pedagógicas. E um dos pontos importantes das respostas mencionadas e o mais falado durante a pandemia foi o uso da palavra “EMPATIA”, palavra essa de grande significado e precisa ser executado em todos os espaços do ambiente escolar.

Segundo Snyder (2009, p. 244) define empatia como “a resposta emocional à dificuldade percebida de outra pessoa”, ou seja, um olhar empático envolve a capacidade de corresponder às emoções de outra pessoa. A empatia é a capacidade de olhar além dos olhos das pessoas, de maneira que seja possível compreender suas emoções e através deste olhar observar suas próprias atitudes em relação ao outro.

Além da palavra empatia percebemos as questões voltadas para a valorização do próprio profissional, uma gestão que seja firme, mas que faça junto na maneira de ensinar com respeito e pensando na prioridade da escola, e que a equipe gestora tivesse consciência em “Ser uma autoridade, mas não ser autoritário”, ou seja, autoridade precisava assumir o papel de líder a ponto de inspirar a equipe a andar junto nas ações propostas, e não o ser que só impõe as obrigações sem que haja nenhuma comunicação e participação dos envolvidos.

Líder além de autoridade, também tem o papel de servir, pois “Quando amamos os outros e nos doamos a eles, estamos construindo a verdadeira autoridade; e quando construímos a verdadeira autoridade, só então podemos ser chamados de líderes” (Apostila Liderança e Gestão Participativa, p. 8)

Vamos para o resultado! Feedbacks da Gestão comunicativa e participativa

Em fevereiro do ano de 2022 foi realizada a primeira reunião administrativa com o objetivo de alinhar os pontos positivos e negativos do ano anterior, porém antes do dia da reunião a gestora escolar elaborou e realizou com a equipe um DIAGNÓSTICO-FEEDBACK, a qual a equipe teria a oportunidade de falar sobre suas impressões do primeiro ano da equipe gestora, ou seja, era o momento de os servidores avaliar a gestão. Segue no quadro 5 as questões do formulário.

The image shows three panels of a diagnostic/feedback form. The first panel is the title page, titled "DIAGNÓSTICO FEEDBACK" by Emília Freire. It includes a quote: "Educação: 'Por onde passa tu deixa tua marca'. Então, vamos reconhecer? 'RECOHECER' - É filiar da alma. É mudar o caminho sem mudar a ESSENCIA. É não se dar por vencido. É saber a importância de parar, respirar e continuar mais firme e DECIDIDO sempre com persistência". O Pequeno Mestre. Below the quote is a video thumbnail titled "É SOBRE SER CACTO" with the URL "http://youtube.com/watch?v=67Nes2ao80Y". The second panel is blank. The third panel contains two questions: "6. Quais pontos a EQUIPE GESTORA poderia melhorar?" and "7. Qual a sua sugestão para melhorarmos as nossas ações quanto equipe no ano de 2022?". It also includes the name "EQUIPE GESTORA Emília Freire" and the Google Forms logo.

Quadro 5 – 2º Formulário diagnóstico/feedback

Inicialmente o questionário traz uma música reflexiva e introdutória, e tem como nome “É sobre ser cacto, de Felipe Rodri”, fala sobre pessoas resistentes no meio de gente que deixa sua marca, pois mesmo sendo um cacto é possível florescer, e começamos o ano de 2022 falando sobre nossas marcas, porém queríamos saber quais marcas a nova gestão deixou na equipe da Emília Freire.

Esse questionário foi destinado para toda equipe, a qual tem o quantitativo de 22 pessoas, porém percebemos que apenas 9 pessoas responderam o questionário, sendo 8 professores e 1 somente pessoa da equipe de apoio administrativo, mas mesmo diante de uma quantidade menor de participantes no questionário, tivemos respostas interessantes, e continuamos acreditando que há uma certa dificuldade no acesso as novas tecnologias de boa parte dos funcionários e outros uma certa resistência de participação.

Das questões levantadas vamos enfatizar duas: QUESTÃO 4 – Quais os pontos positivos da EQUIPE GESTORA? e a QUESTÃO 5 – Quais pontos a EQUIPE GESTORA poderia melhoras? E vamos para o feedback dessas perguntas:





Quadro 6 – Respostas das Questões 4 e 5 - Formulário diagnóstico/feedback

Diante das respostas do formulário percebemos resultados interessantes deste feedback para a equipe gestora, e traz realmente o perfil de gestores que lideram e que buscam servir, pois uma das respostas da QUESTÃO 4 que traz os pontos positivos de 2022, fala de quanto essa equipe tem um olhar humanizado, ação essa tão importante para os dias atuais, quando está aberto a ouvir e a refletir em conjunto, e ainda é falado que a equipe gestora é organizada, comprometida e traz uma gestão comunicativa e participativa através do diálogo e alinhamento com toda a equipe escolar.

E continuando assim como o ser humano que tem habilidades e competências, acertos e erros, temos também uma gestão escolar que estão sendo avaliada e que traz consigo seus pontos positivos bastante relevantes, mas também houve situações observadas pela equipe que era necessário melhoras o permanecer como estava.

Enquanto a QUESTÃO 4 foi observado os pontos positivos, a QUESTÃO 5 iremos ver o que precisa ser melhorado para o ano de 2022, foi perceptível que a gestão estava tendo dificuldade de compartilhar as obrigações, ou seja, dividir as tarefas entre a equipe gestora, precisava esclarecer melhor algumas informações, observamos que um dos servidores mesmo diante do trabalho remoto, ou seja, a distância, teve a impressão de que a equipe gestora não estavam em total sintonia a ponto de ver exclusão da vice gestora, ponto esse

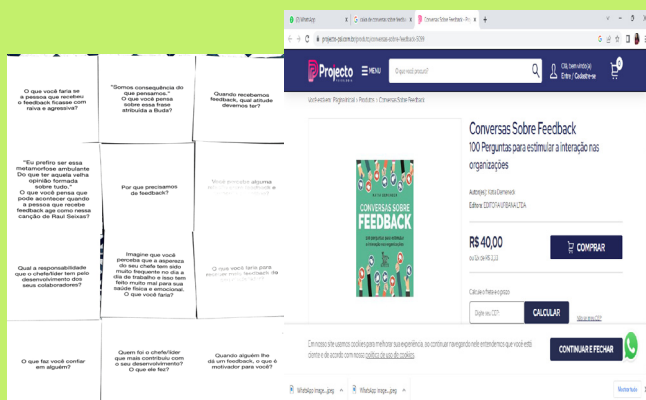
importante, pois a equipe gestora, a qual se forma por: gestor, vice gestor e coordenador, precisam estar alinhados para que o trabalho se desenvolva de forma eficaz nas duas modalidades tanto no trabalho remoto quanto presencial.

Mas mesmo diante dessa informação que apresenta um feedback negativo por parte da equipe gestora, as demais respostas mostram informações de elogios mesmo diante da pergunta do que precisava melhorar, é mencionada que foi perfeito e não tem nada a melhorar, que a equipe está no caminho certo e continuam desenvolvendo o trabalho e lutando sempre pela melhoria da escola.

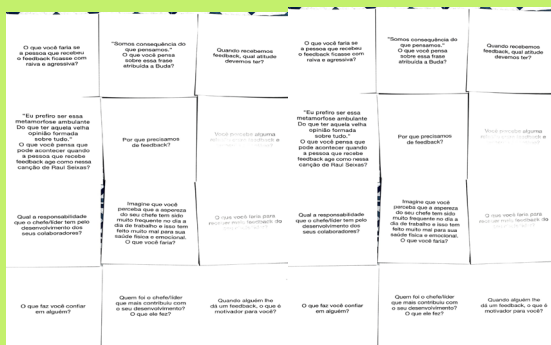
Logo após do formulário a equipe gestora já se organizava para receber a equipe no mês de fevereiro de 2022 para o retorno das atividades escolares, mas agora de modo presencial e uma das respostas do formulário nos faz pensar sobre esse ano “De acordo com o trabalho que já vinha se desenvolvendo, acredito que será preciso alguns ajustes visto que esse ano será diferente do anterior”, e realmente seria necessário alguns ajustes, porque agora teria que lidar com a equipe de modo presencial e com mais demandas.

E chegou o 3º momento - Reunião administrativa conversas sobre feedbacks de forma presencial, momento esse que foi utilizado para refletir sobre as respostas do formulário, momento de escuta, reflexão e decisões para o ano, mais uma vez a gestora retoma a música “É sobre ser cacto, de Felipe Rodri”, e cada um vai falando sobre as suas marcas de 2021 e são usadas palavras de empatia, partilha, escuta, valorização. E neste mesmo dia foi apresentado a mudança na gestão, a gestora permaneceu e ouve mudanças da vice gestora e da coordenadora, que logo foi bem acolhida por todos, tivemos a oportunidade de fala também e de conhecer um pouco mais a equipe.

A proposta de trabalhar feedback foi pertinente, pois mesmo diante da mudança da equipe gestora, foi dada continuidade ao trabalho e de concordância com quem estava chegando para mais uma vez formar a equipe gestora.



A gestora da escola depois de refletir sobre as respostas do 2º formulário diagnóstico/feedback, utilizou um livro-caixinha, como uma estratégia dinâmica para favorecer a comunicação e a participação da equipe, e assim possibilitar feedback diários entre tantos e a cada término de eventos da escola, comunicar as críticas de forma eficaz, incluir elogios e a gratidão a ponto de cada desafio e medos serem vencidos trazendo no ambiente de trabalho conversas significativas e transformadoras.



Livro-caixinha

O livro-caixinha foi apresentado para a equipe e logo foi perceptível a curiosidade, porque cada um tinha que retirar um cartão e falar sobre o questionamento das conversas sobre feedback, e o interessante que a cada cartão retirado se ouvia a resposta “parece que esse cartão foi pra mim”, e assim foi mencionado erros e acertos de anos anteriores e se alinhando, foi dado sugestões e reflexões, pois momentos as cartas traziam letras de músicas e afirmações que faziam a equipe refletir sobre as suas práticas e foi neste momento que tivemos realmente a participação de toda equipe de forma presencial diferente da proposta remota dos questionários que observamos a participação de alguns e outros não, e assim ouve uma gestão comunicativa e participativa através de práticas de feedbacks.

Feedbacks colaborativos e novas estratégias

E falando de feedbacks, todo esse trabalho colaborativo da equipe e considerando o 1º semestre de 2022, a equipe gestora sentou para rever alguns pontos, e chegaram a conclusão da importância de trabalhar as questões das emoções no ambiente de trabalho, levando em conta que estavam trabalhando com os estudantes o projeto: Competências socioemocionais: o nosso corpo fala, e nesse olhar foi direcionado a 4º Reunião administrativa e pedagógica sobre Competências socioemocionais: são tantas emoções.

E foi exatamente com tantas emoções e sentimentos sejam de alegrias, tristezas, medo, coragem que os servidores partilharam nesse 1º semestre, pois voltavam para um novo normal pós pandemia e com um trabalho presencial, a máscara ainda era obrigatório, assim como a higienização das mãos ao adentrar na escola, e sem falar das incertezas se as aulas iriam continuar ou não, pois tudo dependeria da diminuição dos casos da covid-19.

Neste 4º e último momento para concluir a coleta de dados desta pesquisa foi bastante significativo, porque a equipe conseguiu se enxergar mais a ponto de rever seu interpessoal e se autoavaliar sobre suas atitudes diante do novo e das velhas atitudes, a equipe gestora dividiu a reunião em dois momentos: 1º

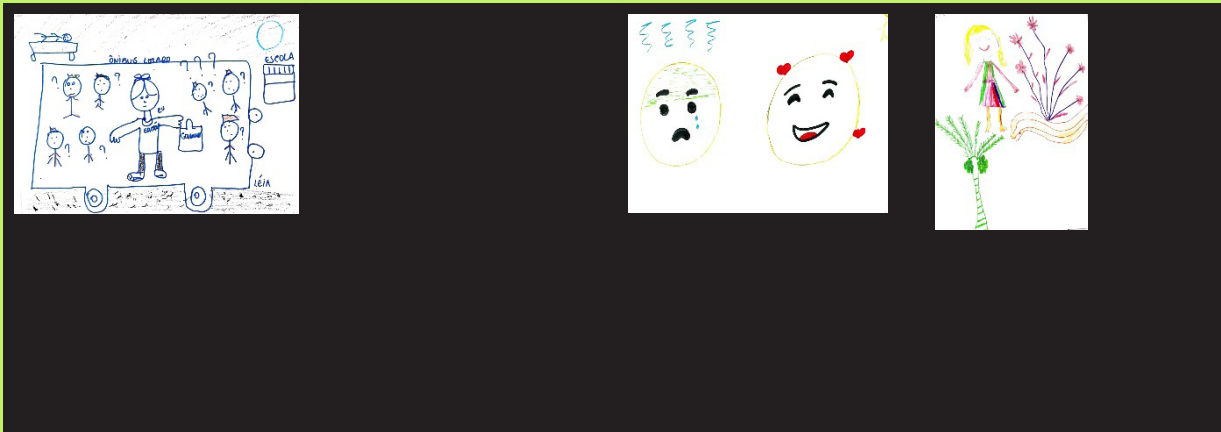
momento com a Equipe de Apoio Administrativo e o 2º momento com a Equipe Docente e auxiliares de sala, foi usada as mesmas dinâmicas, porém o 1º equipe voltado mais para organizações dos espaços em termos administrativos, enquanto a 2º equipe foi mais voltado para as práticas pedagógicas da escola, porém foram usadas as mesmas estratégias para se falar sobre competências socioemocionais: são tantas emoções.

Para introdução dessa reunião logo após a acolhida dos profissionais da educação foi utilizado a música: Emoções, de Roberto Carlos, e assim indo de encontro a temática são tantas emoções, a qual retrata a letra da música, fala dos momentos vividos, das histórias contadas, amigos que ganhou, das saudades, do choro, do sorriso e do mais importante que são as emoções vividas, e falamos justamente das emoções durante aquele semestre, a música por ser muito conhecida e de grande representatividade para o nosso país, teve uma participação maior para cantar e sentir a música a ponto de refletir sobre a letra.

Em seguida teve a fala da gestora falando sobre competência socioemocionais, com base no livro Competências Socioemocionais de Bolsa, de Itale Luciane Cericato, em seu discurso enfatizou as questões de lidar consigo (autoestima), lidar com os outros (comunicação) e lidar com os desafios (criar estratégias), já que é necessário no ambiente de trabalho lidar com suas próprias emocionais para poder se relacionar com o outro para que assim a comunicação aconteça de forma clara a ponto de encarar os desafios de forma eficaz.

E dando continuidade na reunião a equipe gestora orientou a dinâmica: colorindo as emoções, em que cada servidor faria em forma de desenho os sentimentos e as sensações que tiveram todo semestre seja de alegria, de tristeza, medo, raiva, risos. E cada um foi fazendo uns desenharam sua rotina, outros a se mesmo, abraços, outros elementos da natureza representando sua vida, esse momento percebe-se que todos se envolveram e se comunicaram através dos desenhos e no presencial todos foram participativos. Abaixo segue alguns dos registros dos desenhos representando essas emoções





Quadro 7 – Registro da dinâmica: colorindo as emoções

E depois dos desenhos feitos foi realizado a exposição dos mesmos através da brincadeira da mímica, em que cada servidor teria que encenar seu desenho para o grande grupo adivinhar, esse momento gerou muitos risos, espontaneidade e a participação de todos, pois eles conseguiram expor suas emoções de maneira leve e trazendo clareza para o que os representavam quanto seres humanos e quanto profissionais da educação. E depois os desenhos foram expostos no mural por uma semana como forma de valorização dos profissionais os vendo como seres pautados de sentimentos e sensações, a qual dias estão bem e dias não estão em seu ambiente de trabalho, porém cada um com seu jeito singular de ser e com suas habilidades e competências.

Diante do exposto, percebemos que mesmo diante da dificuldade de participação da equipe ao responder os questionários online, principalmente, a equipe de apoio administrativo, já que a equipe docente teve a participação maior em todas as etapas, consideramos o difícil acesso à internet de alguns para responder, porém nas reuniões presenciais percebeu-se a participação maior de toda equipe nas dinâmicas e nas estratégias desenvolvidas pela equipe gestora da instituição, ressaltando que equipe gestora soube lidar com os feedbacks alcançados a ponto de rever as práticas e os desafios diários no ambiente escolar para que fortalecesse os vínculos de comunicação e participação de todos de forma colaborativa.

E para fortalecer ainda mais esses vínculos de comunicação foi proposto para a equipe a brincadeira “O ANJO DAS EMOÇÕES”, que tinha como objetivo cuidar do outro, se doar e fazer o dia do seu colega de trabalho mais alegre e produtivo com mensagens motivadoras, elogios e elevando a autoestima do outro, e para essa estratégia foi feito em forma de um amigo secreto com os nomes de quase todos que fazem parte da equipe, e apenas uma pessoa da equipe não quis participar, cada servidor pegaria um papel e **não podia falar para ninguém.**

E durante um mês teria ações de cuidado e atenção, e todos os dias tínhamos mimos e cuidados pelos espaços da escola, e os dias foram de risos alegria, vibração a ponto de motivar e contagiar o outro com tanta emoção, e depois desse período chegou o dia de revelar o anjo de cada um e foi super legal, pois a equipe se entrosou, porém, foi observado que dois participantes se limitou um pouco a cuidar do outro, e foi aí que a gestora e outra pessoa da equipe de apoio se posicionou e foram cuidar daquelas pessoas que estavam sem cuidado, e no final percebeu-se que cada ser humano transborda para o outro o que há dentro de si e a importância de cultivar ações de afeto, respeito e harmonia no ambiente de trabalho é essencial para uma gestão comunicativa e participativa e assim foi possível enxergar através das estratégias expostas muitos feedbacks colaborativos.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou compreender a comunicação participativa entre a equipe gestora e a equipe escolar através de estratégias e práticas de feedbacks dentro da Escola Municipal Emília Freire de Lima, como são as relações interpessoais no ambiente de trabalho envolvendo ações mediadas pela equipe gestora como algo desafiador para o novo e também na busca de solucionar possíveis conflitos. Percebemos que a equipe gestora precisa estar unida para que a equipe esteja organizada e em harmonia, pois quando a gestão está alinhada a equipe terá segurança e nos proporcionará um feedback eficaz a cada reunião quando sentarmos para falarmos sobre as propostas pedagógicas e os eventos desenvolvidos durante o semestre ou ano letivo.

Foi perceptível que a equipe tinha uma necessidade de uma equipe gestora alinhada e com objetivos propostos que buscasse melhorar a interação e demonstrasse empatia com o próximo, a harmonia, o respeito e diferentes formas de pensar e também de serem ouvidos pela gestão.

Observamos que as práticas e estratégicas de feedback com a equipe favoreceu para uma gestão comunicativa e participativa, pois a cada etapa a equipe foi gerindo e conhecendo a equipe e assim construindo um ambiente de diálogo, escuta e com ações democráticas dentro de uma gestão de ensino público.

Referências

ARENDDT, H. “Entre o Passado e o Futuro.” Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 2005, 5ª. Edição, p.348.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: www.mec.gov.br/legis/default.shtm. Acesso em: 18 set. 2021.

DEMENECK, Katia. Conversas sobre feedback – 1. Ed. – São Paulo: Matrix, 2020.

ENAP. Fundação Escola Nacional de Administração Pública: Gestão de Pessoas para Gestores da Alfabetização. Brasília, DF, 2021. (Módulo Gestor Escolar como líder; 1)

Disponível: <https://www.escolavirtual.gov.br/programa/41>. Acesso: 15 set. 2021.

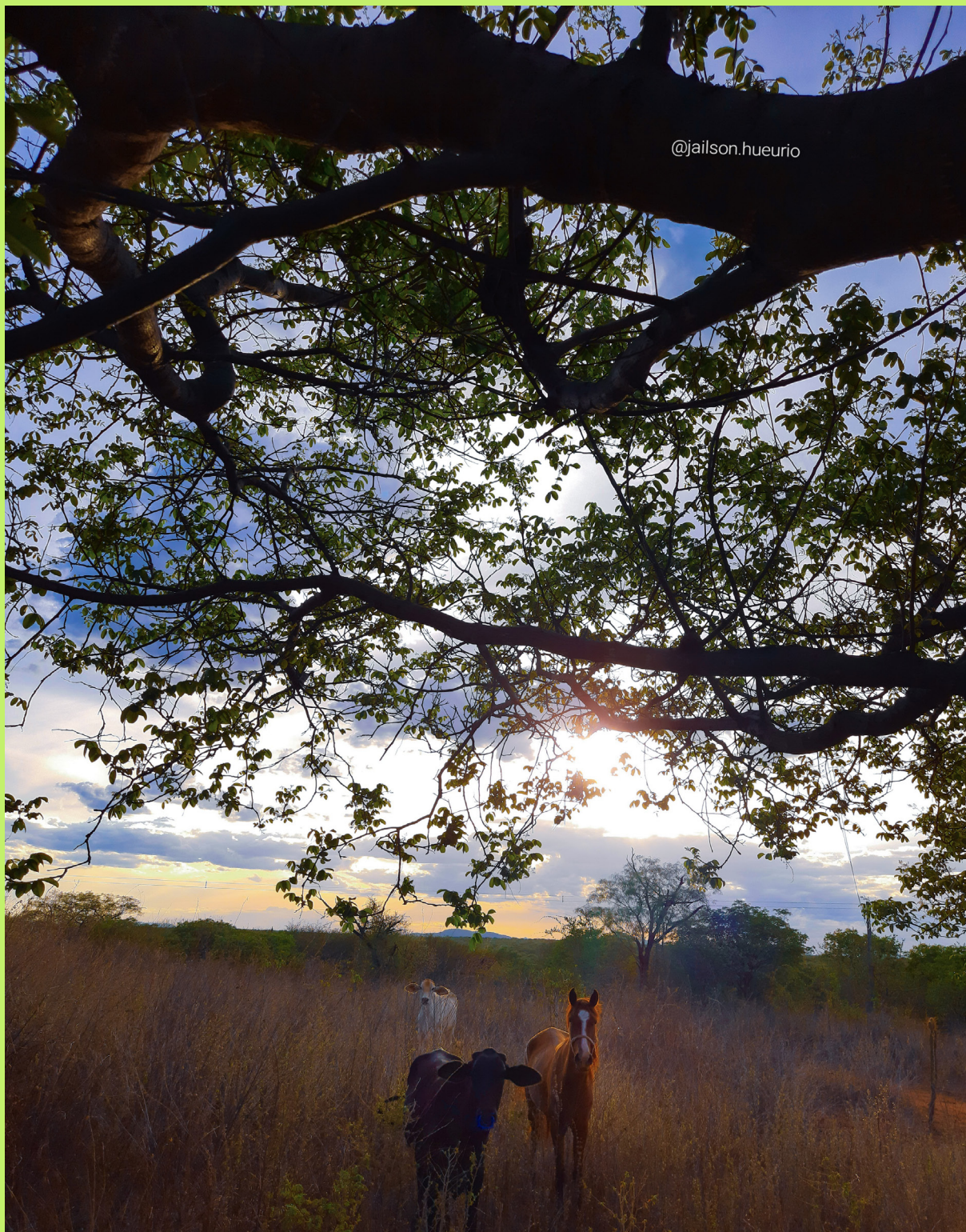
LUCK, Heloisa. Liderança em gestão escolar. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Série cadernos de Gestão; 4).

PARIS, Francisca; PARIS, Claudio. **Gestão escolar de bolso**: A arte de falar, fazer e acontecer. Arco 43 - Editora do Brasil, 2019.

SNYDER, C. R. Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. Porto Alegre: Arned, 2009.

VASCONCELOS, M. L. M. C. A formação do professor do ensino superior. Niterói: Intertexto; São Paulo: Xamã, 1995.

VIEIRA, Sofia Lerche. *Educação e gestão: extraindo significados da base legal*. In. CEARÁ. SEDUC. Novos Paradigmas de gestão escolar. Fortaleza: Edições SEDUC, 2005, p. 7 – 20.



Nossos Colunistas



DESDE BUENOS AIRES

ARACELI OTAMENDI

cuento Imágenes Hopper: Viajeros

Imágenes Hopper

Sentada en la cafetería de la estación de servicio frente a una taza de café se imagina protagonista de una pintura de Edward Hopper.

Lugares solitarios, figuras solitarias, aunque no estaba sola en ese lugar, había otros solitarios con una taza de café, algunos conversando entre sí.

Un hombre con una inmensa joroba, seguramente formada por la gran cantidad de cargas pesadas que llevó en su vida, hablaba con otro hombre, con el ceño tan adusto como él. Cada tanto reían, apenas, luego su semblante se acomodaba al gesto anterior.

Uno de ellos se incorporó y puso el teléfono celular dentro de un compartimiento para cargarlo.

Entró una mujer con un perro a comprar una botella de una bebida gaseosa fría.

Otra mujer sentada en una mesa miraba el teléfono celular completamente absorta en la pantalla. Había pedido un café doble y una medialuna rellena.

Una niña jugaba con un jueguito electrónico en una mesa mientras mantenía la mirada absorta en la pantalla imitando a la madre.. Habían pedido en el mostrador un café y una bebida gaseosa.

Era la media tarde cuando la luz del sol decaía y el calor de la ciudad amainaba como una tormenta que se iba retirando hacia otra parte.

En un estante había juguetes, pelotas de colores de distintos tamaños, mates, bombillas, jarros de plástico con imágenes de Messi y de la selección argentina, termos, souvenirs, gorros para el sol. La noche con su oscuridad y sus sombras aparecería pronto en ese café, como una visita molesta, inoportuna.

En una de las heladeras se exhibían sándwiches, tartas y otras comidas para consumir frías o calientes. Siempre eran las mismas comidas y anheló que su día interminable, de temperatura agobiante en la ciudad culminara ahí, comiendo una porción de alguna de esas cosas junto con alguna bebida fría.

Miró el libro bajado con una aplicación en el teléfono celular: una antología poética.

Anheló que el aparatito no sonara durante la lectura, que no llegara ninguna notificación, ni wassap, ningún emoticón, o video insulso, que no le llegara ningún mensaje por correo electrónico, ninguna publicidad del supermercado anunciando las nuevas ofertas. Hubiera sido más seguro llevar el libro impreso, no había tenido ganas de llevarlo en la mano.

Anheló que esos momentos de luz crepuscular y de concentración no se interrumpieran con algo banal, irrelevante, anodino.

Sí, ahora era la figura principal de un cuadro del artista norteamericano.

Su atención se detuvo en algo: había estacionado un camión con acoplado muy largo, iba a cargar combustible y bajó el conductor, un hombre de pelo oscuro, cuerpo macizo, y se dirigió hacia el local.

De la cabina de ese mismo camión bajó también una mujer joven vestida con jeans, una remera y zapatillas. Cargaba una enorme mochila y se alejó caminando rápido. Apenas se había despedido del hombre que conducía el camión. ¿Sería una de las tantas personas que hacen dedo en la ruta o esperan algún camión que vaya al mismo destino?

Las sombras de la noche habían entrado al lugar.

¿Desde dónde venía viajando ese hombre? ¿Quién era? ¿Quién era la mujer que lo había acompañado hasta ese momento durante el viaje?

La lectura le había hecho pasar el tiempo.

Vió al hombre pagar por adelantado a la camarera y esperar de pie el pedido: una porción de tarta, un sándwich y una bebida fresca que le entregarían después en una bandeja. La camarera tenía un tatuaje en el brazo izquierdo, era joven, delgada y despachaba muy rápido los pedidos. Un hombre joven se acercó al mostrador y mientras compraba elogió en voz baja los aros de la chica, te quedan bien, dijo. La chica no se inmutó y siguió ocupándose de los pedidos.

Casi sin darse cuenta estaba escribiendo mentalmente una historia, el hombre venía de un lugar lejano, había cruzado desde otro país siguiendo esa ruta tan larga casi como la cordillera misma, había atravesado el paso, se dirigía al sur argentino. En otra estación de servicio, lejos de ahí, una mujer joven le había preguntado si iba hasta Buenos Aires y podía llevarla. El hombre había dicho que sí, iba a cargar nafta y seguía viaje. La mujer hablaba mucho, había viajado como mochilera y ya terminaban sus vacaciones. Trabajaba como vendedora en una tienda. Había compartido el mate, la conversación y la música de la radio mientras el hombre conducía por la ruta.

Antes de seguir viaje hacia el sur, el hombre tuvo que detenerse en Buenos Aires.

El hombre depositó la bandeja sobre una de las mesas y se dispuso a comer.

En la ruta se había cruzado con un camión conducido por una mujer joven, pero eso no le llamó la atención, se había acostumbrado a ver experimentadas conductoras, mujeres fuertes que sabían afrontar los contratiempos que podían presentarse en un viaje.

Se podían tejer los argumentos, imaginar la trama, mezclar el pasado con el presente y el futuro, hasta lo que soñaba ese hombre cuando estacionaba el camión para dormir y esperar el amanecer para seguir viaje.

¿Y si todo fuera un viaje? ¿O un camino? ¿El hombre soñaba con montañas de picos nevados o con billetes de colores que iría a cobrar después del viaje?

Fue hasta la caja y pidió otro café y algo para comer. Una familia, una mujer y tres hijos lo esperaban.

El hombre del camión comía casi con voracidad mientras su mirada se detenía en la pantalla colgada del lugar.

Videos musicales, lugares estridentes, algún espectáculo donde se bailaba. La historia había cambiado de protagonista.

La pintura de Hopper se había convertido en un paisaje nocturno, solitario, con dos personas dentro de una cafetería, sentadas, indiferentes, una camarera detrás de una caja registradora, una pantalla titilando, imágenes, afuera la noche y una enorme máquina viajera detenida, pronto se iría, deslizándose por alguna ruta hacia otra parte, otro lugar.

© Araceli Otamendi

Araceli Otamendi

Araceli Otamendi (Quilmes, Provincia de Buenos Aires) vive en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires desde los 9 años. Graduada en la carrera de Análisis de Sistemas (Universidad Tecnológica Nacional – Fac. Regional Buenos Aires). Cursó estudios de literatura principalmente en el taller de Mirta Arlt. Es escritora y periodista, dirige desde hace veinte años las revistas digitales de cultura Archivos del Sur y Barco de papel. Publicó las novelas policiales Pájaros debajo de la piel y cerveza – Premio Fundación El Libro a escritores noveles 1994 y Extraños en la noche de Iemanjá. En 2000 su antología de escritores hispanoamericanos Imágenes de New York fue presentada en el Centro Rey Juan Carlos I de NYU, New York. Estudió pintura, guión de cine, dramaturgia, realizó seminarios de Literatura policial, con Ricardo Piglia (UBA), Seminario de pensadoras. Coordina talleres literarios y seminarios de literatura. Sus cuentos, relatos, poemas, ensayos participan en diversas antologías y han sido traducidos parcialmente a otros idiomas: inglés, francés, portugués, italiano, coreano. Ha participado en las III y V Jornadas Internacionales de Mujeres escritoras en las ciudades de San Pablo y San José de Río Preto, Brasil. También en la Feria Internacional del Libro de Buenos Aires y ferias del interior del país, y en encuentros de escritores en distintos lugares de la Argentina. Ha organizado mesas redondas y diálogos en la Feria Internacional del Libro de Buenos Aires con escritores argentinos y de otros países. Y ha sido y es jurado de varios concursos literarios. Ha traducido poesía y cuentos de diversos autores brasileños. Ha sido invitada a disertar en la Biblioteca Nacional de Chile acerca de la Tradición Literaria argentina. Desde marzo de 2022 es académica correspondiente de la Academia Gloriense de Letras (Brasil), silla número 9, Silvina Ocampo

ASTROLABIO



Márcia Batista Ramos

Los trenes en el sur

Los trenes en el sur andan despacio, son los mismos del siglo pasado, con el asiento duro y las ansias de llegar.

Desde la ventana del tren vi pasar, lentamente, paisajes y escenas que, de cierta forma, me había olvidado en la gran ciudad, con los ojos clavados en el celular.

Mientras estuve estática, sentada mirando por la ventana del tren, me percaté que la última estación, antes de mi destino, estaba igual con su letrero gastado, la construcción de piedra de estilo inglés, de apariencia fría con el mismo banco de fierro y la misma campana de toda la vida. Pero, había casas nuevas, como indicios de que el pueblo se estaba acercando a la estación. Seguramente, los niños de antes, crecieron, se casaron, tuvieron hijos y por eso, tantas casas nuevas pintadas como las casas antiguas, con el color nostálgico de rutina y sueños pequeños que caben en la billetera de un asalariado con familia. La torre de la iglesia, seguía siendo, la edificación más alta del pueblo, seguía vigilando todos los actos de todas las personas, para asegurarse de que sigan siendo buenos cristianos por los siglos de los siglos.

Pensé en las niñas de antes, que caminaban en la tarde equilibrándose sobre los rieles en fila indiana, con sus risas estridentes, soñando en crecer para subir en el tren e ir para la gran ciudad para ser libre, tener su propio departamento, los zapatos de moda y pantalones vaqueros.

Para las niñas de antes, la gran ciudad era aquél lugar allá lejos, donde las sábanas blancas no volaban prendidas al alambre del varal. Había un fascino por la gran ciudad, porque en ella hay

comida rápida, supermercado y cosas que facilitan la vida de las mujeres y les sobra tiempo para ser personas. Por eso en la gran ciudad, las mujeres andan sobre tacones y no con un delantal en la cintura y pueden cambiar la pañoleta blanca de sus cabezas por colores vibrantes en sus cabellos.

Pero algo les pasó a las niñas de entonces, que jugaban en fila indiana sobre los rieles, tal vez tuvieron miedo de subir al tren. Por eso, se casaron con los nuevos operarios de la fábrica del pueblo y se quedaron con sus mandiles y pañoletas a tender las sábanas blancas que sueñan que están volando con el viento, mientras los prendedores las sujetan al alambre del varal.

El miedo de ir más allá, de enfrentar lo desconocido, tal vez, fue el motivo para que pinten sus casas nuevas, cerca de la vieja estación, con colores de nostalgia y siembren en sus jardines ilusiones minúsculas de que sus hijas o las hijas de sus hijas arriesguen a cambiar su destino.

Si. Tiene que haber sido el miedo, el motivo para que ellas no se atreviesen a descubrir la soledad de la gran ciudad, con luces que reflejan el brillo de los cabellos de colores vibrantes y descubren la sonrisa maravillosa de quienes saben lo que no quieren.

Los trenes en el sur, son los mismos del siglo pasado, andan de espacio.

CASINHA DE SAPÊ



Rosa Regis

ORAÇÃO DECISÓRIA

Naquele dia saíra de casa atrasado. Na testa, uma ruga de preocupação. Discutira com seu filho... O motivo, um baseado encontrado em meio às suas (dele) roupas usadas e espalhadas pelo quarto. Um carro freou... Tomou um susto. Quase fora atropelado. O que fazer?... Como falar com seu filho de forma que ele o entendesse? Pede desculpas ao motorista por quase ter provocado um acidente. Segue o seu caminho cabisbaixo, porém, agora, tendo mais cuidado. Não quer que seus problemas afetem outras pessoas que nada têm a ver com eles.

Questiona-se... Será que a culpa fora sua? Será que deixara de dar-lhe a atenção devida?! Não. Responde a si mesmo. Dera-lhe as melhores escolas dentro das suas possibilidades, passeios, boas roupas... Mas será que esquecera o essencial? Será que deixara de fazer algo que deveria ter

feito? *Bi... biiit!* Buzina outro carro atrás de si. Pula de lado. Esquecera-se que estava no meio da rua outra vez. Sobe à calçada. Agora sim, está mais seguro para divagar nos seus tristes pensamentos. Será que merece o que está passando? Matuta consigo mesmo, uma lágrima a escorregar pelo rosto. Será que perdera seu filho para as drogas? A lágrima desce até o canto da boca, salgando-lhe os lábios ressequidos. Suga-a com a língua sentindo um amargor que lhe penetra o ser. Seu anjo, seu bebê querido, crescera e estava fugindo ao seu controle. Será que já o perdera para as drogas?! Inquire-se novamente. Esse pensamento o faz estremecer como se um frio incontrollável o atacasse de súbito. O que fazer? Como agir? Como se comportar diante de uma situação dessas para que não piorasse?

Prossegue seu caminho sem conseguir se fixar em qualquer coisa que não seja o pensamento de que seu filho está-lhe escapando... Mais uma lágrima molha-lhe a face. Topa numa pedra solta do piso da calçada por onde caminha... Equilibra-se e olha para frente, dando de cara com uma igreja que está sempre de portas abertas para os fiéis, entra, ajoelha-se e chora, chora..., sem conseguir pronunciar sequer uma palavra em prece. Levanta-se, enxuga as lágrimas com o dorso da mão, e sai. Está aliviado. É como se algo, um bálsamo, tivesse lhe penetrado o ser e sacado de lá aquela dor que parecia incurável.

Hoje não vai mais trabalhar! Não importa a falta nem as reclamações do seu chefe! Vai para casa. Precisa conversar com seu filho, precisa tentar ajudá-lo e o fará.

RELÓGIO DE PAREDE



Rosângela Trajano

Você tem entrado no mundo do seu filho?

Rosângela Trajano

Inicio o ensaio de hoje com o pensamento do filósofo e escritor de “O mundo de Sofia”, Jostein Gaarder “não é o castelo de areia a coisa mais importante na brincadeira da criança. O mais importante é a imagem de um castelo de areia que a criança tem na cabeça antes de começar a construir o castelo. Por que outra razão você acha que ela destrói com as mãos o castelo que acabou de construir?”

Leia sempre que possível o pequeno pensamento acima quando tiver dúvidas se acertará conviver no mundo do seu filho, este mundo imaginário que ele constrói com tanto carinho para guardar as coisas que podem salvá-lo das dificuldades e incompreensões que a infância apresenta e, se possível, que você possa aprender com erros e acertos a fazer parte deste mundo vez ou outra imaginando coisas para tornar tudo mais belo, pois beleza a gente encontra no mundo de uma criança que

cresce tendo respeitado o seu direito fundamental: brincar. Seja o castelo de areia da sua criança antes que outros queiram sequestrá-la para um castelo com portões de ferro que aprisionam alegrias.

As crianças gostam quando os pais brincam com elas e fazem-nas acreditar que os seus mundos imaginários são lindos e encantados. Brincar com uma criança seja lá do que ela quiser é demonstrar amor, carinho e cuidado. As crianças sentem-se mais amadas e mais necessárias aos pais e responsáveis, também chega aquele sentimento de sentir-se útil à vida de um outro alguém.

Será que você tem entrado no mundo do seu filho? Para entrar neste mundo é muito simples, mas precisa de amor verdadeiro e tempo disponível para brincar com a criança que deseja atenção e carinho. Entramos no mundo da criança quando permitimos que ela se expresse do seu jeito e conversamos com ela na mesma linguagem que utiliza para chegarmos até nós, fazendo-nos compreender com as suas simples palavras, o seu esforço de poder descrever uma cena imaginária ou o que aconteceu com um brinquedo.

A criança só quer que você entre no seu faz de conta junto com ela, brincando e imaginando personagens que só existem no seu pequeno pensamento, no seu pequeno coração e no seu enorme amor por todos nós que lhes dedicamos os cuidados básicos para uma vida cheia de encantamentos.

O nosso maior problema é que para entrarmos no mundo dos nossos filhos precisamos voltar a ser criança, e muitos de nós não tivemos uma boa infância e não queremos lembrar dela para não nos machucarmos, logo não oferecemos este tempo às nossas crianças com receio de que lembranças dolorosas venham à mente. Alguns pais não se esforçam mesmo por entrarem no mundo dos seus filhos, isso porque vivem ocupados com os seus trabalhos e rotinas cansativas, acostumados a uma vida difícil de seriedade e pessoas sem um pinga de paciência para lidar com uma brincadeira.

Quando entramos no mundo dos nossos filhos demonstramos cuidados e isso é bom para a criança que cresce acreditando que pode contar conosco, que existe alguém que a compreende, que terá sempre por perto alguém para amar e ser amada e o

mais importante a confiança que essa criança entrega para nós tornando-se um ser mais seguro e com poder de decisões e escolhas muito mais fáceis.

Às vezes na vida de uma criança há mais adultos do que amiguinhos da sua idade, e isso fica complicado para ela, pois lidar com a impaciência e cobrança que os pais e responsáveis lhe faz a todo instante é difícil e irritante. Ter que manter os brinquedos sempre em ordem, estar sempre limpinha, não gritar e nem pular pela casa, não bagunçar o quarto de dormir e nem subir no sofá, ficar quietinha dentro do automóvel, parecem ordens quase impossíveis da criança realizar. Mas, alguns pais fazem essas cobranças e quando as crianças não lhes atendem são castigadas.

Crescer ao lado de mais adultos do que de crianças da mesma idade é algo difícil e complicado, pois não conviver socialmente com outras pessoas da mesma idade pode comprometer o desenvolvimento da infância, uma vez que para o brincar verdadeiro é preciso estar com aqueles que sabem brincar e estão no mesmo mundo real. A criança que só convive com adultos pode ter problemas sérios mais tarde de convivência com o próximo, por isso é sempre bom socializá-la com outras da sua idade o quanto antes. A superproteção nem sempre é benéfica.

O mundo da criança sadia é cheio de encantos e magia. Nele existem muitos personagens e o papai pode ser o herói vestido de dragão ou a mamãe que está na torre à espera do seu príncipe encantado. Há fadas, bruxas, gnomos e duendes. Poderes sobrenaturais estão lá prontos para ajudar a criança no momento que desejar. Conseguir ser personagem real desse mundo é acolher a criança dentro de um amor incondicional. Brincar com a criança entrando no seu mundo imaginário e criando junto com ela as mais diversas brincadeiras, sendo o dinossauro que gosta de comer maçãs ou a formiguinha que gosta de comer doces nas madrugadas é sinal de que você respeita e ama a sua criança dando-lhe a atenção necessária para alimentar o seu imaginário de forma que cresça sempre fazendo deste mundo o seu local de fuga e acolhimento toda vez que necessitar largar a vida chata e incômoda dos adultos.

Quem de nós não gostaríamos de acreditar que é possível um mundo onde tudo se resolve com uma varinha mágica? Quem de nós não gostaríamos de acreditar que

um sapatinho de cristal pode mudar a vida de uma pessoa para sempre? É assim o mundo imaginário do seu filho e este mundo pode também pertencer a você se souber entrar nele o respeitando e cuidando para que as suas bonitezas sejam sempre preservadas.

Infelizmente conheço pais que desconstroem o mundo dos seus filhos, dizendo-lhes de forma grosseira e estúpida de que fadas não existem e dragões são coisas de criança mimada. Alguns pais que querem ver seus filhos adultizados antes do tempo. Fico triste quando vejo isso, mas tenho percebido que o mundo imaginário das criancinhas de um ano já não é mais como o de antes onde prevaleciam os personagens do faz de conta dos contos de fadas, sendo substituído pelos jogos eletrônicos das telas dos aparelhos celulares. Fico triste também quando vejo que os pais não dão mais atenção aos seus filhos deixando-os ao Deus dará nas poltronas das salas de visitas ou largados nos seus quartos de dormir presos a telas de computadores conversando com estranhos ou navegando em sites que não são adequados para as suas idades.

Eu gostaria muito de poder ver os pais brincando com as suas crianças nos parques de diversões, nas praças públicas ou até mesmo dentro de casa já que vivemos num mundo tão violento de uma forma em que o mundo da criança fosse respeitado e que nele pudessem caber outros personagens reais que ganham vestes de fantasia e encanto.

Quando os pais souberem que o segredo da infância saudável e amorosa é se colocar no mundo da criança de uma forma respeitosa e cuidadosa teremos menos problemas de saúde mental na infância, mais rapidez na aprendizagem das disciplinas de português e matemática, mais pensamentos lógicos, mais emoções bem trabalhadas e menos violências no mundo. Veremos que as crianças crescem cheias de sabedoria para lidar com os mais diversos problemas e dificuldades que vão aparecer ao longo das suas vidas e assim saberão compreender e vivenciar as dores que a vida adulta sempre traz.

Tente entrar no mundo da sua criança quando for convidado de uma forma respeitosa e cuidadosa fazendo valer o que pede o coração dela e que tipo de personagem

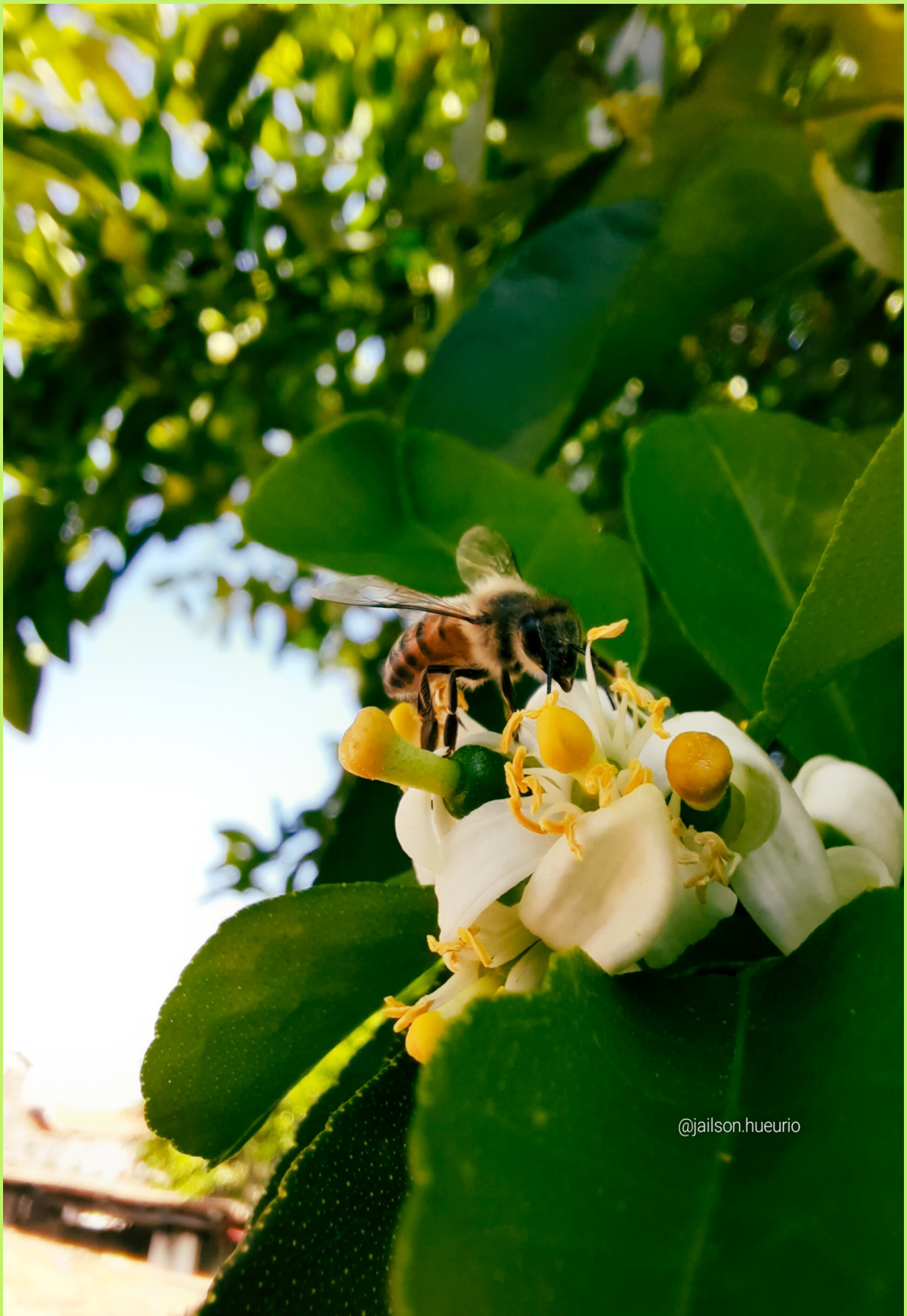
você representa naquele mundo de forma que os outros personagens não sejam machucados pela sua incompreensão ou impaciência para se adequar as emoções da criança que tanto busca um pouco de atenção e alegria ao seu lado. Respeite o momento do seu filho amando-o e brincando com ele das mais incríveis brincadeiras que ele possa imaginar, mantendo um diálogo cheio de criatividade e imaginário de modo que a criança possa estabelecer um laço afetivo com você.

A grande vivência da criança está na maior parte da sua infância no seu pequeno mundo onde poucos conseguem entrar e os que são convidados muitas vezes não sabem o que fazer lá dentro. É preciso compreender as emoções e sentimentos do seu filho para só assim poder fazer parte do seu mundo, um mundo onde alegria e fantasia fogem das intempéries de uma vida cheia de cobranças que nem sempre a criança entende o motivo de tantas atividades sem o tempo necessário para o seu brincar. Quando uma criança não brinca tem algo errado com ela, e isso precisa ser verificado o mais rapidamente possível. É brincando de ser algo imaginário que a criança aprende a lidar com o mundo real, mesmo este sendo tão complexo para ela.

Segundo Donald Winnicott, brincar está além da diversão, do entretenimento: “*a característica do brincar é o prazer*”, mas esta atividade só dará prazer se for significada. “*A significação do brinquedo depende do uso de símbolos*” e, assim os símbolos podem ser aqui representados pelos pais que passam a ser personagens em forma de bonecos para a criança tornando-se uma significação de algo que traz harmonia, paz, amor e esperança para um mundo real tão difícil de ser compreendido pelos pequeninos.

Para entrar no mundo do seu filho basta um pouco de imaginação e criatividade, pois o resto já está pronto na cabecinha da criança. Ela sabe de tudo e de todas as coisas para se manter ali pelo tempo que precisar e você papai ou mamãe apenas deve respeitar esse tempo fazendo o possível para tornar este mundo um lugar de paz, alegria e esperança de que tudo vai melhorar ou estará sempre bem a partir do instante em que os personagens imaginários junto com os reais se preocupam no bem-estar daquele serzinho tão lindo que convive conosco e necessita tanto dos nossos cuidados.

E para finalizar este pequeno ensaio sobre a importância de entrar no mundo da criança para que ela cresça mais feliz e saudável, eu deixo vocês com um pensamento de Lev Vygotsky “ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.” Que as brincadeiras da criança possam fazer do seu mundo imaginário um convite aos pais para entrarem de forma encantadora e amorosa neste lugar cheio de vontade de alcançar a felicidade mesmo sabendo que o mundo real é tão incompreensivo ao seu bem-viver.



Contos

Espiralado

Não podia ser coisa boa uma aparição de tamanho negrume. Leilana pensou com a faca enterrada na barriga.

No dia que a menina mais nova nasceu, uma mão preta pairava sobre a cabeça dela. Tudo começou ali.

“Deve ter algo errado com ela, Juscelino.”

“Para com isso, mulher, a menina é sadia, as bochechas toda rosada, olha!”

Quando viraram pra olhar, viram a menina roxa, têsã feito um galho seco. Foi salva. – Ele implorando aos médicos do hospital das Clínicas, ela caída aos joelhos orando pra Deus.

Passados alguns anos, pegou um ônibus pra visitar a mãe em Alfenas. Não tinha ninguém junto dela, era tão vazio lá dentro quanto nas ruazinhas de fora, e enquanto acompanhava a desolação da cidade que parecia dormir ou morrer, o ônibus parou. “Esse é o ponto final, moça.” O homem, retinto como o céu da madrugada, inclinou-se da cabine pra que ela pudesse vê-lo. Trazia uma marca no rosto, era espessa e assustadora, como a voz que entoava. Forçou a vista, mas no momento em que os primeiros raios de reconhecimento surgiram, acordou.

Não demorou até que chegasse o telegrama: **morte família ligar urgente.**

“Eu deveria ter pego um ônibus de verdade. Ele podia ter me avisado antes.”

“Talvez seja alguém da família, um tio antigo. Nossa mãe falava de um assim...”

“Duvido, Luziana, aquela coisa nunca traz bom agouro.”

“Um encosto, então...”

Teve o dia em que acordou no meio da noite e ele estava lá, a mão na soleira da porta com um ar sorridente.. No outro dia o Madilsom levou um choque que quase morre na gambiarra. No outro, quando o Romualdo ainda era pequeno, acordou com o choro. Chegou a tempo de ver os olhinhos assustados com o homem tão grande que balançava seu berço. Amanheceu amarelo, uma hepatite aguda que por milagre não o levou.

Já era setembro e calor implacável não a deixava dormir. Viu a figura diminuta sentada na prateleira da estante. Era ele, o homem da cicatriz. Pensou por um minuto, decidiu que não restava outra saída, a presença dele ali era a resposta.

Do lado da cama, a faca esperava resiliente. Era tudo tão certo, cada pedaço importante voltando àquele ponto, o começo e o fim em espiral.

Alessandra Cotting

Nasceu em São Paulo, mas mora atualmente em Maceió/AL. Formada em Letras, mestranda em Língua Portuguesa, atua como professora da rede pública de ensino.

Fez outono no jardim mas nós amamos

Aurora Miranda Leão

A Casa era valiosa. Indubitável valor. Não há medir pelos anos nem pelos tijolos colocados, muito menos porque poderia ser revertida para quatro ou cinco pequenas fortunas particulares. Sim, a Casa valia muito. Mas no agora do tempo de hoje, vigendo a solidão do nada de Pai & Mãe que ficou, indagam, atônitos e estupefatos, cadê o valor pelo qual tanto brigaram. Desconhecem o abrigo do arômeta. Sequer desconfiam: a Casa em si não guarda valor algum.

A Casa mesma, de paredes, tintas, cal e telhas, comprada para celebrar o casamento da filha caçula, nenhum arrojo tem porque o valioso não é o edifício de 30 dinheiros na hora de repartir herança. Uma casa vale pelas pessoas que nela alimentam suas raízes e plantam seus sonhos, seus princípios, sua ética.

Uma casa começa pela planta baixa das pilastras morais de cada inquilino que naquele território acavará pedaços de sua vida nos escaninhos do tempo. A Casa era isso: sua materialidade física pouco ou quase nada valia se dela usurpassem o ouro da mina, os tesouros que multiplicaram sua ancestralidade fincando raízes e colecionando prêmios de gratidão e apreço, hoje reverberando saudade que não se mede mas se aprofunda ao correr das horas. Sim, A Casa valia imensamente.

Vale muito uma casa quando a profundidade de seus alicerces é o mimético fruto de um amor perenizado pela sintonia do afeto e o vigor dos desejos sexuais, amplificados pelas energias do mesmo gozo, as quais, nem mesmo os embates do cotidiano - tampouco as rachaduras das intempéries ou o sol claudicante dos desertos sociais, as iniquidades das almas putrefatas pela inveja e a ignorância da generosidade -, podem abater.

A Casa era deveras valiosa! Porque a medula de quem nela vivia era imensurável e não havia preço ou proposta de venda que pudesse alcançar. A Casa valia bastante sim, dinheiro algum poderia comprar porque correspondia à firmeza do edifício moral que a adargava, Pai & Mãe de honradez e caráter, vô e vó de amor genuíno e indivisível pela neta de todos os afetos, turmalina paraíba que Marlene e Luiz ostentavam azuladamente na alma como troféu da vida inteira, a inspiradora Joyce, de quem os avós já eram o Amor Maior mesmo antes de ela abrir os olhinhos marotos e nascer para este mundo, dando língua como a dizer “Cheguei!”, na manhã sublime e doce de 26 de agosto na “Irmã do sol e do mar” – de quem os versos se guardaram para melhor amar -, Fortaleza.

A Casa era mesmo bastante valiosa. Valia porque as paredes de sua solidez eram feitas da argila singular de blocos de amor, dignidade, nobreza, acolhimento. Eram esses incomparáveis tijolos, argamassas, cobogós, vergalhões, rebocos e cantoneiras de sentimento, alguma coisa rarefeita pelo tempo, qual pinho de riga ou marfim siberiano, que sustinham os metros de esperança, empatia, hombridade, tolerância, plenitude e beleza, concessores de vitalidade à Casa. Tudo isso fazia da Casa o bem de maior valor da rua do meu aconchego.

A Casa valera muitíssimo mesmo. Porém, quem a ela aferrou-se, cadeado em punho e ética na lixeira, não enxergou: nos bueiros da negligência e irresponsabilidade ofertadas a Pai & Mãe, a vida da casa também esvaiu-se - porque já definhava anos a fio -, por entre as frestas

do desrespeito e da incongruência, arrastando Pai & Mãe pelos desvãos da iniquidade e do desatino.

Sem eles para segurar o edifício patrimonial e afiançar a construção da integridade, A Casa já não era nada além de salas enormes e vazias, quartos silentes e corredores solitários, portas e janelas disfuncionais, varanda, quintal e jardim impenetráveis, inamovíveis, dispensáveis, desnecessários.

Carcomidos pela vastidão do mau-caratismo e dilapidados pelo barbarismo da própria estupidez, os incautos filhos primevos, invasivos moradores da Casa – a qual, em segundos, passou do maior valor do mundo para o nada da obsolescência pecuniária -, viram-se perdidos, náufragos de uma viagem sem retorno para o pântano da inconsequência, cravejados de perguntas infinitamente sem decifração.

Porque a solitária resposta cabível, a única solvência possível e plausível quando se edifica um patrimônio que a imortalidade bafeja com os raios do eterno agora, é a Ética, a Bondade, o Amor, o Caráter e a Integridade, coisas caras demais para serem adquiridas com o dinheiro que eles agora tem de sobra, porém que não compra nem o que está ao relés do chão da probidade.

Sim, A Casa tinha inafiançável e intransferível valor. Sem seus dois esteios, petrificou-se no nada da carência moral e privação da decência.

A Casa era Mãe & Pai. Pai & Mãe era.

Mãe & Pai era A Casa que ludibriava minhas carências e acalentava o vento nordeste dos meus sonhos. Pai & Mãe era A Casa que ancorava minha fortaleza e acolhia minha ânima.

A Casa será, eternamente, Mãe & Pai, no mais fundo do meu sentimento.

Aurora Miranda Leão

Jornalista, atriz, locutora e roteirista cearense, é editora do blog Aurora de Cinema, especialista em Audiovisual em Meios Eletrônicos pela UFC e doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atuante nas redes sociais, seu perfil pode ser acessado em <https://linktr.ee/auroradecinema>.

NOTÍCIAS DO LESTE

Carlos Godoy

Não foi envolto nas sombras da noite, ah, não, mas como quem aterrissa vindo da própria luz da manhã. Abriu a janela de minha sala de par em par feito uma aparição de outro mundo. Contudo, nada havia de mais concreto, nada mais comezinho de que suas botas enlameadas sujando o tapete; Santa Ifigênia em 6x sem juro. Quando me perguntou se eu podia lhe dar um copo d'água, quase respondi que não falava sua língua, porém achei por bem ir até a cozinha e encher uma garrafa de plástico de 1 litro com o líquido que sai do filtro instalado junto à torneira e que, se deuses e orixás ou a simples sorte, me derem uma colher de chá, aquilo é água boa de se beber. Sem diarreias há um bom tempo. Ou minha memória colapsando.

Ao voltar para a sala, encontrei-o ainda de cabeça baixa, parecia envergonhado, mas não com a lambança na poltrona e no chão, porém com alguma coisa que só ele via por meio dos olhos cravados na distância impensável do terrível. Aceitou a água, com um piscar de olhos e uma ou duas sílabas de agradecimento e passei de imediato a entabular uma conversa, diálogo construído com palavras estranhas a ambas as partes e de significados tão claros que dispensavam a própria existência.

Porque agora ele me falava do céu branco e doentio de São Paulo como algo que não era nem bom e nem mau, apenas um céu. Então eu lhe falei de meus filhos, que haviam acabado de passar o final de semana comigo, enquanto, ato contínuo, ele me perguntou sobre a mãe deles, de quem falei sem descambar para recriminações – mesmo que veladas. Ao mesmo tempo, eu sugeria que depositasse seu fuzil no chão, que aquilo já pesava em mim, não sendo de *grande finesse* mantê-lo pendurado no ombro, com o que ele aquiesceu de imediato, desculpendo-se pela falta de jeito, pois estava desacostumado de tais filigranas, “entende, né? Que na guerra não há tempo para elas.” Resolvi enveredar por assuntos que eu concebia como chãos, ao passo que uma certa aura de profundidade teimava em cercar o colega, cujos olhares insistiam em escavar as paredes, o teto, o assoalho – pedindo uma demão de verniz urgente – e principalmente a mim, mesmo ao mirar a chama sempre vermelha dos cigarros acesos sem piedade, um no outro, como um calendário/relógio peculiar marcando dias, horas, pausas, silêncios, aflições. E desesperança não posso deixar de fora acima de tudo. Sim, eu fumava e a cada tragada as estações passavam feito trens fantasmas, sem maquinista à vista para lançar jornais com manchetes de sangue dando conta das misérias dos Homens.

Não me recordo com nitidez do dia, nem mesmo do ano, que meu barco à deriva encalhou em ‘mulheres’. “Mulheres! Como vocês devem estar orgulhosos delas!” E ele concordou oscilando a cabeça num unísono que envolvia lábios e o queixo para cima e para baixo. Foi quando – talvez no único momento de sua estadia intensa – ele modulou a voz para um tom mais alto, mais ríspido como quem atira minúsculas granadas de boca morro abaixo. “Nossas mulheres são inigualáveis.” E eu me ajeitei no sofá meio que exibindo interesse pleno, “As de carreira, com insígnias reluzentes, próprias das mais altas patentes, ou as tiradas dos postos de comando na administração, ou mesmo aquelas acostumadas à rotina de marido, filhos e lar... você sabe... –Acho eu que sei. “Nossas mulheres matam! Como sabem matar!” Voltei a me reclinar no sofá, sabia que as granadas atingiam além dos inimigos. Senti-me alvejado, e nem teria sido necessário incluir-me na narrativa. “Matam melhor que você, tenho certeza. Uma

delas... conheci uma delas. A gente já tinha levantado mais de cem ‘Vivas!’ ao que parecia ter sido uma vitória: ‘Vivaa’” – Um viva quase gutural, um túnel cavado na garganta – “‘Viva’. E ela me arrastou para fora do alojamento. Senti as mãos tão fortes que cheguei a duvidar se realmente era uma mulher ou de um homem disfarçado. Amamos... quer dizer, trepamos no sentido específico da palavra: em pé, unidos na volúpia desesperada daqueles que vão morrer... Que ridículo...” – Nem sequer naquele momento o homem fez menção a algo como um sorriso, o que seria próprio para enfiar uma adaga de ironia no que disse –, ... “como se o fim, não fosse comum a todos nós. No dia seguinte, ela parecia mais disposta, corada, louca pelo combate. Posso dizer: pronta para conquistar! Dar fim à guerra? Nã-nãão. Havia muito a lutar, mesmo quando um inimigo rendido lhe suplicou perdão. No segundo exato em que liquidou a questão – sim, questão –, eu podia jurar que uma tristeza própria do fastio tomou a fisionomia dela: um pedaço de bolo a mais.”

Acredito que o mesmo tenha acontecido com o rapaz. Foi tão abrupto como quando da chegada. Só titubeou um átimo, e quase vi-o pensar sobre a brevidade inerente a todas as coisas; agradeceu pela hospitalidade, levou o fuzil ao ombro, parou um instante próximo à janela de meu apartamento, olhou para mim, disse “hoje não chove.... e desculpe-me pela sujeira.” Aí, fui até onde ele havia ficado um momento antes, vasculhei o céu azul, incomum na cidade, e pensei, enquanto corria as cortinas: uma história da guerra é como todas as histórias de guerra. Voltei-me e, meu violão parecia solitário encostado na parede, no entanto, quase em desespero, peguei o controle da tevê para ver como estavam as coisas pelo Mundo.

A MANGUEIRA DO OITO: A LENDA DO HOMEM-SEM-CABEÇA

CONTA-SE que existe uma mina, ou melhor, uma botija na Mangueira do Oito. Os homens que um dia ousaram em tirá-la se deram mal. Isso foi há muito tempo.

Dois homens muito corajosos decidiram tirar, a qualquer preço, aquela botija. Custasse o que custasse eles iriam arrancá-la, mesmo que para isso, tivessem que valer suas próprias vidas.

Porém, havia uma condição para se tirar a mina: teria que ser numa sexta-feira 13, de preferência, à meia-noite, com a lua cheia.

Os homens estavam decididos mesmo. Esperaram o dia, a hora e a lua. Despediram-se dos familiares, amigos e partiram para aventura. Assim como, todo jovem solteiro, aventureiro que sonha por riqueza, partiram levando as ferramentas necessárias: pás, picaretas, enxadas, etc.

A lua estava no centro do céu e incidia justamente sobre o lugar em que se encontrava a fortuna. O interessante é que não se precisava de mapa. O “X” do tesouro era uma mangueira centenária, em cujo tronco havia um oco assustador. Na tal Mangueira do Oito.

Estava tudo dado. Precisava-se apenas, de gente corajosa. E isto, era o que não faltava naqueles dois mancebos, eufóricos e afoitos. Mas, era justamente essa gratuidade, essa coisa dada e fácil, que assustava quase todo mundo. Por isso, quase ninguém ousaria arriscar ficar rico. Isto é, até enquanto não aparecessem homens de coragem, como aqueles dois cachopos.

Os dois homens, quando viram o local da mina, riram da felicidade. Tudo estava tão claro que parecia dia. Só precisavam cavar e dentro de algumas horas estariam ricos.

Começaram o trabalho. À medida que um se cansava, revezava com o outro. E assim, foram até tocarem em alguma coisa fofa, como se fosse a tampa de um baú daqueles bem antigo.

Ambos se entreolharam e dobraram as gargalhadas noite a dentro. Abraçaram-se e pularam de alegria entoando um canto:

“Estamos ricos! Estamos ricos!...”

Bom, estavam a contar vantagem antes demais. Ou seja, antes do tempo sem medirem o que vinha pela frente.

Quando realmente retiraram a areia da tampa do baú, perceberam que havia alguma coisa estranha desenhada. Era a figura de duas serpentes em forma de cruz e no meio desta, uma caveira com duas armas em “X”. Logo abaixo, um escrito dizendo:

“Parabéns! Vocês conseguiram a primeira parte e para chegarem à outra, alguém terá de morrer.”

Os dois se entreolharam sério, num silêncio de morte. Como se dissessem um para outro: “É você quem vai morrer, eu não!”

Ambos já se encontravam armados, um ao lado do outro, dentro do buraco. Um com a pá e o outro com a picareta. E num silêncio cauteloso decidiram abrir juntos o baú.

O que estava de posse da picareta decidiu destruir o cadeado velho e enferrujado; o da pá, ergueu a tampa e, de súbito, numa rapidez relâmpago, cada um pegou uma das duas armas que estavam dentro do velho baú.

Eram duas velhas garruchas de fogo. Eles saltaram do buraco e, ao mesmo instante, se ouviram os estampidos das armas correrem mundo afora. As duas serpentes haviam agarrado, num bote certo a perna de cada um deles. Os tiros serviram para dar fim, às duas serpentes.

Eram duas balas em cada arma, agora só restava uma para cada homem. E essa é que iria decidir o vitorioso num duelo. Sim, num duelo mortal.

Tudo foi decidido em questão de segundos.

Eram dois jovens saudáveis, espertos, rápidos e vivazes. Mas muito ambiciosos.

A lua era a única testemunha daquele desatino. Alumiava a vida iminente daqueles dois jovens. Estava tão dia, aquela noite quase madrugada, que ambos viam-se nos olhos dos olhos um do outro. Não tiveram chance de atirar. Esperavam apenas por uma oportunidade. Um vacilo. Um piscar de olhos apenas seria fatal, e tudo estaria decidido.

Só foi a lua, não mais querer servir de testemunha, que eles decidiram o duelo. Quando ela reapareceu, estava estendido no chão, um dos jovens, com uma bala no coração. O outro sofrera um tiro de raspão no peito esquerdo.

O jovem vitorioso, sedento de riqueza, dá o seu último sorriso de felicidade e diz:

“Agora, a riqueza desse baú será só minha. Só minha! Eu estou rico! estou rico! rico! rico!”

Desceu o barranco e recomeçou o trabalho. Agora, sozinho!

Retirou o baú para fora e percebeu que existia um outro por baixo. Com muito pouco esforço conseguiu puxá-lo também.

Aí, viu que sobre a tampa do baú estava a figura de outra caveira. Ficou assustado, mas o desejo pela riqueza o fez de tudo esquecer.

Quebrou o cadeado e, quando abriu o baú, seus olhos se ofuscaram com o brilho das pedras preciosas ajudado pela luz da lua que agora irradiava a última luz de um moribundo. Existiam, também, medalhas de ouro, correntes, rubis, diamantes e muitas moedas.

Tudo isso acontecendo, e o jovem com as costas viradas para o oco escuro, no troco da Mangueira do Oito. Sem que ele esperasse, justamente daquele oco, saiu uma caveira com uma foice tão afiada, que brilhava à luz da lua, e numa rapidez de luz:

“Tiiisst”. Decepou-lhe a cabeça.

Nesse exato instante, o homem-sem-cabeça, feito um tresloucado, saiu correndo pelo mundo afora dizendo, num grito horripilante:

“Eu estou rico! Estou rico! rico! rico!”

De Emecê Garcia do Livro POVAREJO publicado em 2008 – Natal/RN

A princesa Yasmin

Era uma vez, uma princesa chamada, Yasmin, que vive no reino encantado Salvador/Ba, na região do nordeste, com seus irmãos: Thiago e Caroline. A princesa Yasmin nasceu em 28/03/1999, rica de beleza e doçura, e logo seus pais, Adriano e Jaciara, perceberam que a sua filha era muito especial. A menina tem o dom de encantar todos com o seu sorriso doce. Os olhos de Yasmin parecem esmeralda e ametista ao mesmo tempo; têm um brilho de pedras preciosas. Os cabelos da princesa Yasmin são longos e acastanhados; brincam com o vento e trançam liberdade. A menina é amor da cabeça aos pés. São 24 anos de luz e equilíbrio. Mas, um belo dia, a bruxa da incerteza tentou apagar o seu sorriso. Plantou a sementinha da dúvida. E a madame inveja não deixou por menos, também quis ofuscar a alegria da jovem Yasmin. Então, bolaram um plano terrível, de fazer Yasmin pensar que não era amada e desejada. A jovem princesa, por instante, ficou triste. E, quando olhava para o espelho, falava: - Não sou bonita. Não sou querida. Ninguém me quer. Por um tempo, o plano das bruxas funcionou. Mas, nada melhor que o próprio tempo, pois toda maldade tem remédio. A princesa Yasmin aprendeu a lutar contra a mentira, e acabou com a inveja dando o melhor de si. Provou seu valor passando no curso de Fisioterapia, e tudo o que se propõe a fazer, faz com determinação. É aguerrida por natureza, essa flor de certeza inspira outras pessoas. Yasmin mostrou que com o esforço, a coragem, a humildade, a determinação e o objetivo, nenhum mal se sustentará, nem dúvida alguma vai diminuir sua fé. Voe, Yasmin! Você tem um mundo de possibilidades, explore! Entretanto, não tenha medo de cair, pois o chão é um recomeço. Nunca duvide do seu potencial, da sua força e do amor de sua família. Te amo, filha! E, assim, Yasmin está vivendo, um dia de cada vez, sorrindo e sendo feliz.

Para Yasmin, um tantinho do meu amor incondicional de mãe .

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador/Ba



Administradora, bacharel em contabilidade, pós-graduada em Gestão Pública Municipal e Direitos Humanos; e mestranda em Estudos Étnicos e Africanos. Ativista das causas sociais, tem obras publicadas, de Salvador-Ba. Aprendiz das letras, esposa de Adriano, mãe de Thiago, Caroline e Yasmin e avó da Liz.

Caricatura da liderança

Fala-se muito do comportamento da liderança em relação aos aspectos negativo como se todo colaborador fosse vítima do sistema capitalista, e o gestor é caricaturado como o vilão sem coração. Uma visão de mundo enraizada nas ideias de Karl Marx, onde ele ensina através do socialismo científico que é preciso lutar para acabar com as injustiças do capitalismo. A essência da teoria marxista é a luta de classes e o abolição da propriedade privada. Para ele, a classe operária deve tomar os meios de produção dos donos do dinheiro e as estruturas de classes deveriam ser alteradas a partir da oposição de empregados contra patrões, mulheres contra homens, pobres contra ricos, cor de pele, estrutura capilar, orientação sexual e os antônimos da gramática.

Essa sociedade do caos cria uma ruptura no conceito de ordem e direitos privados. Neste sentido, toma-se partido pelo lado que representa determinada classe, e que, muitas vezes, deixamos transparecer quando curtimos e compartilhamos as postagens. Mas quem disse que o conceito de bem ou mal é prerrogativa de classes, estamento e condição social? A verdade depende muito do poder de quem fala e da conveniência de quem escuta, e toda verdade é relativa, não é absoluta.

Por isso, faz-se necessário um entendimento do todo para uma tomada de decisão mais

assertiva, mais racional e menos parcial. Um líder não é vilão ou mocinho, é um ser humano normal que comete os mesmos erros que seus liderados, tem medo, anseios e também cria expectativas em relação ao grupo. O gestor não é uma máquina insensível, cruel e treinada para matar o emprego de alguém, ou então, um inimigo público só porque lutou pelo seu patrimônio e/ou cargo. Tomar decisões é difícil, principalmente com um perfil de consumidor volátil e infiel, e a concorrência conhece cada fraqueza de seu adversário. Não tem como pensar com o coração no mundo dos negócios.

Sentimentos são mimos do coração. Uma tomada de decisão errada pode custar a sobrevivência de uma empresa. Tudo isso, numa visão macro, e quem está na ponta deve ter um autocontrole muito grande, pois é difícil liderar uma equipe com expectativas dicotômicas e ainda manter a calma. Não é fácil gerir pessoas, e as pessoas não colaboram. São adultos que mais parecem crianças crescidas de tantas birras, malcriações e indecisões. Alguns, com comportamentos inaceitáveis, apesar da bagagem extra.

Outros, sem o perfil para a função. E, muitos outros, fragmentados pela vivência de mundo e experiências traumáticas. Não tem como ser normal diante de tantas patologias disfuncionais. Só Freud e Marx dialogando para chegar-se a um ponto de equilíbrio; o comportamento é inerente à pessoa. Claro, que, o poder revela o comportamento seja ele qual for, e muitas pessoas mostram o seu lado menos atraente. Contudo afirmar que o gestor é ruim ou errado só porque tem o poder da caneta é fruto de corrente filosófica. Não estamos falando de realidade utópica, o que seria o jardim do Éden para o hipossuficiente de recursos, mas de pessoas que cuidam de pessoas e erram tentando acertar.

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador/Ba

Mandalas de papel

Somos quatro irmãos e nascemos em uma cidade do interior de São Paulo com uma população de quatro mil habitantes, na época. Meu pai era alfaiate e aprendeu o ofício ainda na adolescência, e foi fiel a este ofício por mais de cinquenta anos. Após o casamento com a minha mãe, eles tiveram quatro filhos, e em 1957 nos mudamos para Guarulhos, uma distância de mais de seiscentos quilômetros, que foi percorrida de trem.

Na cidade grande, moramos em um sobrado por quase oito anos e crescemos naquela casa com dois dormitórios, cozinha, um corredor, sala e banheiro. O sobrado tinha uma varanda que contornava a sala. Para nós, que moramos por muitos anos em uma casa térrea, aquele local era surreal, com vista maravilhosa para a Serra da Cantareira.

O espaço para quatro crianças brincarem era restrito à aquela varanda e ao quarto, que era dividido entre os quatro irmãos, dois meninos e duas meninas.

Inventamos muitas brincadeiras, construímos vários brinquedos, afinal, brinquedos de presente, a gente ganhava, com muita alegria, só no Natal, presentes simples, mas muito aguardados por nós.

Uma das inúmeras brincadeiras era usar o papel, muitas vezes de pão, ou mesmo folhas de caderno usado na escola, no ano anterior. Eram aviões, que jogávamos do alto do sobrado, mas na maioria das vezes era dentro de casa, pois raramente descíamos para um pequeno pedaço de terra que não poderia ser chamado de jardim, em frente ao sobrado.

Outra brincadeira que adorávamos, era fazer mandalas de papel. Naquela época nem sabíamos que esse era o nome. Quanto mais fino o papel, melhor ficava o resultado final. Muitas vezes usávamos o papel de seda que separava as folhas do caderno de cartografia. Eram cadernos maiores com folhas sem pauta, de gramatura maior, talvez de sulfite 120g por metro quadrado. O papel de seda do caderno era perfeito, isso quando não fazíamos papagaios emendando algumas dessas folhas para empinarmos da varanda. Esse papel de seda era artigo precioso para nós.

A mandala, que em sânscrito é o círculo, tem inúmeros significados, e é utilizada por povos de diferentes continentes, desde os Sioux dos Estados Unidos, aos hindus, e muitos outros povos, e em muitas religiões. Até mesmo em pinturas rupestres, como na Serra da Capivara, no Piauí, aparecem desenhos de círculos. Assim, o círculo é usado desde os homens pré-históricos até os dias atuais, a pintura de mandalas é usada também na arteterapia com vários significados combinados com a análise comportamental do paciente.

Nós fazíamos mandalas as mais diferentes e bonitas possíveis, mas não que fosse uma competição entre irmãos, mas para aguçar a criatividade e apreciarmos o resultado final das mandalas. Em casa de alfaiate, a tesoura não era problema, e tínhamos várias à disposição. O papel era dobrado, sucessivamente até formar um triângulo e com a tesoura cortávamos as laterais em diferentes formatos como triângulos e semicírculos. O papel depois de aberto, formava uma linda mandala, com vários furos em formatos diferentes, equidistantes uns dos

outros. A mandala ficava com furos do mesmo formato, mas de tamanhos diferentes conforme a posição da parte do papel na dobradura, e assim quanto mais para dentro ficava aquela parte, menor era o furo. Quanto mais se dobrava o papel, mais próximos os furos ficavam. E assim, seguimos naquele sobrado com brincadeiras memoráveis até mudarmos para uma casa térrea, onde continuamos com as mesmas brincadeiras e introduzimos outras possíveis de serem realizadas no quintal.

Massanori Takaki

Gramado - RS

Biografia: Graduado em Ciências Biológicas pela UNICAMP, com mestrado e doutorado pela UNIFESP, e pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Tem especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual e MBA em Jornalismo Digital pela Universidade Estácio de Sá.

As orquídeas de Madalena

Tuka Vieira

As cadeiras pesam com a idade, os passos lentos e as dores de sempre a acompanham. Passeia pelo jardim, no quintal de sua simplória casa há décadas adquirida. Andando com dificuldades a centenária mulher apoia-se em sua bengala.

Contempla cada flor das quais não consegue mais visualizar os detalhes, nem mesmo suas cores perdidas em meio à catarata e ao glaucoma. Ainda assim, sorri e diz que estão lindas. Não desiste das lembranças que carrega, das espécies que um dia plantou e tanto gosta. As dalias estão no canto do terreno. As roseiras, perto do muro. Sim, estão lá. Ela sabe muito bem.

As orquídeas estão por todos os lados, florescendo em tantas, que é preciso firmá-las de alguma forma para não se quebrarem. Madalena as enxertou em troncos dizendo ser um pé de maçãs, que nunca deu frutas e uma árvore de flores sem nome, que jamais floruiu. Do manacá de duas cores não se esquece. Os arbustos continuam servindo de vida para as expostas raízes de suas orquídeas.

Acredita ter trazido as mudas de tantas flores da fazenda do seu pai. Longe dali. Há anos que se perderam nas contas. Ela não se lembra por quais mãos chegaram para si todas aquelas orquídeas. São dezenas de aniversários, dia das mães, Natais e visitas repentinas dos entes queridos. Não importa! “Foram trazidas da fazenda do meu pai”. Assim, elas têm um valor inestimável e uma saudade latente enchendo seus olhos de lágrimas e seu coração de alegria. As orquídeas estão lá, ninguém sabe há quanto tempo e o tempo vem passando há mais de cem anos para ela.

Mulher forte, saudável para quem virou o século. Vai aqui, vai ali, passeando pelo lote, como se estivesse nas extensas terras de seu pai. Parar não é seu objetivo. Não se entrega. Luta contra a gravidade que insiste em ser mais forte que suas pernas. Chega até o *pallet* fixado ao muro e exhibe tantas orquídeas floridas, em cores e formas fascinantes. Ampara as hastes com a palma da mão e aprecia, como se seus olhos ainda fossem capazes de diferenciar as nuances. “Vieram da fazenda do meu pai!” Os familiares não contestam de qual floricultura as compraram. Não importa! Estão no melhor das lembranças de Madalena. Sua infância. Seu interior.

A centenária mulher veio de Minas Gerais com menos da metade da idade que tem. Plantou quase tudo o que vive, cresce, floresce e frutifica em seu recanto. Pitangas, goiabas, mexericas, figos, ameixas, jaboticabas, coco babaçu. Mudas que não vieram da fazenda, porém agradecem a acolhida e a cada estação devolvem-se em sabores, cores e cheiros, enchendo de frutinhas os tantos galhos. Sempre tem algumas para quem chega. Mamão, não precisa plantar. Eles nascem ao *bel* prazer, por alguma semente que aparece sem pedir licença. Saboreados em lanches, vitaminas e doces.

Seus doces de mamão? Deliciosos! Colher os mamões verdes, cortá-los em cubinhos milimetricamente beirando a perfeição? Somente pelas mãos de Madalena era possível. O tacho de cobre lavado com limão e sal esperava ansioso por sua vez de ser o mestre, o anfitrião de cada pedaço verdinho que borbulhava na calda exalando açúcar no ar. O cheiro adocicado espalhava-se fácil pela casa e chega enchendo a boca de água só de pensar. Às vezes, eram ralados, e o doce tomava outra forma e um novo sabor.

Os figos! Parecem seus prediletos! Sempre que se aproxima do local inesquecível, acena e pergunta se tem figos ali.

— Vamos fazer doce? — Ela sorri, feliz.

A facilidade de preparar os figos para o doce era seu prazer. Receita cheia de maneiras e experiências, tradição milenar dos mineiros. Tem que “sumar” para não ficar “rarento”. Não podem ser pequenos demais, para terem sabor. Não podem crescer muito, pois passa do ponto. Todo conhecimento em ciências e químicas para o tão saboroso doce de figo. O tacho de cobre é o mesmo, fazendo seu trabalho incomparável. A calda precisa cobrir, para não azedar! Dica indispensável de quem sabe das coisas.

Por aquele quintal, seu porto seguro, seu canto no mundo, seu lugar preferido de estar, nasceram funcho e capim cidreira. Cada qual com seu chá incomparável. Para gripe, tosse, resfriado, mal olhado, dor de dente,

para tudo e qualquer coisa, ou apenas para acompanhar os biscoitos e o pão nos lanches do dia a dia. Era só sair de casa e colher no canteiro. Cada chá deixou sua lembrança, sua fragrância na infância da filharada. Era tão gostoso acordar de manhã sentindo o aroma adoçado de funcho ou cidreira invadindo os quartos, e, dava vontade de pular da cama, correr e tomar chá quentinho, queimando a boca.

Antes de voltar para dentro da casa ela olha em volta, como se tivesse esquecido de admirar alguma coisa. Algum vaso dos inúmeros que tem. Confunde o barulho do vento nas folhas dos coqueiros com a chuva que está chegando. Levanta os olhos e comenta — Vai chover. — Seu olhar assim o vê.

Senta-se no sofá antigo, reformado para aumentar altura e facilitar seus movimentos de apoiar e levantar. Acomoda-se nas almofadas clamando aquelas dores que a limitam e impedem de andar mais. Mesmo assim, não quer consultas.

— Chega de médicos. — diz ela. — Faz um chá e pronto. — resume. Assim, Madalena leva os dias.

Aninhada no conforto do assento passa a cantar as músicas que sua memória distante continua a trazer. Muitos cantos bonitos, poemas e o inesperado Hino Nacional. Quem não sabe, acaba aprendendo, de tanto ouvir. Músicas bonitas de nomes conhecidos ganham espaço na modernidade pela voz da centenária. Recita Casemiro de Abreu sem erros. “Ouviram do Ipiranga”? De cor e salteado. Dá inveja em quem ouve. Canta músicas tristes que parecem transcender sua alma e refletir as dores de seu coração. Com seu olhar distante, deixa em suave voz:

— *Saudade, palavra triste, quando se perde um grande amor! Na estrada longa da vida, eu vou chorando a minha dor.*

Sentada fica por tempo demais às vezes, saudosa de seus afazeres. Corpo dolorido não condiz com suas conquistas. Pernas fracas não fazem jus a tantas montarias. Questiona a natureza em falas reeditas, que expressam não entender a razão por seu corpo não acompanhar sua mente. Ao ouvir que já fez muito, concorda! Porém, não fica satisfeita.

Fadigou-se de medicamentos. Basta um piscar de olhos de quem cuida e os comprimidos tomam rumos variados, para debaixo da cama, do sofá, pela janela, em outro canto. Não importa! O melhor é desfazer-se daqueles infortúnios que não confia em beber. Talvez tema a morte por eles. Decerto não vê mais utilidade. Quem sabe, não queira mais seus resultados? Possivelmente, cansou de ter lucidez e resolveu aceitar, mesmo sem saber, que a senilidade está chegando. Ou, já chegou, e ninguém quer aceitar? Melhor, é vê-la bem!

Não quer dormir. No sofá, cochila o sono que faltou à noite. Os motivos? Não importam! Nem Madalena sabe mais. Insiste em dizer que tomou o tal remédio! Melhor deixá-la acreditar nesta parte da peripécia? Quiçá chamá-la para a realidade e causar uma grande confusão? Imagine! Desconfiar de alguém com mais de cem anos? Não é possível. A criação não permite filho questionar pai e mãe.

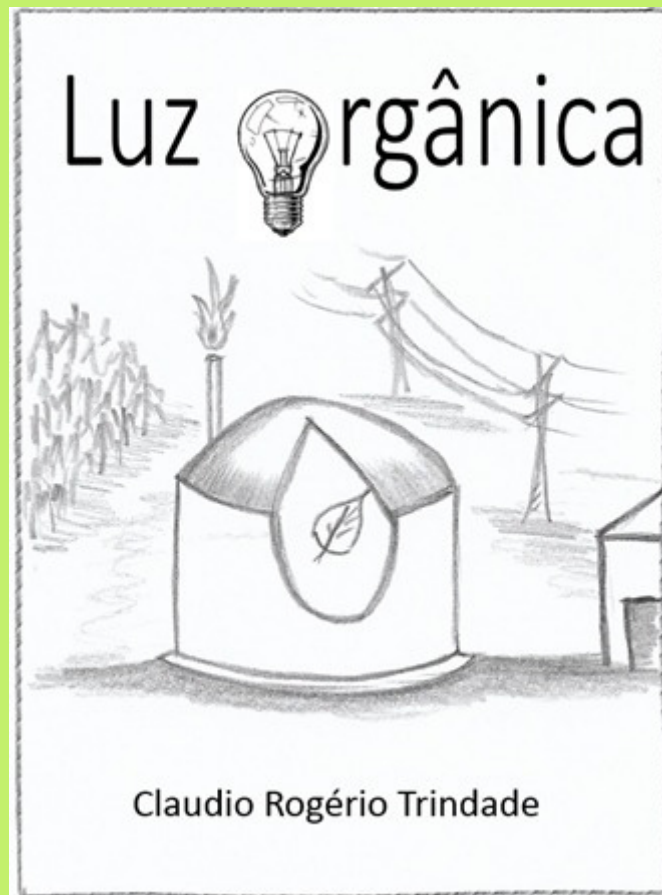
Alimentos? Não faz questão. Não tem fome, diz todo o tempo. Ofereça almoço ou jantar, ou frutas? Não! Não tem fome. Doces, bolos, guloseimas? — Ah, esses não enjeito. — Os sabores que traz em seu paladar precisam ser bons, ou melhor, supremos e capazes de resgatar alguma lembrança de sua infância, da fazenda onde foi criada, das habilidades de sua mãe ao fazer. Lembranças bem longínquas, pois suas memórias não querem ficar no presente.

Há sempre uma busca por algo que a tire da rotina, mas, ela não quer novidades. Cansou-se! Às vezes parece que perdeu a empolgação pelas coisas. Quando inicia algum assunto sobre o passado parece ler na mente de todos que já está repetindo demais, e cala-se. Seu silêncio é doloroso, trazendo incômodo. Alguns dias não quer conversar, recolhe-se em pensamentos. Outros, levanta-se reclamando de tudo, sem saber o que diz direito.

Assim, vai Madalena. Cem anos. Cento e um. Cento e um e cinco meses contadinhos até hoje. Quantos vierem mais. Em seu quintal de chás. Em seu orquidário improvisado nos troncos. Em seu pomar de figos. Em seu cantinho do sofá. Cantando o Hino Nacional, Vicente Celestino, Chiquinha Gonzaga. Fazendo doces de lembranças. Lembrando os doces que já fez.



Cordel



Luz orgânica (Biomassa)

Claudio R. Trindade

Da natureza com carinho,
Biomassa fonte energética,
Podemos aproveitá-la,
Em expressão poética,
Gerar energia sem dano,
Com visão energética.

O diminuto impacto,
Como vantagem principal,

Nosso ambiente agradece,
Energia não convencional,
Usam madeira e pallets,
Luz orgânica especial.

A matéria orgânica,
Produzida pela vida,
Pode formar energia,
Totalmente absorvida,
Com muita tecnologia,
E destreza envolvida.

Na combustão de resíduos,
Podem ser florestais,
Do bagaço de cana,
E demais materiais,
Geram energia limpa,
Sem causar impactos sociais.

Terceira fonte no Brasil,
Biogás, óleos vegetais,
Derivados da biomassa,
Biocombustíveis ideais,
Emitem poucos poluentes,
São opções fundamentais.

As usinas de biomassa,
São muito importantes,

Alternativa renovável,
Fonte para luz constante,
Energia para os lares,
Com subsídios relevantes.

Usina de conversão,
Da térmica para vapor,
Que aciona as turbinas,
E produz luz a seu dispor,
Combustão equilibrada,
Baixo custo pra repor.

A energia da biomassa,
Para o futuro saudável,
Deve ser usada sem medo,
No ambiente sustentável,
Sem nenhum segredo,
A vida será agradável.



Nos braços do vento

Com suas turbinas gigantes,
Que giram sem cessar,
Do vento é convertida,
E pode então iluminar.

Os cataventos girando,
No grande parque eólico,
Tem poluição sonora,
Em paisagem bucólica.

Com a força de suas pás,

Fazem impacto social,
Seus aerogeradores,
Geram energia essencial

Produzem outros efeitos,
Na linguagem coloquial,
Não conseguir ouvir os sons,
A audição é crucial.

Com a energia eólica,
Temos luz e solução,
Com o futuro sonhamos,
Mais limpo com evolução.

É uma fonte renovável,
Que respeita a natureza,
E podemos usufruir,
Sabedoria e destreza.

Do vento o rotor transforma,
Mecânica em elétrica
O consumo é consciente
Suas pás são simétricas

A energia eólica,
Com suas asas rodar,
Traga ao mundo inteiro,
Novo tempo a sonhar.



Luz do sol (Solar)

No Brasil que é tropical

Onde o sol é mais ardente

Um homem pensou no futuro

E inventou energia decente

No país do carnaval

Um sorriso na face

Ele ergueu sua fazenda

Com energia que aquece

De chinelo e gravata
Um homem de visão
Previu obra do futuro
Era a energia da irradiação

No telhado da casa
Ele instalou painéis solares
Com eles gerou energia
Para iluminar seus lares

Ter uma vida tranquila
Com energia limpa, solar
Com ela podia vencer
Elaborar sua história.

Energia do sol é infinita,
Lua branca ilumina,
Todo sistema solar,
E não polui a retina.

Hoje essa energia,
É acessível e barata,
Com ela podemos mudar,
O futuro da mata.

Seguindo bons exemplos,
Investir nas fontes limpas,
Ter futuro promissor,
E um mundo mais supimpa.

A EDUCAÇÃO E O CORDEL NO BRASIL COLONIAL

Por Rosa Regis

Uma introdução

A Fessôra Maria Emílha
Montêro Porto me fei,
Prumode eu faze cordé,
Um convite – e aceitei.
Isso já fai algum tempo:
Taivei mai de quato mei!

Já tinha inté misquicido
Do convite pro cordé
Quando, um dia, futucando
Os meus i-mei, dei fé
Dos i-mei da fessorinha
E, de sentada, pui-me im pé.

Eita, danado! E agora?!
Tasquei o i-mei pra mué!
Mai ela, lá nas Oropa,
Cuma quem qué e num qué,
Dixe: - Te acaima, Rosinha!
Cum caima tudo dá pé!

Mai eu, qui sô afobada,
Mandei brasa a pesquisá
As históra do Brasi
Logo dispôs que Cabrá
Discubriu a nossa terra,
Navegando pelo má.

Cuma ela mi pidiu,
Enton-se eu tasquei a mão
A pesquisá pra sabê
A foima de educação
Qui os portuguei apricaram
Nos índios nossos irmão.

E nos nêgo, qui tiveram
Seu vivê modificado,
Quando foram, à força bruta,
Da sua terra arrancado
E que, além de apanhá muito,
Dormia acorrentado.

E istudei a cultura
Herdada de Portugá,
Que o nosso povo aproveita
A vessejá e a rimá,
Contando as aventura
Im terra e, tomem, no má.

E vô passá pra vocei,
Agora, o meu cordé
Qui fii im language curta.
Cê sabe cuma é qui é.
Nossa language matuta
Ninguém num aceita, né?

Rosa Regis



Crônicas

O Segredo do gato

Ana Priscila

Quando eu era criança, tinha um gatinho chamado Preto. O gato era filho de uma gata de rua, que se encostou pelo terreiro da casa da minha avó. Ela pariu e teve 4 gatinhos.

Eles deixaram de mamar e doamos para familiares..., mas tinha um gato especial, um gatinho diferente, o gato Preto! O gatinho tinha os olhos verdes, seu pelo negro brilhava no Sol, carinhoso e muito esperto. Não tinha como não se apaixonar pelo gato. Até minha avó, que dizia que gato preto dava azar, gostou do gato e deixou que eu criasse.

Quando criança, eu dividia o quarto com a minha irmã. O quarto era bem espaçoso tinha um rack amarelo com um som que pegava cd abaixo, em cima uma TV de 14 polegadas, daquelas baú, no restante do móvel muito enfeites, três porquinhos de porcelana, dois gatos chineses, um abajur antigo, um jarro esquisito que parecia mais um tronco de árvore quebrado com um anjo solitário de porcelana, muitos cds e livros em miniaturas da Disney que colecionava.

Duas camas amarelas uma posicionada na ponta e a outra do outro lado, ficava um corredor e cada cama de um lado. Ainda tinha um guarda-roupa, é já sabe a cor né? Essa mesma (risadas) e uma cômoda, advinha a cor? Essa mesma. Nas camas cobertores combinando. O quarto era arrumadinho.

Você pode estar se perguntando: o que tem isso com o gato? Calma, é porque você tem que ter essa noção, para entender as travessuras de Preto. Voltando ao gato...todas as noites, Preto, como era chamado dormia comigo e minha irmã.

Ele era muito esperto, ficava uma parte da noite com ela, e a outra comigo, passava a noite pulando de uma cama para outra. E sempre dava aquele miado, quando pulava, como se quisesse dizer estou aqui. Um verdadeiro encanto.

Na verdade, o nome é Preta, isso mesmo. Eu e minha irmã, passávamos o dia brincando com Preta, colocava lacinhos rosa choque, os vestidos das bonecas Barbie, era uma verdadeira festa. Preta já foi princesa, assassina, mocinha, plebeia todos os personagens que o imaginário infantil possa imaginar.

E quando eu ou minha irmã o chamava Pretinha! Ela com aquele miado lindo corria e pulava na cama, massageava nossas costas, muito linda. E minha avó reclamando porque pelo de gato fazia mal, e escondia Preta no quarto antes que vovó pegasse.

E assim o tempo foi passando e Preta cresceu. Minha irmã e eu, torcendo para que fossemos vovó e nada de Preta embuchar. Certo dia, chegaram um pessoal para aplicar vacina nos animais, campanha da Raiva, de vacinação. Pegamos Preta e falamos: pobre Pretinha, será rápida e o rapaz aplicou. Quando terminou ele começou a sorrir e disse: como é o nome do gato? Respondi: Preta e ele ria mais ainda, gente Preta na verdade era Preto! Isso mesmo.

O gato com os testículos daquele tamanho e eu com minha irmã não percebemos (risadas), olhe o tempo que passamos chamado Preto de Preta. Foi um choque na hora com muitas risadas, e mesmo mudando o nome de Preta para Preto o a essência continuou, aquele amor por aquele gato e continuamos nossas aventuras colocando lacinhos rosa choque nele. Afinal, mudou apenas o nome a essência e o amor prevaleceram.

A lágrima

Ana Priscila

Hoje, amanheci com um sentimento ruim. Difícil de explicar. Só sei que nada sei a respeito desse sentimento, que bate no peito, chega a doer a alma. Como explicar tão sentimento? Sem saber ao certo como definir e nem o que é.

Corrói a minha alma e mesmo sem querer, transparece no semblante deixando a face abatida, olhar caído e lágrimas a secar. O mais impressionante, é que, quando a lágrima cai, enxugo e parece que abrir a passagem de um rio, quando uma lágrima cai, as outras caem de forma descontroladas.

Chega a um ponto que escuto meu próprio soluçar, encharcada em lágrimas...e depois, chega um alívio, tão bom que me arrependo de não ter chorado antes.

Você, já se sentiu assim? Essa dor extrema no peito que chega a transcender na alma? Se sim, creio que irá concordar que ao cair da lágrima, da aquela aliviada... caso não, espero não acontecer tão cedo, é uma dor que machuca e corrói.

O interessante que quando passa, analiso e vejo o quanto eu cresci, e as vezes até penso, nossa quanta lágrima por aquilo... Essas lágrimas, me fizeram ser quem sou.

Chore, quantas vezes sentir a dor, alivia, chorar é bom, faz parte da natureza humana, e não se importe com que os outros irão pensar, afinal, a vida é sua, a lágrima é sua e só você compreende cada lágrima que cai de sua dor.

OS PEQUENOS POETAS

Não. Não faz muito pouco tempo que mãe, a palavra, tem deixado muitos versejadores, trovadores atônitos, preocupados e frustrados por não encontrarem o significado real ou ideal para um signo tão venerado, como é a palavra MÃE para uma rima perfeita.

Mãe é um dos infindos vocábulos que a nossa língua possui, e que até então, desconhecia que pudesse haver um outro signo que viesse formar um homeoteleuto (rima) perfeito, elevando assim, a satisfação de muitos poetas da língua portuguesa. Encerrando de uma vez por todas com a ideia de que mãe só rima com ela mesma, isto é, sem desmerecer logicamente, o adágio popular de que mãe só existe uma, e disto não temos dúvidas.

Se os neologistas quisessem, poderiam ter criado há muito tempo um inusitado vocábulo para a palavra Mãe, mas não, os poetas não haveriam de ter tamanha ousadia, sentiam em seu âmago que tudo podiam fazer menos isto. E nenhum quis arriscar? Em criar uma palavra que não perdesse a sua função nem a sua essência etimológica? Tudo parecia impossível. Aliás, era impossível mesmo.

Será que é mesmo impossível? Realmente, eu também não tenho dúvida que é impossível. Impossível quando já se cresceu demais. E todos os poetas são grandes e crescidos porque já se fizeram homens. As pessoas grandes veem as coisas por um único prisma, o da convenção, e só um príncipe, digo um pequeno príncipe, é capaz de ver (as coisas) por ele mesmo, diferentemente dos poetas grandes. Quando pequeno, não o consideram poeta, mas príncipe. Eis a melhor denominação para um pequeno poeta.

E só mesmo um pequeno poeta, aos dois anos de idade, para desvendar o enigma da rima da palavra Mãe, que por anos, séculos até, quem sabe poetas, escritores, etimologistas, filólogos, neologistas tentaram, procuraram e não conseguiram. E só agora, na iminência do século XXI, uma criança, à flor de sua existência infantil, sem a mínima intenção ou preocupação dos ditos intelectuais, ditos grandes, ditos homens, em sua candura, nos dá sabiamente a chave do mistério, assim como um Édipo na sua precocidade nos livra, não das garras da fera, mas das intermináveis frustrações sofridas noites a fio em busca de uma palavra que jamais poderia ser encontrada por uma pessoa grande.

Os pequerruchos brincavam lá no quintal e, quando já exaustos dos seus afazeres de todos os dias, entram de casa adentro, pela porta da conzinha, a salvar do infortúnio da palavra, todos os poetas do século vindouro:

- Mãêêê!

- Paêêê!

Encontram-se com a genitora:

- Mainha onde está painha?

- Painha onde está Mainha?

Aí, o poeta no computador, salva a sua poesia e se sente aliviado. Mas se esquece de que terá que pagar os direitos autorais ao pequeno poeta.

Do Livro CRÔNICAS DE UMA CRÔNICA VIDA - Publicado em 2010 – Natal/RN

Filhos - melhor educá-los.

É sabido que o amor de mãe é incondicional, e proteger um filho requer uma força incomum. Os filhos são tesouros e presentes dados por Deus, mas será que cuidamos de nossa herança como deveríamos? Será que amar é fechar os olhos para todo tipo de erro? Que espécie de amor é esse capaz de contrariar o sentido do bem e politicamente correto? Será que os pais são omissos? Cúmplices? Ausentes? O amor é outra coisa, e quem ama, educa. A educação comportamental vem de pequeno, e não basta o discurso, tem que dar exemplo. Uma educação de qualidade prepara a criança para a vida em sociedade, respeitando as pessoas e seguindo as normas e leis. Uma criança precisa tanto de amor quanto de disciplina. Não estou pregando violência física ou verbal, mas correção. Mesmo porque o modo de reprodução social mudou e com ele, a forma de educar. Antes tudo era resolvido na porrada, hoje é só conversar. Se violência gera violência, então por que a polícia? Por que o sistema correcional? Um bom diálogo resolve quase tudo, menos o desvio de caráter e personalidade agressiva. Também, muitos pais exageram na disciplina, e a chinela esquenta o couro. Fui uma criança que apanhou de cipó, não fiquei mais violenta por isso e nem reproduzi a atitude com os meus filhos. Dei uma palmada ou outra, não me arrependo e julguei necessária para o momento. Entretanto, ensinei aos meus filhos valores éticos e morais e dei limites para não imperar o excesso. A teoria é muito bonita, vai criar uma criança na prática! Disse muitos não, coloquei no cantinho do pensamento e conversei sobre a atitude desnecessária. Neguei colo depois de um não e mostrei cara feia. Mesmo ausente, me fiz presente e a última palavra sempre foi a minha. Cada tribo com seu Cacique. Agora, a falta de educação e orientação comportamental geram danos irreparáveis, inclusive falta de respeito próprio, pois pelo outro não existe. Não é normal aceitar atitudes negativas de um filho e apoiá-lo cegamente. Isso não é amor nem aqui, nem na casa de Noca. Criança deve ser dirigida, orientada, trabalhada e instruída. Achar engraçado uma criança bater na sua cara, morder o coleguinha e xingar a vizinha é desesperador. Não saber lidar com os erros dos filhos porque tem a consciência que fez o melhor é normal, difícil é a sensação de impotência.

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador/BA

Nadie pintó el edén... (Julio 2011)

Paisaje urbano con un suave tapiz estucado, de zigzagueantes copos de nieve, el tenue y gélido viento abriga a los transeúntes que van a pie o en auto. Los vagabundos tiran de sus carritos existenciales, en ellos acarrearán “su alma”, equipaje caritativo de su condición ambulante. En otra parte, no demasiado distante, los chicos dorados al sol, se bañan, sonrientes en las playas de arenas ardientes y montan sus tablas de surf... Volvemos al suburbio de la metrópoli, allí por necesidad, una niña prostituta coge la mano del anciano desahuciado... su rufián apoyado en una estatua de falso mármol. Solo es un chiquillo y ya teje la rabia y el odio hacia el mundo... precoz, morirá en su propia red, con un arma apuntando la sien del destino ¿O tal vez, será desatino? Siempre existen sombras en los callejones, en las tabernas hediondas, hombres y mujeres, fuman colillas y beben vino peleón. Carne picada y cervezas, en la barra aglomerada de gentes, ojeadas bravuconas, navajas, razas variopintas, hambres, gorras veteranas, sombreros deteriorados, sangre y tullidos, todos mirando al cielo, señalando como posible salvación, la tormenta que se acerca. En otro lugar, el señor de la comarca, ha festejado su onomástica con una cacería en su extensa propiedad. Persiguen al zorro con, cruel fanatismo y ansia de laureles... Una tarde cruzando los arrabales, desde el cristal protector de su limusina, ve a un mendigo, tendido en la acera, agonizando y a una niña que solloza a su lado, por un segundo, sus ojos se encuentran... El señor desciende la mirada, aprieta la mano de su amante y ejecuta al chofer, la orden inmediata de partir, éste, obedeciendo, cruza la señal en ámbar y se aleja de la barriada, a toda celeridad...

© Kim Bertran Canut

Barcelona

Kim Bertran Canut. (Pont de Suert, Lleida, 1960)

Vive en Barcelona ciudad, cuna del Modernismo.

En 1993, publica la novela corta: “Imaginación atrapada.”

En 2002, publica la segunda novela: “El reflejo de los sueños en lunas rotas (Perdido en la eterna oportunidad)”.

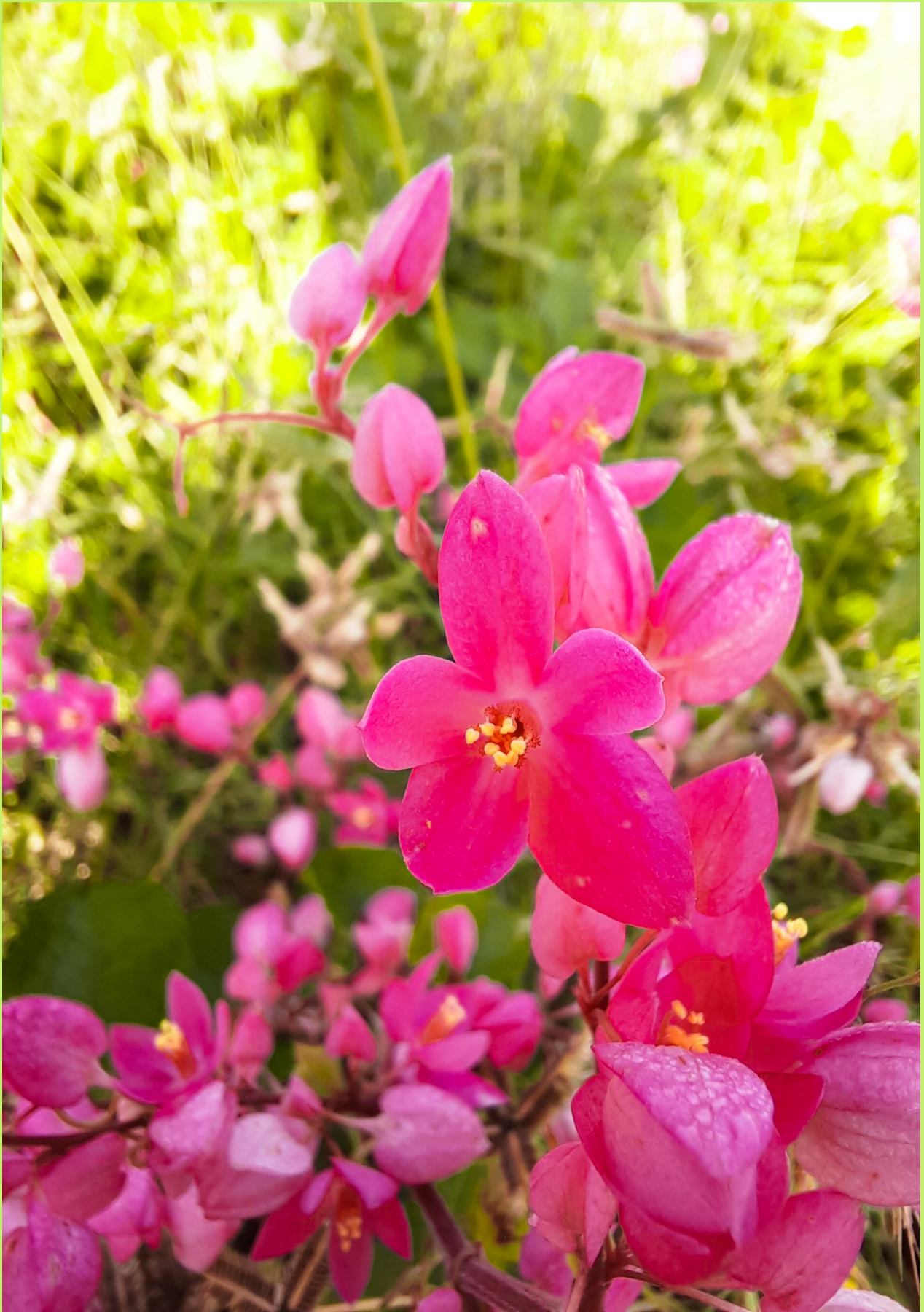
1996 - 2003, funda con otros amigos: La Asociación de difusión Cultural, “Catársis”. Con sede en Barcelona.

Al mismo tiempo se crea: Catársis, revista literaria Iberoamericana (e Internacional)

Colabora en varias revistas literarias.

Proyecta exposiciones de fotografía.

Inscrito en la RED MUNDIAL DE ESCRITORES EN ESPAÑOL: REMES



Memórias

O Hospital Evandro Chagas e Giselda Trigueiro

O Hospital Evandro Chagas foi criado em 14 de abril de 1943. Ficava localizado na Avenida Coronel Estevam, esquina com a Rua Presidente Bandeira, no bairro do Alecrim, onde morei numa travessa. Dra. Giselda Maria da Silva Trigueiro foi a primeira diretora da instituição.

Maria Giselda da Silva Trigueiro (1934 - 1986)

Médica Infectologista, nascida em Missão Velha, CE, no dia 18 de fevereiro de 1934

Dra Giselda iniciou sua carreira como professora da Faculdade de Medicina da UFRN, na cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas, passando desde então a ser responsável pela disciplina. É nome de hospital em Natal.

em 1964, foi nomeada Diretora do Hospital Evandro Chagas, da Secretaria de Saúde do Estado.

Quem foi Carlos Chagas que salvou tantas vidas?

O cientista brasileiro Carlos Chagas nasceu em 9 de julho de 1879, em Oliveira (MG).

Chagas teve papel fundamental na saúde pública do Brasil. Formado pela Faculdade de Medicina da (atual) Universidade Federal do Rio de Janeiro, iniciou sua carreira com o combate à malária e, mais tarde, sua direção segura garantiu o controle da gripe espanhola no país. Seu trabalho como pesquisador ocupa um lugar único na história da Medicina. Trabalhando em condições quase que primitivas, foi capaz de descrever detalhadamente uma doença infecciosa desconhecida até então, o Mal de Chagas, identificando seu agente patogênico (o protozoário *Trypanosoma Cruzi*), o transmissor, o hospedeiro, os sintomas clínicos e a epidemiologia. Defendeu incansavelmente a necessidade de saneamento básico e higiene para toda a população, como medida de prevenção de doenças. Recebeu prêmios e homenagens de instituições científicas do mundo inteiro, inclusive o título de doutor honoris causa das universidades de Harvard (EUA) e Paris (França).

As mil e uma noites

Em Natal tudo acaba rapidinho. Enquanto tem vamos bebendo. No CCAB - norte tinha o Rubayát com uma bela adega de vinhos.

No vinho está a verdade. Omar Kayyam foi um grande algebrista e poeta (autor do famoso Rubayát, que celebra a vida, o vinho e a mulher amada). Nasceu em Nichapour (Pérsia), no ano 1040 da era cristã. Era filho de um fabricante de tendas e desse ofício proveio o apelido Al- Khayyami (fabricante de tendas)

Em 1984, 12 de abril, era inaugurado no Centro de Convenções, o Restaurante Mil e Uma Noites

As mil e uma noite é um dos livros mais belos do mundo. Tenho uma dezena de versões e edições. Uma leitura embalada pela Scherazade para sempre.

O título “As Mil e Uma Noites” é para Jorge Luis Borges um dos mais belos títulos do mundo. Para ele, a sua beleza reside no fato de a palavra mil significar para nós, quase sinônimo de infinito.

“Dizer mil noites é dizer infinitas noites, as muitas noites, as inumeráveis noites. Dizer mil e uma noites é acrescentar uma ao infinito”.

Jorge Luis Borges faz menção a uma expressão inglesa onde em vez de dizer “for ever”, fala-se “for ever and a Day”, ou seja, “para sempre e um dia”. Segundo ele remete à epigrama de Heine dedicado a uma mulher: “hei de amar-te eternamente e ainda depois”.

A primeira versão européia dessa obra magistral foi publicada na França em 1704, traduzida pelo orientalista francês Antoine Galland . É considerado por Borges como um acontecimento capital para todas as literaturas da Europa.

Por que primeiro mil e depois mil e uma? Para Borges, se deve a duas razões. A primeira, supersticiosa, segundo a qual os números pares seriam de mau agouro. Assim, procurou-se um número ímpar, acrescentando-se felizmente “e uma”. Caso tivessem colocado novecentos e noventa e nove noites, sentiríamos que falta uma noite. Assim, ao contrário, sentimos que não só nos dão algo infinito, mas de quebra, acrescentam uma noite ao infinito.

Para Borges, temos vontade de perder-nos em As Mil e Uma Noites, pois quando entramos neste livro corremos o risco de esquecer o nosso pobre destino humano, ao entrarmos num mundo feito de umas tantas figuras arquetípicas e também de indivíduos.

Um repertório fantástico e vasto a tal ponto que, Jorge Luis Borges afirma não ser necessário tê-lo lido já que “ele é parte prévia de nossa memória e é parte desta noite também”.

Borges narra das Mil e Uma Noites, o conto intitulado: “História dos dois que sonharam”. Um habitante do Cairo em sonhos ouve uma voz que lhe ordena que vá até a cidade de Isfahan, na Pérsia onde encontrará um tesouro. Enfrenta a longa e perigosa viagem e já em Isfahan, exausto, deita-se para descansar no pátio de uma mesquita. Sem saber, está entre ladrões. Todos são presos e o cádi lhe pergunta por que chegou à cidade.

O egípcio conta-lhe tudo. O cádi ri até mostrar os dentes do siso e lhe diz: “Homem desatinado e crédulo, três vezes sonhei com uma casa no Cairo em cujo fundo há um jardim, e no jardim há um relógio de sol, e depois uma fonte e uma figueira, e sob a fonte, há um tesouro. Jamais dei o menor crédito a essa mentira. Que eu não volte a ver-te em Isfahan. Toma esta moeda e vai-te embora”.

O homem volta ao Cairo: Reconheceu no sonho do cádi sua própria casa. Cava sob a fonte e encontra o tesouro.

Fonte inexaurível de poesia, fonte de nossas histórias primitivas. Sherazade, é o símbolo da astúcia feminina. Contando histórias que nunca terminam ela escapa das garras do Sultão, história que escoarão por toda a literatura universal; “Decamerão”, “Dom Quixote”, “ As Viagens de Gulliver”, etc

O filme Aladdin de 1992, de Walt Disney, é baseado no Conto Árabe “Aladdin e as Mil e Uma Noites”

Zanoni, o oráculo potiguar

Meu amigo Zanoni tem um nome que deriva de São Zenon. Zenon era africano mas viveu longo tempo em Verona (Itália), no IV século. Compreendia os pobres e sabia comunicar-se com ele. Zanoni de Natal atuou em várias árias do saber polifônico e foi muso das meninas e meninos.

Sua morte precoce num acidente besta de moto nos fez morrer um pouquinho mais. Mais que as palavras que dizem pouco nesse momento em que lembro do amigo querido, o sentimento do dever cumprido. Das amizades que não acabam. O exemplo. O mestre que deixou a sua marca em giz, gestos e ações. E assim como barcos separam-se quando estavam ancorados no mesmo cais, podemos encontrar quem sabe num outro plano mais elevado e digno. A vida que passa como o movimento dos barcos, e dizer: valeu amigo Zanoni, obrigado pela amizade

Zanoni de despediu de nós numa fatalidade de um acidente de moto há um lustro de anos. Ainda o lembro como estudante de Física no antigo Centro de Ciências Exatas e Naturais (CCEN). Eu um jovem Físico dividia uma sala com o japonês Takagi e Zanoni estava sempre por lá, como bolsista. Um jovem menino que depois virou filósofo/ guru seguido por nove entre dez musas amigas de Natal. Saudades meu amigo.

Damata Costa



Poemas

Ontem à noite choveu.

Quanto mais eu escuto a chuva mais feliz eu fico.

Ontem à noite as águas desceram da Serra e banharam o Riacho dos Picos.

Ontem à noite choveu no campo e na cidade.

Enchendo os corações de alegria.

Transbordando nos olhos a felicidade.

A Cachoeira Da Umarizeira, em Martins-RN.

Uma Obra de Deus.

«A visão privilegiada que Deus nos deu.

Ao som das águas e sob a luz do Sol.

A mão de Deus foi perfeita e obreira.

Quando criou a Cachoeira Da Umarizeira.»

Passear em Martins/RN

Vou ficar em uma casinha no Sítio canto e nas noites de Lua apreciar seu encanto.

O Sol raiou no céu, vou mergulhar nas piscinas do chalé ou do hotel.

Para se hospedar em Martins não tem engancho, temos as pousadas e o rancho. Existem pessoas que conhecem Martins desde menino, fala sobre toda a nossa história e até do Memorial Manoel Lino.

O Sol se pôs e a Lua traz o seu mistério.

À tardinha vou rever os amigos do jacu, da Cohab e do caminho do cemitério.

À noite vou pedalar. “Arrudiar» a pracinha do Jocelyn Villar.

Deitar com frio em Martins não é nada mal.

À noite ouvir o som das águas da cachoeira da Umarizeira.

Acordar com as comadres conversadeiras pilando colorau.

Os filhos ausentes têm Martins no coração.

A lagoa Nova, o Caminho da Bica e o lamarão. A deliciosa comida e o belo açude do Porção.

Quem vem passear em Martins, leva consigo fotos, lembranças e saudade.

A igreja da Rua das Pedras e o centro da cidade.

«Quando a pandemia passar, venha conhecer a nossa cidade.»

Poeta Adailton Ferreira

O DEVAGAR DEPRESSA DO TEMPO A DIVAGAR

(Soneto de **Ana Paula** de Oliveira Gomes, professora da taba de Iracema)

O tempo... Oxalá, força natural
Astrolábio, finitude do mundo
Sim, medidor d'algo avante sem rumo
Cronos a compassar o tal e qual.

Ah... No devagar depressa do tempo,
Kairós andante adrede a divagar
Eu? Vou-me, assim, ora aqui, ora acolá
Vou-me indo... Alada semente ao vento...

Por vezes, proporção. Unidade até?!
De quando em vez, tic tac assaz veloz
Tempo morto sepulta qualquer voz.

Só o tempo é enquanto não é
A mim, só resta o vir a ser do sonho
Aspirar à paz do Lete, suponho...

PARAPEITO

Angela Ferreira

Debruçada na janela,
vejo o Sol brilhar.

As nuvens passam lentamente,
os pássaros brincam nas copas das árvores
cantarolando alegremente.

Comemoram o esplendor do dia,
gostoso de se observar.

Crianças correm pelo quintal
com toda a sua energia e trazem
a leveza da sinceridade, pureza.

Delícia é despertar para novos dias,
agradecer a oportunidade,
abrir a janela do coração,
deixar a claridade entrar
e ser feliz sem moderação!

VOZES NÃO SE CALAM MAIS

Angela Ferreira

evolução tecnológica, conceitual

tirania não suportada

choro é gratuito

LABUTA

Angela Ferreira

tempo fechado

embaçados olhos

vai além quem tem coragem

Escritora e poeta, autora do livro *Aflorar Poetrix* (Scortecci/2022) participou de diversas antologias e coletâneas, membro de cinco academias e da confraria literária *Ciranda Poetrix*, publicações em revistas, blogs, redes sociais, participou de contação de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zummm 87,5 FM pela APEOESP. Instagram: @angela.ferreira3

Cheiro de Preto

Se a cor preta é antítese da cor branca, se houvesse um cheiro para essas duas, seria chocolate com baunilha!!

Se a pele preta, tão admirada por alguns, tão odiada por outros, tivesse um cheiro, seria do nascer do sol...

Se a pele preta, tão concentrada em alguns, tão ausente em outros, tivesse um cheiro, seria de um vasto campo de flores...

Se a pele preta tivesse vida própria e pudesse falar, contaria o quanto sofre no corpo de uns e em silêncio...

Cheiro de preto...

Frase usada para ofender, menosprezar e humilhar um povo que descende de grandes reis e rainhas...

Quando ouço ou leio essa frase, o que me vem à mente é a noite de lua cheia, uma rosa vermelha, uma taça de vinho, um batom escandaloso, uma brisa no calor...

Cheiro de preto me faz sentir cheiro de perfume amadeirado, cheiro de livro novo, cheiro de terra molhada, cheiros de bem-estar, de benquerer...

Cheiro de preto, me traz à memória um girassol, algodão doce, maçã do amor...

Eu sou preta, sou cheirosa, exalo cheiro de óleo de andiroba, de macadâmia, de algodão, do que eu quiser...

As Anas, as Cláudias, os Jorges, seja lá o nome que tiverem, exalam o cheiro de preto sim, de preto que vai à luta, de preto que não teme vencer, de preto que sofre e não desiste!

Cheiro de preto exala coragem, força de um povo que foi usado para que alguns fracos se colocassem no poder.

=====

Autora:

Angie Boanerges

LAMPARINA

Há (à) um amor tão tênue feito lamparina acesa na madrugada.

Seu módico clarão remete a sombras:

dos sonhos, abduzidos os medos,

dá-se acalanto em passos módicos-lentos.

Pro acontecer (ao que se'spera a nada que impeça),

mantras na escuta do silencioso adormecer.

Há respiros tranquilos, nada ofegantes.

O encontro há de ser de corpos & almas viajantes.

E o menino poeta feito o fato de sua infan' teimosia,

dorme (ou finge que dorme).

Vive então d'olhos fechados - *in* dualidades de expectativas -

o puro pecado de sua real fantasia.

Antonio Jadel de Brito Mendes

OAB/SP 120.278 - CRA/SP 76.180

ajadel@uol.com.br / ajadel@aasp.org.br

cel.(11) 99520.1391 / **AJ - ADVOCACIA** - www.ajadel.com.br

Antônio de Medeiros Pereira Filho¹

Na ponta do mel,
Na Areia Branca
Virou meu céu!
E em um nascer do sol
De tirar o chapéu
Deus nos abençoou!

Abençoou esse encontro
De dois humanos
Que nem te conto
Transbordam amor
E em cada ponto
Se encontram...

Para viver
O presente,
O prazer,
O amor
Em conhecer
Um ao outro

Como o tom
E a melodia

1 Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências da Saúde (FACS), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

É muito bom

É música

É ouvir o som

Do nosso amor a cada dia!

Desesperança

Ariane de Medeiros Pereira

Bebia e refletia o amargo do que sentia
O universo era seu testemunho da dor que sentia
Não entendia o motivo para tanta agonia
Deitada em uma travessia, sonhava com o que queria

Não conseguia entender, que pagava pelo que vivia
Não teve coragem de expressar o que se tinha
Continuava incompreendida, naquelas terras vazias
A natureza era sua cúmplice naquele mundo de agonia

O vento suave a acaricia sua pele em demasia
Sonhava, bebia e lembrava da alma que queria
Já percebia que era hora de deixar o ser
Não aceitava, contudo, o fim daquela magia!

Luar sertanejo

Ariane de Medeiros Pereira

Surpreende é pouco com a emoção que sentia,
Era um toque suave, de uma brisa afável
O coração tremia, pois o regalo não vinha
Sentia que o céu era seu cobertor solitário

Pensava, voava, sentia e sofria

Não tinha aquele de quem gostaria
A distância entre um e outro,
Nada mais era que corações divididos

Ambos não souberam entender o outro
E permaneciam naquela vida vazia
Os caminhos se descruzaram
E agora, somente restava o sentir ausente.

Mãos dos desejos

Mãos que nos tocam
contando uma história de amor
nossos corpos tocados
e a quatro mãos escrevemos o roteiro
sentindo todas as emoções
nossas mãos são parceiras
dos nossos carinhos
desde um toque suave
até uma pegada forte,
mãos de artesanão
esculpindo nossos desejos
provocando doces sensações
de paz, amor e tesão
não sobrando espaço
para outros pensamentos
pelas coisas de fora
dos nossos corpos
florescem desejos
de sentir nossas mãos
por dentro e por fora
fazendo arrepiar
todos os nossos sentidos vitais
do nosso sexo
até os nossos sonhos.

Ariê de Moraes

Recado de índio

Bernardo Santos*

“Isto é coisa de índio...”.

Diz o homem branco

“... Pra que dar ouvidos?”.

O índio não tem empresas

não cobra metas, cotas.

E o branco ainda diz:

“Quem tem chefe é índio!”.

Ele não precisa roubar

nem violentar crianças indefesas.

São unidos puramente

e lutam por um objetivo: a paz.

Mas, que índio é este

que se atreve a me chamar de cara pálida?

Tenho de tudo e do bom

dinheiro não me falta

luxo, de antemão.

Sou até candidato à constituição!

Quem é este índio? Um louco, atrevido.

Talvez um vadio que habita minha mata

e nem sequer paga imposto.

*Este índio é um ser humano injustiçado
e muito menos reconhecido.*

“Coisa de branco...”.



*Natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Possui trabalhos premiados em diversas antologias. É autor dos romances *Depois das Onze*, *O aluno do Passado* e do livro de poesias *Poeira de estrelas e sonhos*.

www.bernardosantos.com.br

CURTIÇÃO

tarde de outono
gotas de chuva no chão
frias, tênues
solitárias
no brilho agonizante
folhas secas
pálidas, soltas
mortas, dispersas
céu de manchas rosa
e cinza
lilás formando
entremeando o azul
que já escurece
hora-prece
luz que some
e volta artificial
noite outonal
de poucas estrelas
de sonho e emoção.
canção de amor-presente
harmoniosa
envolvente
vem de longe
no frenesi da natureza
ecoando, vibrante
cá dentro do coração

Beth Iacomini

ALEPON PN

ACLAPTCTC ES



Carlos Oliveira Nascimento, filho de Maria Josefa e José Batista, é natural de Aracaju/SE, reside em Nossa Senhora da Glória/SE. É Historiador e Psicopedagogo, atuou como tutor e mediador do Mais Educação e Novo Mais Educação, com textos publicados em várias Antologias e Revistas on-line dentro e fora do estado de Sergipe, é apreciador e divulgador da Literatura Sergipana. @uma.boa.leitura10

“ABRIL”

Ah! Abril

São tantas datas comemorativas

Já começa pela mentira

Que pode ser boa ou mal,

Dependendo do emissor e do receptor

Um grande disparate.

Mês da Páscoa, hum!

Que só se lembram do chocolate

E esquecem da Ressureição de Cristo

Só tomando erva-mate.

Dia da biblioteca e do livro infantil

Onde criamos asas e imaginação,

De duendes a super-heróis

Podemos mudar uma nação.

Dia das artes e da astronomia

O que não falta é dias festivos

Para alegrar nossos dias.

Não esquecendo dos Povos Originários

Que quase foram dizimados,

“Hoje podem comemorar seu dia”

Finalizando com a Inconfidência e entre outras,

Deixando o gostinho de quero mais

Para o mês de maio

Que vai ser só alegria.

OFÍCIO

Eu te escrevi
Até o fim das linhas
Até o fim dos tempos
E tu continuastes desaparecida,
Livre dentro dos dias.
Eu te perpetuei nas fontes, nas pontes,
Nas escadarias, nos sorvedouros,
Como pautas preenchidas
De uma canção:
Antiga, perdida, distante,
E, portanto, perfeita em tua
Moldura de concha,
Pérola convertida,
Imorredoura,
Tirando teu sopro da tenacidade
Aprendida com os diamantes.
E eu te compus, alterei,
Recriei, recompus, por todos
Os muros das cidades que
Batizei com teu nome.
Agora, tu te levantas,
Impoluta, digna, incorruptível,
Graças a mim, teu deus,
Aquele cujo sopro te fere a pele,
Te erige, rija, tua coluna vertebral,
Ilumina teus olhos, teus sorrisos.
Graças a mim,

Podes multiplicar-te à exaustão,
Sobrepujar, por fim,
Teu criador andrajoso,
Por onde fores,
Por onde fores,
Legando-me, tão somente,
O ofício de cantar-te
Na distância e no vazio
Da tua existência.

Carlos Godoy

XANANAS

Espalhadas em grupos
Unidas na beleza
Unidas na simples...
Maneira de surgirem
Em todo canto
Da cidade de Natal.
Pois genuinamente
Potiguar...
Encanta cada caminho.
Um olhar, um querer bem!

Clécia Santos

COISAS DE SONHOS

Um lugar, um nevoeiro
Um chuveiro aberto
Luz de meio dia,
Outras, nem sei.
Entrei numa porta
Sai pela outra
Uma janela aberta me piscou
Quis pular sua arca.

Desconexas minhas lágrimas
Tropeçaram, e eu sabia...
Fiz besteira, voltei
Estou aqui, a um passo
De outros sonhos
Outras vidas...

Sou atriz!

Clécia Santos

DE PEDRAS E BORBOLETAS

Escrevi imaginária
Letras em pedras...
Sobrevoei leve e breve
Segredei coisinhas delicadas
Quem sabe assim,
As suas intempéries...

Serão louvadas!

Clécia Santos

Sou

Sou a parte que não sei

Sou o surreal da arte

Sou a parte que faltou

Sou parte em toda parte

Que se parte em pedaço

Sou vários fragmentos

Sou o que é ninguém

Sou até o que sobrou

Quando ando a esmo

O que eu vejo de mim

É a parte que não sou.

Daniel Bezerra

Páscoa

A Páscoa é o tempo de renovação,

De deixar de lado a tristeza e a dor,

Permitir que a vida venha renascer,

E o amor guiar, com o seu melhor.

Páscoa é o tempo de celebrar a luz,

Que nos ilumina com a intensidade,

Refletindo com bênçãos recebidas,

Transmitindo mensagem da verdade.

A Páscoa é sinônimo de esperança,
De fé, maturidade na vida e no bem,
De que o amor reinará para sempre,
E jamais deixará a tristeza ter vez.

Na data tradicionalmente especial,
Vamos sim unir nossos corações,
Para fazer da vida um lugar melhor,
E espalhar a paz, o amor e gratidão.

Daniel Bezerra

O Deus do improvável

O Deus do impossível é o Criador

Não com força ou violência

mas com amor

Ele livra-nos do mal,

do pecado e da dor.

As tentações são constantes

mas sabemos quem é o Senhor

Aquele que não dormita

que cuida, que ampara

que protege, que vê valor

em cada ser que criou.

Você é importante sim!

Você é bela, simples

e charmosa como uma flor!

Você é pedra preciosa de valor!

Você é valiosa, é filha do Senhor!

Você é gratidão e razão

neste tempo do fim.

Pois sabemos que a vitória vem

Em breve, Jerusalém!

(Profª Ma. Edilene F.)

Eu lírico apaixonado

Teu sorriso desconcertante

Teu olhar profundo

Teus dedos gentis

o amor é claro, profundo e leve

o amor é belo, gentil e doce

o amor é cuidado, é força motriz

o amor é a razão de se viver feliz.

o amor é que une pessoas

abraços longos, olhar carinhoso

um convite a viver

e, de novo, florescer.

o amor é você.

(Profª Ma. Edilene F.)

PASPRESENDOURO

Lá longe, lá em meu pretérito
Ouvia o cantar dos pássaros
Dos grilos e das cigarras
O latir do cão de Sr. Babá
O relinchar do burro de Sr. Duda
O mugir das vacas no sítio
De minha tia Biía
O cacarejo das galinhas
E o cantar do galo na madrugada.
E mais ainda, pela manhã
No terreiro de minha casa
Com a minha mãe logo cedo
Botando milho pra elas;
Os miados dos gatos de D. Maria da Luz
Durante dias e noites.....

.....
Hoje escuto um cantar de um pássaro
Que talvez por desespero
Encontrou um recanto,
Um lugar qualquer
Que nem mesmo sei
Se canta ou se chora
Lamentando-se por ter deixado
O seu convívio com a natureza
Dor ar livre, do ar puro
Ou mesmo do ar sem poluição;
Ao mesmo tempo escuto
O cantar de uma cigarra
Que logo é interrompido
Pelos barulhos dos automóveis
Muitas vezes não se sabe distinguir
Se são os automóveis
Ou se é mesmo a cigarra
Ou ainda se são os nossos tímpanos
Que sempre ficam a zunir naturalmente?!
O cantar dos grilos
São idênticos aos das cigarras
Isso nos barulhos dos veículos
Nas ruas movimentadas.
Mesmo que eu escute
O cantar de um bem-te-vi
Todas as manhãs na minha intuição
Ou sobre uma antena de televisão
Ao lado do prédio que moro

Não consigo viver meu pretérito
Mas relembro o cantar de um deles
Na mangueira espada ou rosa
Ou mesmo ainda no pé de pitombeira
Atrás de minha casa,
Minha terra natal, NATAL
Vivo naturalmente e sem interrupção
Meus momentos anteriores de meu sítio
Só quando assim chega a noite,
As estrelas são as mesmas
E continuam no mesmo lugar
Pelo menos elas,
Eles não conseguiram mudar;
A lua com o seu mesmo encanto
Linda, sempre linda, linda, linda!...
Levanto-me durante as noites
Para apreciar e sentir a emoção
Que sempre e sempre vou sentir.
A sua brisa cheia e singela
Entra em meu quarto e me acorda
Convidando-me para acompanhar
Seus passos lentos e taciturnos
Com destino ao aconchego que é seu....

.....
O que ouvirei em meu vindouro?
Será que irei ouvir os pássaros?
Livres, libertos e tranquilos?
Ou só ouvirei loucos barulhos dos homens
Sons artificiais, máquinas de ferro
E outras coisas mais?
E onde estão os meios naturais?...

Do Livro DENDROCLASTA de Emecê Garcia, 1ª edição - Editora SCORTECCI, Jun 1988 –
São Paulo/SP

O jardim da minha alma

A minha alma tem
Um singelo jardim
Onde florescem
Minhas roseiras eternizadas
Porque eu já tive muitas
E de todas elas
Eu me lembro e lhes sorrio
Nessa minha vida
Tive o prazer de ser jardineira
E me encantar
Com toda flor que se abria
E para elas escrevi muitos poemas
Eu desejava que as roseiras
Não morressem
E por isso escrevi um livro
Somente para elas
Hoje eu ainda tenho jardim
Porém, têm poucas roseiras
Porque a doença que pareço
Me impede de cuidar
Da singeleza das roseiras
Mas o que importa
É que fotografei todas
As plantas do meu jardim
E pedi a Deus para fazer
No céu um jardim
Para minha alma se encantar

Maria de Fátima Alves de Carvalho

Poetisa da Caatinga

Natal, 15.04.2023

Dedico este poema

Para todas e todos jardineiros(a)

Sorrir para a vida

Sorrir para vida!

Com alma viva...

Pois ela te abraça!

Sorrir para vida!

Como se fosse menina...

Sorrisos inocentes

Sorrir para vida!

Com flores da alma...

E espera com calma

Sorrir para a vida!

Com flores de lágrimas

Mas sempre da alma...

Sorrir Pra Jesus!

E espera tua glória...

Não pense no tempo!

Pois ela virá...

Fátima Alves /Poetisa da Caatinga

Felicidade

Para mim é ter casa

Família

Saúde

Emprego

E muita comida na mesa

Pois passei até meus 20 anos

Lutando para conseguir

Essa realidade

Hoje tenho e sou

Eternamente feliz

Obrigada Pai Celestial!

Tudo que tenho é porque

Estás comigo...

Fátima Alves

Poetisa da Caatinga

Natal, 08.01.2023



Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano, atualmente como mediadora de leitura na biblioteca. É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, e do Fanzine Asas de Mãe. Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

Alma Irmã

Fátima Nascimento Leite

Encontrar uma alma irmã
Nem sempre se consegue,
Nem sempre se percebe,
E não são todos que a recebem.
Mas o coração a reconhece,
O olhar nos faz lembrar
E a essência nos faz tocar,
Na profundidade de sentimentos
E emoções a emanar.
Apenas Deus pode explicar
A afinidade que nasce,
Entre dois seres ao se encontrar.
Irmãs na alma e no coração,
Irmãs, inexplicavelmente pela emoção,
Que o destino fez nosso caminho cruzar,
E que a distância não nos impede,
Todos os dias de nos encontrar.
Seja pela voz lançadas ao vento
Através de mensagens,
Trocadas a cada momento,
Levadas pelo carisma e pensamento,
Ou pelas imagens refletidas,
Em cada palavra e ensinamento.
Pois amiga é alma irmã
Veio pra nos ajudar.
Quando cairmos, levantar viva e sã,
Veio pra nos ensinar a caminhar.
A todas as minhas amigas,
Quero que a minha enorme
Gratidão vá abraçar.

Minibiografia: Ítalo Rafael Lima Dourado. Autor de “Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade” publicado pela editora MWG e “Outras Horas Úmidas” publicado pela editora Tomaaíumpoema. Alguém como qualquer outro.

Esse amor não escrito

Esse amor não escrito
viajar carente no vento
entregue ao mito ingênuo
de não ser outro esquecido.

Só para eles:

Mil poucas desculpas.

Só para eles:

Mil choro lágrimas.

Esse amor não escrito
enfeitiçado na ilusão crente,
loucura doce e imponente
de não ser outro esquecido.

Só para eles:

Esse vislumbre de promessas.

Só para eles:

Curtos enredos d’uma peça.

Páscoa outra vez

E outra vez estamos aqui
Diante do sacrifício de Cristo
Igual a esse nunca mais visto
Mesmo não vendo podemos sentir

Uma vez mais revivendo o amor
Que nosso o Senhor tem pós nós
Pra dizermos em única vós
O tamanho de tanta dor

E assim de novo o espírito renovando
E dando graças a todo momento
Por ele ter por nós tanto sentimento
E assim vivermos em contentamento

Poetisa Janyclely Fonsêca

**Se nossa língua calar,
nosso sangue falará!**

Somos mulheres fortes
Guerreiras e destemidas
Contamos com amor e sorte
Para guiar nossas vidas

Temos voz e não paramos
Por que não temos amarras

E assim sempre encantamos

A todos com a nossa garra

Vemos com o coração

sentimos com o olhar

Falamos com a emoção

De quem não pode calar

Trazemos na veia a calma

No sangue um forte grito

Que no recôndito da alma

Supera todo e qualquer conflito

Nos dando pleno desejo

De nunca deixar no ar

Um pensamento bem-fazejo

E o desejo de amar

Mesmo que nos sufoque

Para que não clamemos

Tirando nosso enfoque

Nós não nos calaremos

Sempre vamos ter a voz

No coração que presente

Que nunca estaremos sós

Pois fala o sangue da gente

Poetisa Janyclely Fonsêca

Mãe é corda do coração

Tanto encanto e beleza exerce
Em todos que a admiram e cercam
Que no meu coração clama e cresce
Paz e amor que de mim transbordam
E o meu ser encantado se enternece

Essa flor bela só me traz alegria
E faz brotar em minha'alma o amor
É como o sol que brilhante irradia
Com sua luz e seu potente calor
Transformando-me no dia a dia

Seu nome e sua cor me inspiram
E contornam de cores minha visão
Ao seu cheiro minhas emoções vibram
Fazendo tilintar de sons minha audição
Enquanto minhas ilusões suspiram!

Poetisa Janyclely Fonsêca

Inacessível

No caminho vazio de miragens um
ligeiro gemido vaza.

Invade.

Planto flores que te comem.

Nessa queda enviesada, enquanto se elidem
sonhos e pesadelos, sou tismado pelo sol.

A inteireza escapa.

É nesse campo abandonado

- vazio de árvores - que dou-me conta: é
de outra época o meu olhar.

Jean Sartief

Nada mais à espera.

Trilhas e rastros. Desenhos e musgos.
Estames e carpelos.

De madrugada selamos um beijo enleado
de afetos.

Vou dispor do meu último desejo.

Ofereço maçãs, meu corpo, ereções
e um coração desnudo e sangrento
que me sustenta desde que nasci.

De madrugada, selamos um beijo e
percorro espaços
como uma aranha em sua teia.

Teia fina, tão fina.

A vida acontece em um jardim.

Jean Sartief

Ninho

O pássaro,
que não cantava,
fez a morada.

Para trás,

frágil galho diante dos olhos.

O rumor das asas.

A primeira madrugada...

Afigura-se a certeza

de sempre tentar.

Jean Sartief

POR METRO E SEGUNDOS

Dê-me um metro em meio e chego até você
em dois segundos vou lhe conhecer

Se não fosse meu relógio adiantado
este meu andar demorado
pegaríamos o mesmo metrô
e me sentaria no banco ao seu lado
no início tímido e acanhado
olhando meus pés se aproximarem
no diálogo surdo dos sapatos

No subsolo da cidade
olharia enviesado suas mãos
com unhas pintadas de vermelho
combinando com o claro rubro dos lábios
e no esconderijo da minha invisibilidade
atravessaria retraimentos e recatos
e lhe ofertaria o sonogado das minhas intimidades

Podia ser que você me achasse ousado
afoito, atrevido e desavergonhado
quando de fato sou um homem assustado
com o tamanho da sua beleza
que vi entrar no vagão naquela tarde
em que cheguei dois segundos atrasados
e por um metro e meio não me sentei ao seu lado

Joaquim Cesário de Mello
Recife (PE)

Contato: jcesariomelo@bol.com.br

MINIBIOGRAFIA

Psicólogo, psicoterapeuta, bacharel em Direito e professor universitário. Escritor e poeta, participou de várias antologias literárias, entre elas Nouveaux Brésils Fin de Siècle (2000), Poesia Viva do Recife (CEPE, 1996), Cronistas de Pernambuco (Carpe Diem, 2010), Poesia na Escola (Palavra & Arte, 2021). Em final da década de 80 participou do Movimento de Escritores Independentes e foi cronista do Encarte Cultural do Jornal do Commercio (PE) entre 1998-

2002. Autor dos livros *Dialética Terapeuta* (Litoral, 2003), *A Alma Humana* (Labrador, 2018), *A Psicologia nos Ditados Populares* (Labrador, 2020), *A Vida Como Um Espanto* (Labrador, 2021), *No Cemitério das Nuvens* (Folheando, 2022), *Memórias do Esquecimento* (Giostri, 2023).



Mudanças

Podemos na vida até caminhar,
Sentindo uma dor igual solidão,
Incertezas dos dias a enfrentar,
Vazias andanças sem direção.

Contudo, não ficamos obrigados,
Conviver envoltos à escuridão,
Como vulto feito mundo cercado,
Da crueldade de más intenções.

A tenacidade trilha desvios,
Mesmo com seus devidos cuidados,
Traçar rumo certo para o caminho.

Tal contemplados de perseverança,
Sempre devemos estar preparados,
Para pequenas e grandes mudanças.

Jorge Jacinto da Silva Jr.

Falta¹

*Uma dor pulsa e vibra em meu peito
Aquele música que tocou
lembrou-me de muitos momentos...
Das noites e madrugadas
frias nas quais o
mundo e as pessoas pareciam
ter desistido de nós...
Em algum lugar, aí dentro,
sei que ainda vivo...
Quem sabe na mais
remota lembrança...
Uma centelha que insiste em queimar,
mesmo na escassez de combustível...
Me sinto tão só...
Aquele música me
traz uma série de lembranças...
Ainda ouço suas palavras
me dizendo que tudo
vai passar...
E que eu vou ficar bem...
Dói ... Dói de uma forma
que parece me fazer do avesso...
A chuva que cai...
parece que o céu
chora as lágrimas que há muito
estão presas, em algum lugar*

¹ José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestre em Letras pela mesma universidade, sendo professor da educação básica. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com

aqui dentro...
De onde não as consigo soltar...
Eu agonizo...
Machuca, dilacera o meu ser...
Ele sangra...
Mas, de alguma forma,
essa dor é uma das poucas coisas
que me lembram
que ainda estou vivo..
Mesmo que caindo aos pedaços,
jogado às traças,
Pela falta que você me faz...

Às avessas

Já faz um tempo
desde que você me
chamou daquele jeito...
E disse aquilo
sobre meu sorriso...
Depois vieram as ondas
e naufragaram
nosso frágil barquinho.
Você navegou
e, mais adiante,
encontrou um porto
e atracou...
E eu...
continuei navegando

*em águas cada vez mais frias,
profundas e distantes...*

Menina

Menina,

Não fique assim parada

De pernas cruzadas

E salto no pé...

Vestido com a manga

Meio caído...

Não faz isso comigo

Que meu coração

Fica doído

Eu perco o sono

E fico noiado

No seu cabelo bem cuidado

Senão eu me abalo

E me apaixono.

Rem

Vou dormir e acordar

na solidão do quarto

escuro e frio...

As sombras parecem

ter formas...

Espectros andam,

pra lá e pra cá...

Tudo fica girando...

Demorei demais

*Na madrugada fria
Minh'alma agoniza
Em meio à solidão...
Os pensamentos são tão cruéis
que não me deixam
vontade de mais nada.
O sono vem...
Mas me recuso a dormir
pois sei que serão pesadelos.
Ando, sem rumo.
Durmo, mas não descanso.
A chuva cai, fina e fria
lavando todos os meus
sonhos e ilusões...
Ou o que havia restado deles.
Comecei a andar...
Mas sem muletas
ou um ombro
um amputado de uma perna não
vai muito longe
num vale de espinhos...
O cobertor não aquece
pois o frio não é em meu corpo...
São cicatrizes da alma
...
Que insistem em sangrar...
Hora de parar
...
As coisas perdem o sentido...
A mesma música, repetidas vezes,
Causa a mesma dor..
E eu não consigo fugir disso...
Já vi esse filme...
Sei como acaba...
Mas, uma vez na sala de cinema lotada,
Na última fileira,
Não há muito o que fazer...
A não ser se deixar
E não ir.*

Divino abril que vem carregado
De sol e essências
Trazendo a esperança
Sobre os campos sepulcrais
Onde já não se lê mais os nomes dos mortos

Tantos! São tantos que faltam lápides
Já não se sabe onde o seu amor foi encovado
Por não poder ser velado

Outono abril
Onde folhas mortas adubam o chão
Que um dia será jardim

À Paris

Des mèches de cheveux, des ongles coupés et un verre de vin.

Et avec ce froid, la nuit devient un climat particulier.

Et avec une chanson française que j'ai lue à la lueur du chandelier.

Et Paris n'a jamais vu une nuit aussi majestueuse.

Simple mais tellement raffiné.

Avec Indila résonnant et le froid me réconfortant.

Lucas Gois Santos

ARAR-ME

Ar

Arar-me de tudo, e torná-lo próprio para ti.

Torna-me próprio para te servir.

E por te sentir, eu sinto teus olhos.

Que florescem e germinam meus solos.

Por puro capricho se torna próprio.

E arando-me mudo de forma.

E por fim me torno sua obra.

Lucas Gois Santos

NÃO!

Não tocar, não quero te tocar
entre você e eu.

E eu?

NÃO! Não quero, não quero .

Não quero você, e por quais motivos devo querer?

E por quais motivos devo temer? E querer não temer?

O não existe como um ponto de partida rumo ao contrário, ao contrário do sim.

O “não” não dito é um sim encubiado, e que ativar o afirmar.

Afirmar seu querer e desmente o não querer.

Portanto, se não te cabe, negue o afirmar e assim você não precisará ser obrigado a aceitar.

Lucas Gois Santos

Dia do Espiritismo

As Virtudes dos Céus, imenso exército, são os Espíritos do Senhor.

Na superfície da Terra, se espalharam a serviço do Amor.

Clareando. O que somos? De onde viemos. Para onde vamos? Qual a razão da dor?

Nasce na França o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail. Allan Kardec.

O que é a vida? Como resolver problemas aparentemente sem solução?

Codifica o Espiritismo, quando o materialismo apontava noutra direção.

Com Jesus, modelo e guia, uma Porta Espiritual se abre.

Com “O Livro dos Espíritos”, Kardec se revela o mensageiro portando a Chave.

Luiz Carlos Formiga

18 de Abril

<https://www.febnet.org.br/portal/2022/06/03/sancionado-o-dia-nacional-do-espiritismo/>



Sou Maria Lefèvre, moro no Rio de Janeiro e sou formada em Letras, Português-Inglês, pela UFRJ. Trabalhei como professora de inglês e, depois fui revisora, tradutora e intérprete no Ministério da Aeronáutica. Quando aposentada, tive tempo para botar no papel o que me vinha à mente, e a dar vazão a minhas inspirações, escrevendo e fazendo poesias. Publico meus textos e poesias no site Recanto das Letras, sob o pseudônimo de Luna Mia, e já participei de algumas Coletâneas e Revistas literárias e daqui da Barbante e da Danda. Grata pelo convite, Juli. Espero que gostem do que escrevo!

CHOVEM-ME CACTOS CAÓTICOS (tautograma)

Chovem-me cactos caóticos...

Cá comigo,

Canto condoída canção,

Confortando conturbado coração...

Corvo compadecido crocita...

Crença crepita como carvão.

Continuo caminhada,

Carente, confusa, consternada...

Corpo cansado,

Conformado, calejado,
Carpindo culpas,
Carecendo curas...
Crepúsculo cai colorindo calçadas...
Cobre cumes, casas, cumeeiras.
Cometas cruzam céu,
Constelações costumeiras
Clareiam chão.
Choro calminha, calada,
Cristalizando canseira,
Consolando contristado coração.

Ouvindo Gilbert O' Sullivan - Alone Again, Naturally (Tradução) -

<https://youtu.be/ct4RnW3zU38>

Luna Mia



Mariela Cordeiro. Venezuela (1985) é advogada, poeta, escritor, tradutor e artista visual. A sua poesia foi publicada em várias antologias internacionais. Recebeu várias distinções. Seus poemas foram traduzidos para o hindi, Tcheco, sérvio, shona, uzbeque, romeno, macedônio, coreano, hebraico, bengali, inglês, árabe, chinês, russo, polonês. Atualmente coordena as seções #PoesiaVenezuelana e #PoetasdelMundo na Revista Aberta de Poesia Poémame (Espanha).

A outra metade das chamas

Você sonha em extrair
nada mais
do que o calor da combustão
aspiras conservar
somente
a embelezada queimadura
que faça gozar ao tato
do olho.

Você não deseja possuir
a outra metade das chamas
Você foge do incêndio total
que devasta e transforma
todo vai e vem em pedra moída
todo amor em amnésia
todo o coração
em cinzas.

Tradução para o português de Márcia Batista Ramos.

Quem me dera

Quem me dera se todo dia tivesse amor,
No arco-íris da poesia,
E o sorriso tivesse cor,
E fosse encanto como o recanto todo dia,

Quem me dera se não tivesse mais dor,
Que o sentimento fosse constante,
Que a melodia contemplasse o Senhor,
Assim ficaríamos muito mais contente.

Quem me dera se tivesse nos meus abraços,
Iria florir meu jardim,
E entrelaçaria os nossos laços,
Se aceitasse o meu sim.

Marisa Sá

O rosado dos flamingos

O rosado dos flamingos

Flutuando em saís cristalinos avistei alguns flamingos bailarem em sons do mar.

Uma visão que nunca tinha visto antes, a cor rosa ressaltando a brancura das ondas marinhas em direção ao sol ardente que refletia em suas plumas cor- de -rosa.

Em seguida avistava filhotes de flamingos na espuma das ondas, destacando sua graça em águas salgadas, ao mesmo tempo que contemplava esta obra de arte caíam orvalhos de chuvisco sobre o mar misturando nas plumas dos pequenos flamingos que imitavam os passos de um grupo de flamingos um pouco mais à frente.

A paisagem se transformou em uma pintura transcendental ao ritmo de ondas cristalinas que se misturavam com o arco-íris em direção ao céu refletindo amor na linha do horizonte.

Marisa Sá

Biografia:

Meu nome é Marisa, tenho 48 anos, sou de São Paulo.

Sou formada em Administração.

Meu primeiro poema: Felicidade foi escrito há 8 anos. Mas somente em 2021 o meu dom floriu ao participar do Recanto das letras.

Também escrevi algumas letras de músicas a qual transformaram-se em melodias.

Particpei também de outras revistas e coletâneas.



MARILZA PEREIRA CALSAVARA é natural de Campinas, SP, professora primária e participante de 40 antologias Literárias editadas por diversas Editoras. Tem sete livros já publicados: Mosaico, Obras Reunidas, Alameda da Reflexão, Balaio de Gato, O Canto da Terra Virgem, A Civilização dos Incas e o Portal dos Sonhos, editados por duas editoras. Está no RECANTO DAS LETRAS. Usa o pseudônimo de MDLUZ.

AMANHECER

*Amanhecer é o despontar do sol,
Para nós amanhecer é acordar,
Mas não é tão simples assim.*

*Amanhecer é vestir-se de esperança,
E saber que muitas possibilidades,
Estarão prontas nos esperando.*

*É coragem de pisar no chão,
Com os pés firmes na força da fé,
Que nos encoraja a viver este dia,
Que nos aguarda com a beleza da vida!
É o hoje com novas alegrias,
São flores do jardim colorindo o dia.*

*Exalando um suave perfume,
Que fortalece a nossa vibração,
Produz em nós uma benéfica energia,*

*Feliz dia de hoje, o presente,
Abra com intensidade a janela da vida,
Que pulsa em nós pura e simplesmente!*

MARILZA PEREIRA CALSAVARA

MDLUZ

19/03/2023

A ADOLESCENTE

Miguel Carqueija

Eu sou a adolescente,
sou feita de nuvem e sonho,
e mais mil coisas na mente
meu mundo não é enfadonho.

Vocês às vezes me tomam
por uma desmiolada,
e tudo de ruim vocês somam,
me julgam até desbocada.

Bem, eu não sou nada disso,
ao menos falo por mim:
o que é ruim não atijo,
e ando com Deus em mim.

Sei que o mundo é perigoso
para quem tem pouca idade:
nem tudo o que é gostoso
é pra fazer de verdade.

Por isso eu tenho juízo,
papai e mamãe me deram;
aprendi a ter meu siso
e por mim eles se esmeram.

Alegre, é claro que eu sou;
divertida e saltitante;
eu adoro rock-and-roll
e amo ritmo dançante.

Às vezes sou avoada
mas tenho bom coração:
quero amar e ser amada
e a todos eu dou a mão.

Se quer saber se eu desejo
ter um amor do meu lado
pode crer que eu almejo
o meu Príncipe Encantado!

Enquanto isso não vem eu brinco
pois sou um pouco criança,
mas estudo com afinco
e em Deus eu tenho esperança!

Eu quero de véu e grinalda
casar um dia na igreja;
depois trocar uma fralda
mostrando pra mamãe: — Ora veja!

Já sei bancar a mamãe,
trocar fralda de bebê!
Chorando dirá minha mãe:

— Quem te viu e quem te vê!

Eu estudo com esmêro
e a minha mente se acresce;
Caxias sem exagero
enquanto o meu corpo adolece.

O tempo que não existe

Olivaldo Júnior

Peço um tempo pra eu contar
Que o deus tempo tem sentido
Que não há nenhum problema
Em não crer que o tempo ido
Já não volta, nem existe
Faz de conta que é ruído!...

Um ruído que ensurdece
Quem não tem mais nenhum dia
Para ouvir um sabiá
Para ouvir quem diz poesia
Numa praça, ou no Instagram
Todo o tempo, dia a dia...

Dia a dia, o tempo sobra
Mas a gente faz que falta
Diz até que não existe
E, no fim, se sobressalta
Quando em frente ao tal do espelho
Vê que a ruga à testa salta!

Quanto mais o tempo falta
Mais do tempo a gente tem
Mais do mesmo a gente sonha
E, sem ver, o tempo é o bem
Que não vale nenhum outro

Faz maior quem o contém.

Tempo, tempo, tempo, tempo...

Diz a célebre canção

De um Caetano que sabia

Que a canção do coração

Tem no tempo a melodia

De quem vive com razão.

Existe, eu sei que ele existe

Num relógio machucado

Meio manco, quase morto

Como se desse um recado

A quem faz ouvidos moucos

Para tudo que é sagrado...

O tempo que não existe

É o que a gente joga fora

O que a gente desperdiça

Nem dá conta que vigora

Entre tanto tempo assim

O mural em que se escora...

As lembranças de família

O rostinho do bebê

Cada coisa que, perdida

Conta um pouco de você

Que ficou na fantasia

De quem anda sem porquê...

Existe, eu sei que ele existe
Mesmo que digam que não
Numa trova, num poema
Numa forma de emoção
Que, no tempo que inventamos
Torna física a invenção!

Tempo, o que por ora invento
Com meus poucos minutinhos
Pra fazer minha lição
Que ficou sem meus carinhos
Entre aranhas, sem paixão
Como fosse um dos espinhos...

Porque o único tempo
Que realmente desiste
É o tempo que não temos
Tempo firme, que resiste
Com seus olhos, seu veneno
Nos deixando sem alpiste!...

Tempo plebe, às vezes, rei
Que sussurra em meus ouvidos
Sua forma de ser mudo
Transformando meus sentidos
Quando eu só queria honrar
Os caminhos mais compridos!

Invento, oh, tempo, outro tempo
Outra forma de detê-lo
Um tempo em que eu possa ter
Desse fio seu novelo
Dessa música seu gérmen
Como se fosse comê-lo!

E como, e bebo, e mastigo
Com meus sonhos outra chance
Outra data pra viver
Com quem foge ao meu alcance
Com quem faz de minha vida
Só um golpe, e de relance!

Assim, enxergo meus pais
Sem mexer no celular
Para ver quem fez postagem
Para ver quem vai pousar
Numa tela em homenagem
A quem nunca irá chegar...

Com meu tempo reinventado
Ele existe sim, senhor!
E faz caso de quem anda
Sem ter tempo para o amor
Numa eterna e vã ciranda
Que ainda existe em seu louvor!

Me resta uma floresta

Um resto de brasas de um extinto inferno

Um velho caderno de poesias sobre elefantes

Instantes de prosa, pressa, passos que passam e não deixam rastros...

Me restam mastros – bandeiras de países inventados

Sonhos de menino

Danças que não sei dançar

Versos que não sei escrever

Se eu fosse um poeta eu escreveria sobre o bailar de uma panapaná azulada que passou na réstia sépia de uma lua cheio de outono...

Me resta um rio

Rio que gargalho com as firulas de uns macacos que surgem em minha mente

Rio cristalino que corre manso a três passos do oitão da casa dos meus sonhos...

Sonhos de açúcar mascavo, araruta, leite e mel...

Me resta um singelo mistério

Um corpo etéreo

Um império de simplicidades em papel machê

Quimeras entre origamis

Encantadas libélulas

Som de sinos de uma capela mágica

E uma canção que transcende

E acende um Sol em pleno seio noturno

Me restam outonos
Pollyanas de vermelho a contemplar espelhos d'água
E miríades de anjos a picotar folhas amareladas
Em estradas ladrilhadas pelos filhos do tempo...

-

Das coisas que me restam
Revelas a flor ao sul da madrugada,
E os teus seios é o meu farol – não me perco...

Há um soneto revelado na tez da minha vontade,
Uma orquestra, um sino viçoso,
Que dobra ao toque cioso de um verso.

Há uma língua profana que lambe meus dedos,
Semente de carne no fio da espada,
Campo que conduz ao norte de um astro,
E se desmancha nas fragas diante dos meus pés...

Há uma estrada que se desencaminha nas penhas das tuas ancas,
Uma rosa posta no eixo da pirâmide,
Que se expande feito um oásis num deserto de delícias...

Revelas a fonte que jorra da gruta sacra,
E o teu cio é a corrente que me leva,
Sob as águas de um sossego indescritível.

-

FLOR REVELADA

RADYR GONÇALVES

A inocência debruçava-se na areia alva das dunas,
Enquanto os barcos engoliam o tempo.

O horizonte espichava-se dourado, fim de tarde,
Enquanto o Sol abraçava a revoada...

Não havia murmúrios.

O ruído soprano do vento embalava os coqueirais,
Jabuticabas forravam os quintais... E as mangueiras.

A poesia era uma concha bonita de sargaços que beijava a praia...

A vida era a pele queimada e acariciada pela brisa...

Deus ladrilhava o pôr do Sol com pedras de fogo,
E os anjos pululavam por entre as avenidas de nuvens...

Um sossego amarelo/monótono pintava o quadro da noite,
Os sinos dobravam, os mochos devotos cirandavam a catedral,
(A santa não tinha o mínimo trabalho)...

A vida era um milagre abundantemente uniforme,
Uma lua enorme – quase cinematográfica boiava entre os ombros do morro e o peito do céu...

A ingenuidade aninhava-se doce na luz dos meus olhos,
Enquanto as freiras – que agora moravam no céu –
Decorava o horizonte com cintilantes estrelas (sobra das bolinhas do natal, segundo um anjo

fofoqueiro)

Então eu dormia... Não havia murmúrios.

-

CONCHA DE SARGAÇOS

Radyr Gonçalves

ALIMENTO DA VIDA

O pão da vida de cada dia

É masculino, é feminino

Está em casa, está na rua

É doce, é amargo, é alegria!

O pão da vida de cada dia

Sou eu, é você, somos nós

É feijão na panela de Maria

É sonho de Ícaro no quarto de Carolina!

O pão da vida de cada dia

Recheado de dor, suor, amor

É lua, é sol, é chuva

Transborda fantasia!

O pão da vida de cada dia

É prosa, é poesia

É o sal da terra

É melodia!

ACASOS

Muito a dizer...

Nas noites vazias

Sem palavras nos lábios

Deserto na alma
Rascunhos ao vento
E muito para amar...
Sem promessas de casamento.

TEMPO DE CARAVELAS

Os olhos que leem
Meus outros eus
Inscritos nos desertos
São olhos com cheiro de saudades.

As mãos que tocam a alma
Do meu corpo-ânsia
Entregue às manhãs de chuva
São mãos com sabor de melodia.

A língua que decifra
Meu destino-fênix
Preso na estação-solidão
É a língua que rasga montanhas.

O tempo que atravessa
Minhas esquinas amorfas
Confluência dos desconcertos
É o tempo das caravelas e luas.

Rita Queiroz

Natural de Salvador-BA. Professora universitária. Escritora. Poeta. Autora de 17 livros: 8 de poemas, 1 de

contos, 1 biográfico e 7 infantojuvenis. Organizadora de 15 coletâneas. Participações em mais de 150 antologias/ coletâneas. Publicações em revistas literárias nacionais e internacionais. Embaixadora do Ser Mulher Projecto Solidário (Portugal). Embaixadora Internacional da Paz (*World Literary Forum for Peace and Human Rights*).

Mujer

Mujer,

Eres luna llena,

cuando conjugas el verbo

amar en tu vientre cimbreado.

Horizontal cuando se trata de tú y Yo

y de idear nuestra mejor estrategia.

Mujer,

luz de luna,

semioscura, misteriosa

de abrupta geografía

y silentes corrientes.

Mujer,

desnuda eres

perfecta imperfecciones.

Tu desnudez recorro

con el arado de mis besos,

voy abriendo surcos y caminos

en tus mesetas

y senderos inexplorados

al andar.

Mujer,

desnuda eres luz resplandeciente,

blanco fulgor

que irradia tu diáfano cuerpo
como un cristal fluorescente
veo a través de ti
en la oscura noche.

Mujer,
me gusta explorar tus
nocturno senderos
en la noche,
cuando más te me antojas
comer esos gajos de frutas maduras
de tu cuerpo de luna.

Mujer,
Absorto en tu desnudez
y singular belleza.
Eres única como la luna
en cada una de tus faces,
bebo de la Oquedad
de tus cráteres la
tibieza de tu ternura.

Autor: Roberto Dávila Torres

País: Nicaragua. 20/Febrero/2022

© Reservados Derechos de Autor

Mujer piel de àngel

Mujer piel de ángel,

eres mía, sí mía
cómo está noche
en qué invoco
a gritos tu presencia
con el lenguaje
de mis ansias
en qué la voz de mis
antojos te llaman
con embriagado afán
busco atravez del viento
de la noche
tocar tu cuerpo desnudo
y el íntimo sabor
frutado y
dulce almizcle
de tu sexo.

Autor: Roberto Dávila Torres

País: Nicaragua. 4/Marzo/2022

© Reservados Derechos de Autor

Mientras Fumo

Te miro mientras fumo,
mientras fumo, te fumo
con esta mortal ternura
que me conoces,
mientras Fumo,

a tí te fumo
y ósculo con la mirada
miro tu cuerpo desnudo,
la geografía que alegre
recorrieron mis besos
y mi lengua,
tus abruptas montañas
de tu pecho en que reposa
mi cansancio del Vaivén nocturno,
y la tibia rosa de tu entrepierna
sin mi lengua
tantas cosas que quisiera decirte
apretada a mi regazo
lastima que eres solo
un retrato.

Autor : Roberto Dávila Torres.

País: Nicaragua

© Reservados Derechos de Autor

COPA DE RON CON TU AROMA
(Poema Caligrama)

Amor libre,
beso todo
tu cuerpo
en cada
ósculo
en mi
copa
de
R
O
N.
Re-
cuer-
do
aún el
aroma de
tus pliegues tibio,
los huelo en esta copa.

Autor: Roberto Dávila Torres
País: Nicaragua. 7/Nov/2022
© Reservados Derechos de Autor

Roberto Dávila Torres, Poeta, Abogado y Notario Público de la República de Nicaragua, sus poemas han sido publicados en varias revistas y Antologías de América y Europa.



Herói de mim mesmo
Rosangela Mariano
São Leopoldo - RS

O peito
explode
em liberdade...

A alma
e a pele
molhadas
respingam
ritmos
dançantes...

Cai a chuva
- melodia morna
encharcando
a tarde
em gotas azuis...
- Já não sou criança!
- Já não sou menino!

No bailado líquido
dos meus pés,
transfiguro-me
em herói
de mim mesmo...

Blog: <http://lunaraescritora.blogspot.com>



Santosh Kumar Pokharel é um poeta internacional multilíngue do Nepal. Os poemas do poeta Pokharel foram traduzidos para vinte e nove idiomas até agora. Premiado com o título de Poeta do Mundo da Rússia e Poeta de Ouro do Mundo da Ucrânia e Melhor Poeta Internacional da China, ele também é tradutor, editor e ensaísta.

A Guerra

Eu ouvi que a guerra começou
em algum lugar longe.

Eu não sabia que viria tão rápido;
eu estava enfurecido com o ataque do terrível tufão:

a guerra agora visível é

no céu, na terra e no mar;

A guerra nenhum lamento tende a ouvir.

Espere e ouça o choro das crianças lá fora,

Vou terminar meu poema mais tarde.

Venha, ouça meu poema!

As pessoas alertaram que as crianças estão desaparecendo,
as mães batem no peito.

Mais tarde estarei declamando meu poema.

Agora escute, não sobrou ninguém

o campo se esvaziou

há uma única guerra

e a sirene soa e soa...

Uma e outra vez.

Tradução para o português de Márcia Batista Ramos.

Ao mestre com amor

Ah meu mestre que lembranças tenho de ti
Que momentos vivi em um tempo longínquo
São recordações que nunca se acabam
Das lições que ensinava de casa
E que hoje irei aplicar
E que me ajudaram a me formar e hoje quero retificar
Da importância que há do dom ensinar
E do carinho que recebi de lá
Daquela sala provecta restou as lembranças
E já não sei de suas andanças
E que saudade que dá
Do seu carinho lembrar
E dá lição relembrar
Seu amor colossal por ensinar
E por tantas coisas te machucar
Como a Educação como hoje está
Mas o sorriso não te faltará
Pois sabe como nos tocar
E no teu olhar consigo enxergar
uma lágrima a rolar, de um aluno que sumiu de lá
E como uma mãe cuidará daquele que mais precisar
E eu me sentirei seguro por lá
E mesmo quando achar que nada mudará
Lembre-se daqueles que ainda vai formar
E que a vida transformar
Pelo simples fato de educar
E alguns professor se tornará para a sua arte continuar
E hoje venho te falar

Que você meu espelho sempre será
Na sala de aula ou em qualquer lugar
Pois tuas lições em mim jamais se apagará

Sibelle Sousa Silveira Holanda. brasileira, casada, escritora, professora e psicanalista, Bióloga, Mestre e Doutora em teologia, Especialista em psicologia e psicanálise.

Uma Ode ao Carnaval

Alô! Alá! Tambores!
Clama os foliões,
Agita, ascende, reluz
No universo das fantasias.

Mãe terra sacode e sorri
E abre alas para o gingado
Mas é somente no Brasil
Que a arte do Carnaval arreperia.

Alô! Alá! Tambores!
Os deuses, satãs e súditos
Estão de férias da religião
Esqueçam o manual e o portal.

Todos juntos na folia
Enfeitados de alegria
Pulando o amor e a liberdade
O mal ficou lá, antes do Carnaval.

Silvâni Silva

<https://silvanisilva.com/>

Asas de pinguins

Eu não consigo voar
De que me vale sonhar?
Meus desejos
São como asas de pinguins.

Penso e desejo
Acredito que posso
Distraio-me e não percebo
Que a realidade é viva
E nela me afundo.

Como a perdiz-vermelha
Que confia sua dor
No homem atirador.

Observo o azul
Um mar no céu.

Observo um navio
No ar a voar
Desejo lá estar.

Desolo-me, entristeço
Meus desejos
São como asas de pinguins.

Silvâni Silva

Vida

Vida!

Um palco, para uma história
Uma flor, a exalar sua beleza
Uma estrada, rumo ao desconhecido
Um poema, com versos deslumbrantes.

Vida!

Nesse palco, somos todos atores
Como uma flor, cuja beleza liberta a rima
Uma estrada, onde as curvas são sentimentos
E os poemas, são um recanto divino.

Vida!

A cada ato, um novo enredo
Onde a flor, graciosa, inspira a prosa
Na estrada, onde criamos a história
Repleta de poesia, nos inspira a amar.

Vida!

A cada estação, uma nova paisagem
Trazendo a flor, a essência da alma
Na estrada, onde seguimos com perseverança
Aprendendo com a poesia, o eco da nossa sabedoria.

Silvâni Silva

Instagram: silvanisilva.a

Profunda hibernação

Preciso mudar de vida
imutar as rotinas de hoje,
procurar nas perseguições
do imaginário, um sentido a mais.

Vivenciar de perto o poder
que vem de longe aquecer
meu interior e minhas melodias,
que trago no caderno de nossas memórias.

Assim a alma segue em colisão
dos meus desejos que permanecem
em profunda hibernação não planejada.

Na triste melancolia do querer,
a ventania sopra pra longe quem eu quero,
quem a essência precisou levar.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Namorado do nada

(Valdeck Almeida)

Eu sou um boneco inflável.

Procurei outro.

Nós não abrimos nossas bocas

não trocamos ideias

não nos acariciamos

Nós não contamos histórias

não nos lembramos nem planejamos nada.

Nos olhamos com olhos de vidro,

bocas mudas, ouvidos surdos.

Nossos braços inertes

nossas pernas imóveis

nossos sexos sem desejos...

Nossos corações não batem.

Não seremos processados ou julgados.

Amém.

Valdeck Almeida de Jesus é escritor e jornalista. Ativista cultural e Embaixador do Parlamento Internacional dos Escritores da Colômbia, membro fundador da União Baiana de Escritores - UBESC e Fala Escritor (2009). Participa do grupo de pesquisa Rede ao Redor, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC/UFBA.



Xanthi Hondrou-Hill. Poeta grega que cresceu na Alemanha. Ela estudou Literatura Alemã e Linguística na Universidade de Stuttgart, Jornalismo na Universidade de Hohenheim e Gestão de Relações Públicas na Klett-WBS em Stuttgart. Ela trabalhou como professora multilíngue, jornalista, gerente de relações públicas e tradutora de poesia. É poliglota. Atualmente mora em Naoussa, que fica na Macedônia Central, no norte da Grécia.

Pare o fogo

No cessar-fogo
Aproveito o tempo
para trazer flores e lágrimas
para o campo de batalha
onde o sangue
dos meus irmãos
está inundando
a terra
para curar a ferida
a ferida eterna
da guerra

Tradução para o português de Márcia Batista Ramos.

Classificados culturais

(...) procura-se arte

Nas escolas, nas ruas

Nas praças, nas cruzadas

Nas esquinas!

Pode ser tela pintada

O dedo ou pincel

Rabiscos no papel

Pode ser palavras

Transformadas em mel, ao léu

Mas que fale de vida...

Que seja jarro de mesa

Unido com a natureza

Vira uma beleza!

(...) procura-se arte

De qualquer porte

Que resgate a cidadania

Transpondo limites

E colhendo sonhos....

Suscitar um novo tempo

Injetar amor...

A humanidade tão cansada

Pela correria e aborrecida pela amargura!

Os artistas gritam por novos espaços, tempos...

Para compartilhar

O tempo da criação

De um povo!

Ybeane Campos Moreira



Imagem-Juli Lima

Os “Iluminados”...

Seres

Despertos

Cientes de su’essências...

Mensageiros

De Sentimentos Virtuosos e Divinos

Guias celestes de caminhantes da’escuridão e “brumas”...

Por amor vieram, vivenciaram e sofreram...

Não reivindicavam riquezas ou poder, mas seres “adormecidos” os sacrificaram...

Frase

Benditos são os mensageiros do AMOR!

Juli Lima



Imagem-Juli Lima

Vivenciando o AMOR[...]

Os seres “iluminados”, não são midiáticos, não fazem ostentações,

Não se banham de purpurina ou buscam holofotes...

Não barganham likes...

Eles, os “iluminados”, conviveram com espinhos e pregos na carne

e não macularam, nem renegaram o amor e Eu, humanazinha,

imperfeita e aprendente do Amor, a eles sou grata!

Há Seres Iluminados, anônimos, que estão por aí...

Vivenciando o AMOR!!!

Frase

Não tape os ouvidos d’Alma, dê chance ao AMOR!

Juli Lima

*** *** ***



Imagem - Juli Lima

Sem a “iluminância”...

*Sem a iluminância da Razão e do Amor..
Almas, equivocadas, se perdem
De si mesmas...*

*“Desorientadas” ...
Não distinguem o joio do trigo
Alimentam os instintos e definha-se o SER...*

Não são cegas... mas cegas estão

Sem a iluminância do Amor e da Razão...

Frase

*Almas, despidas do Amor e da Razão,
entregam-se “a deus dará”!*

Juli Lima

[...noite-madrugada] (Dueto)

*A Lua,
Ali, silenciosa
Como sempre radiosa*

*Nos tocava
Nossos corpos reluziam
O halo prateado nos envolvia*

*Ali
Silenciosa
A Lua e nossos desejos*

*Despertos pela Lua?
Não cremos!*

Excitados por ela, Sim... sim!

*E tu dizes... Desejo tenho... sim, é claro
D'estar o tempo todo ao teu lado
A ignorar o tempo... que passa*

[Encantada, tomo teu suspiro de “assalto”

*E tu continuas...
Descobrendo-te por inteira
Desde d'hora escura da madrugada*

Até a mais iluminada hora, como agora...

...Tu me enfeitiçaste?

[És tu a se apossar de meu bobo sorriso, agora...

Sobre nós, a Lua

Ela, mais sedutora

Nossas peles se eriçam

Nossos lençóis brilham sem ofuscar

Nós, nos atraímos, não apenas instintos

Sentimos... As nossas energias dialogam

A qu'então os desejos se revelam vorazes

Estremecendo-nos, ao nos percorrer

As veias...

Quando então... Envolventes e com fomes tantas

Como a s'escutar uma ordem dos Deuses

Nós entregamos sem reservas...

E no leito prateado do amor

Almas e carnes se deleitam

Sem medo nem espanto

E sentimos

aquela sensação

de sonhar acordados

Entorpecimento

Leveza

Prazer

Em nós... As Sementes de Desejos

Lançadas na jornada do tempo

Se fecundam pelo amor

Sonhos... quimeras... fantasias...?

E o que é uma vida sem elas?

Neste prazo qu'em breve extinto será o próprio mundo

Almas acesas... Abençoadas pela Lua... Eis o que somos...

E também corajosas e até “travessas”... Oh! e por que não?

Ousamos, e não nos permitimos sufocar por duras rotinas

E seus movimentos estéreis...

E por quê? Porque verdadeiramente vivos estamos

Inegavelmente, estamos vivas mentes

pulsantes

Assim, iluminados pela Lua e o Amor

... não mais nos perderemos um do outro

E que o tempo – não nos esconda

Oh! Mas lembremos de que humanos somos e, e o Tempo

É o Sr da Eternidade...

*E se o Tempo nos agraciou co'esse encontro,
Nessa noite-madrugada, enluarada
bendigamo-lo, juntos, meu bem
...e nele também confiemos*

[Confiemos...

*O sentido e a explicação de tudo:
Do tempo... da vida... da morte... de nós*

e sei lá mais o quê?!

Oh, quem poderia aqui de todo o saber?

*Porém, não temamos a vida,
menos ainda o viver em plenitude
Entreguemo-nos a ela - a Vida - sem medo...*

Ela, a Vida,

saberá de nós... o que fazer

Nessa noite-madrugada e nas outras que estão por vir...

Paulo da Cruz e Juli Lima (Livro: Entre o Céu e a Terra)

[...um minuto é tempo demais] (Dueto)

*Ouço pássaros
Olho para o céu
O Dia amanhece
Desperta rosado*

*Tu
Decerto
Ainda sonhas*

*Ressona
Do meu lado
Serenamente*

*Olho-te
Reavivam-se
“Lembranças nossas”*

*Meu coração
Loucamente dispara
Galopa com a emoção*

*Tu és
Adrenalina*

Em minhas veias

...um minuto

E perco-me por dentro

[Saio a procura tua

E toda vez que t'encontro

... é essa "loucura" cósmica

...um minuto

E já é desértica saudade...

Uma sede atroz

... uma fome

[Saudade que se soma a mais saudade de momentos vividos

e se transformam em saudades

...se faz arenoso deserto

Desejando ardentemente o oásis que tu és...

...um minuto

Saudades de como eu era quando saio de mim

A buscar por ti?

Oh, não!

Saudades muitas de estar em ti!

[Desejos de me desempossar...

Para que aposses

... do amor teu

Que sou...

Ah, oásica saudade

... ter a ti

Em mim

...um minuto

[é tempo demais

Se deixo num'hora... de ser eu

a passar-me em ser... a ti, ah, quem mesmo saber?

Bem melhor assim... para mim

E deste modo, não me tenho...

nem me guardo

[me guardar pra que?

Não, não tenho medo de me perder...

se for... para ganhar a ti

E, sendo assim, pouco m'importo não mais...me possuir

Quero a ti, meu amor

Somente... a ti

...um minuto é tempo demais

Acorda, Amor!

Paulo da Cruz e Juli Lima (Livro: Entre o Céu e a Terra)

[O UniVERSO não separa...] (Dueto)

Num verso,

As Almas Amantes

O Universo e a Eternidade

Caminham, Voam e mergulham juntas

Poderia a distância, no intervalo do espaço,

afastar de fato...

as almas que se amam?

[afastar, talvez sim! Separar? Jamais!

Quem o Amor uniu nada separa!

O UniVERSO não separa...

*Caso um 'alma desejar com outra s' estar...
já não estaria, em espírito e verdade, com ela?
[Pois, que sim! Em se estando já, por amor uma n'outra*

Uma com a outra estará...

O UniVERSO não separa...

A noite chega, célere como o tempo

... dos amantes

A madrugada se adentra,

As Estrelas dialogam...

Dormindo iremos

Eu em Andrômeda

Tu em Centaurus

O UniVERSO não separa...

A distância...?!

Não importa

E de nossos leitos

Os respiros seguem

Corações... a baterem

E no que ressonam...

... vagueiam entre as estrelas

O UniVERSO não separa...

[ilumina e sinaliza caminhos

Almas Amantes, caminham voitando...

em místicas ondas

A irem d'um peito... para o outro

No plasma quântico do universo

O UniVERSO não separa...

Na Energia de tudo... (Prana)

Onde as almas, realmente moram

E nele s' encontram

Não, jamais se separam

Somente seus corpos

[e por pouco tempo

O UniVERSO não separa...

Amamos... Amamo-nos... Amando-nos

O UniVERSO não separa...

[conspira a nosso favor

Amamos... como almas a que somos

Amamos... como homem e mulher... a que também somos

O UniVERSO não separa...

Amamos... nas palavras que um ao outro dizemos (ou escrevemos)

Amamos... nos toques de carinho a que um ao outro fazemos

Amamos... no desejo de que nos queremos

O UniVERSO não separa...

Amamos... no medo de achar que nos perder podemos

[Ah, quem não tem?

Amamos... nos sentimentos...

na atenção mútua (correspondência do amor)

O UniVERSO não separa...

Amamos... nas preocupações recíprocas d'um pel'outro

Amamos... em nossos olhares... nos toques... nos carinhos

Amamos... no ritual mágico do amor

O UniVERSO não separa...

Amamos...

simplesmente porque... nos amamos

O “UniVERSO” não separa, Eterniza, os “Laços de Amor”.

Assim...

Amamos...

Amando-nos

O UniVERSO não separa...

Paulo da Cruz e Juli Lima (Livro: Entre o Céu e a Terra)



ILUSTRAÇÕES DESTA EDIÇÃO

JAILSON HUEURIO

Instagram

@jailson.hueurio

Expediente

Revista Barbante
Vol. XI - Nº 55 - 13 de setembro de 2023
ISSN 2238-1414

11 anos da revista Barbante

Editores
Rosângela Trajano
Samuel de Mattos

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Rosa Regis
Ariane Pereira

Ilustrações desta edição
Jailson Hueurio

Diagramação
Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

Revisão dos autores.



VEM SER FELIZ NA
BARBANTE TAMBÉM!
VEM!

barbantinha

caderno especial da revista barbante
ISSN 2238-1414
volume III - Nº 20 - 13 de setembro de 2023



As crianças falam sobre seus mundos através dos desenhos.

Rosângela Trajano

Carta aos pequenos leitores e leitoras

Querida criança,

Estamos felizes por mais este número do caderno especial da revista Barbante, a Barbantinha.

A leitura e o desenho ajudam no ensino-aprendizagem e são ótimos recursos para colocarmos pra fora tudo o que sentimos e pensamos, por isso sempre é bom escrever e desenhar.

Que vocês, crianças, sintam-se convidadas a participarem da Barbantinha mensalmente, esta revista, que acredita na voz das crianças através da escrita ou do desenho e que assim como elas é uma menina peralta que gosta de brincar com gatos e cachorros quando chega da escola todos os dias.

Agradecemos às professoras Rosana Valkini e Cláudia Guedes de Oliveira da Escola E. E. F. M. Bernardo Guimarães, em Cacoal, Estado de Rondônia pelas belas ilustrações que fazem parte desta edição.

A capa desta edição é do aluno Gustavo Lehum, 08 anos, da referida escola citada acima.

Participe da Barbantinha! Envie seu texto ou desenho, criança querida!

Um abraço bem especial,

Os editores.

ESCOLA E. E. F. M. BERNARDO GUIMARÃES

Prof.^a Cláudia Guedes de Oliveira

Turma: 4º Ano A

Cacoal – Rondônia

1	Alice Stocco Otto
2	Antony Nascimento
3	Arthur Fracalossi da Mota
4	Bianca Gonçalves
5	Emanuely Vicentina
6	Emilly Ramos Chiarello
7	Gabriel Zedeque Duarte
8	Gustavo Lehum Rodrigues
9	Heitor de Souza Maass
10	Híttalo da Silva Cipriano
11	Isabela dos Santos Jordão
12	Izabelly Luiza de Moura
13	Jorge Luiz Oliveira
14	Juliana Barbosa de Oliveira
15	Lais de Oliveira Marques
16	Lorena Samosquin da Silva
17	Luiza Pirez Santos
18	Nicole Samosquin da Silva
19	Rebeca Sarte Dourado
20	Sophya Keroon Rodrigues
21	Thainara Cristina Silva
22	Cristina Inmaculada Alonzo Martinez



● ○ REDMI NOTE 8
○ ○ AI QUAD CAMERA

ALICE SOTTO
08 ANOS
(UMA FLOR NO MEU JARDIM)



REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA

ANTONY NASCIMENTO
09 ANOS
(A BELEZA DA NATUREZA)



ARTHUR FRACALOSSO
08 ANOS
(MEU LAR É MEU DESCANSO)



BIANCA GONÇALVES
08 ANOS
(O ACONCHEGO DO MEU LAR)



●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

CRISTINA INMACULADA
10 ANOS
(A TRANQUILIDADE DA NATUREZA)



REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA

EMANUELLY VICENTINA
08 ANOS
(MINHA CIDADE É UM PARAÍSO)



●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

EMILLY RAMOS
09 ANOS
(SOL E MAR)



GABRIEL ZEDEQUE
09 ANOS
(NO BALANÇO DO MAR)



GUSTAVO LEHUM
08 ANOS
(DIA DE CHUVA)



HEITOR DE SOUZA
08 ANOS
(MINHA VIAGEM DE FÉRIAS)



HITTALO DA SILVA
09 ANOS
(AS CONSEQUENCIAS DAS
QUEIMADAS)



ISABELA DOS SANTOS
08 ANOS
(MEUS CACTOS)



IZABELLY LUIZA DE MOURA
08 ANOS
(UM PARQUINHO NO MEU QUINTAL)



JORGE LUIZ OLIVEIRA
08 ANOS
(MINHA LOJA DE GAMES)



● ○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

JULIANA BARBOSA
09 ANOS
(A NATUREZA NOS TRANSMITE PAZ)



JULIANA BARBOSA
09 ANOS
(O BALANÇAR NA SOMBRA
DE UMA ÁRVORE)



●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

LAIS DE OLIVEIRA
09 ANOS
(MINHA CASA E MEUS POMARES)



LORENA SAMOSQUIM
09 ANOS
(UM ENCANTO DE MENINA)



●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

LUIZA PIRES SANTOS
08 ANOS
(A BELEZA DO PÔR DO SOL)



●○ REDMI NOTE 8
∞ AI QUAD CAMERA

NICOLE SAMOSQUIM
09 ANOS
(A NATUREZA É UM ENCANTO)



REBECA SARTE
09 ANOS
(A PROTETORA DA NATUREZA)



SOPHYA KEROON
08 ANOS
(UM DIA DE ESCOLA)



THAINARA CRISTINA
09 ANOS
(ALEGRIA DE SER CRIANÇA)

ESCOLA E. E. F. M. BERNARDO GUIMARÃES

Prof.^a Rosana Valkini

Turma: 4º Ano C

Cacoal – Rondônia

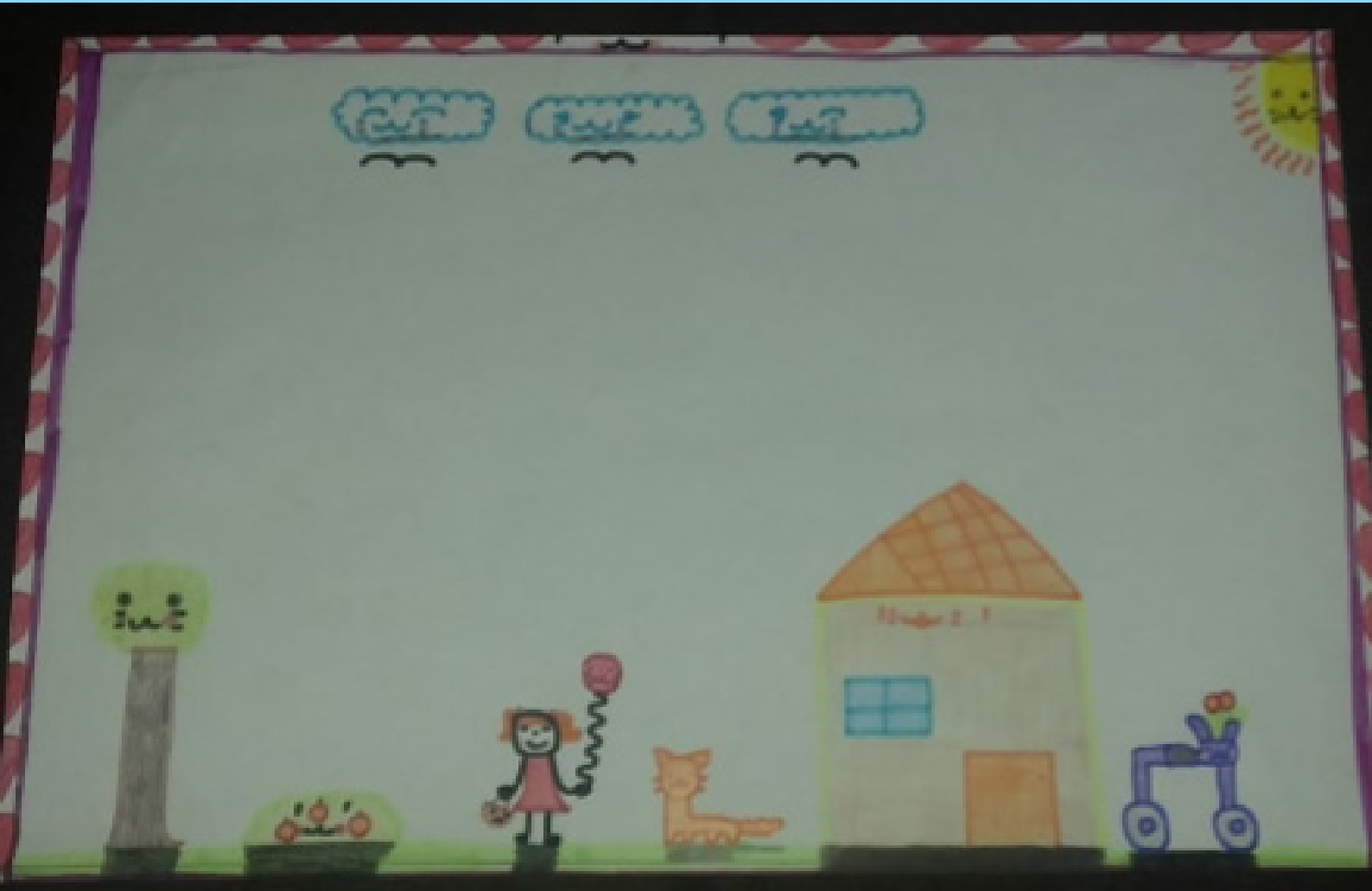
1	ANA BEATRIZ DE ALMEIDA FERNANDES
2	CLARA BARBOSA SILVA
3	DANIELLA RODRIGUES LOBO RIVERO
4	ELIAS SILVA DE LIMA
5	ENZO MARTINS FERREIRA
6	GABRIEL TEIXEIRA DE SOUZA
7	HENZO GABRIEL ALVES
8	ISIS GIOVANNA GARCIA DE OLIVEIRA
9	JEAN GONÇALVES FREITA
10	KAIQUE GRUBER GULART
11	LARISSA WLL SANTOS
12	LUIZ DAVI DUARTE DOS SANTOS
13	MARIA ISABELLA FAVALESSA DE SOUZA
14	MARIA LUIZA LUCENA VIEIRA
15	MIGUEL ALVES DE PAULA
16	MIGUEL FERNANDES MENEGHETI GRATEKI
17	NICOLAS TELES DE ARAUJO
18	MIGUEL ARRUDA DE OLIVEIRA
19	PEDRO GABRIEL GONÇALVES DIAS



Ana Beatriz de Almeida Fernandes
8 anos
(A onda do mar)



Clara Barbosa Silva
8 anos
(A casa do bosque)



Daniella Rodrigues Lobo Rivero
9 anos
(Passeio com o meu cachorro)



Elias Silva de Lima
9 anos
(A casa e o balanço)



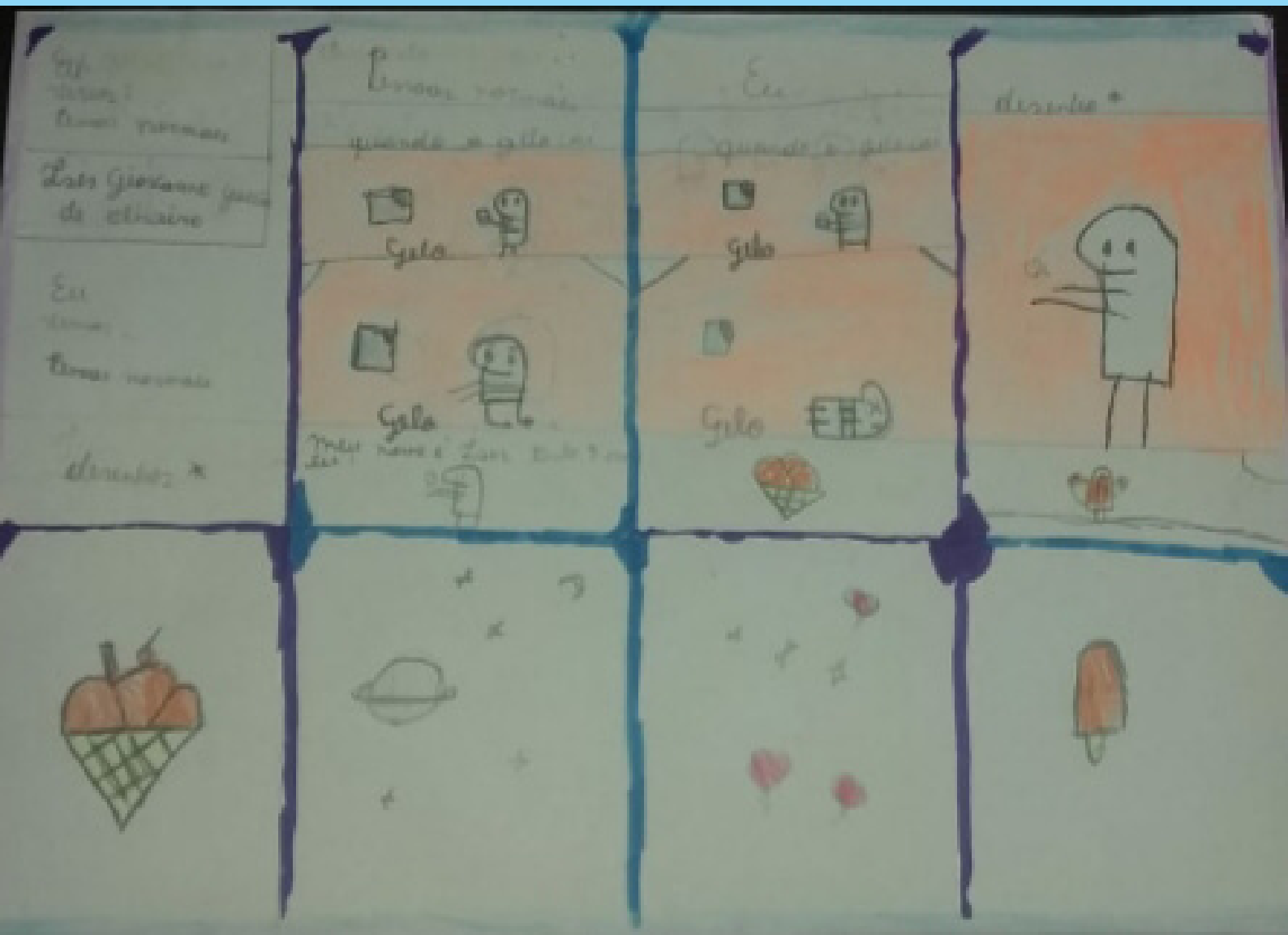
Enzo Martins Ferreira
9 anos
(A natureza é bela)



Gabriel Teixeira de Souza
8 anos
(Os cristais)



Henzo Gabriel Alves
9 anos
(Seu João)



Isis Giovanna Garcia de Oliveira
 9 anos
 (Eu versus pessoas normais)



Jean Gonçalves Freitas
9 anos
(As montanhas e suas belezas)



Kaique Gruber Gulart
9 anos
(O menino e o pirulito)



Larissa Will Santos
8 anos
(A menina de rosa, minha boneca)



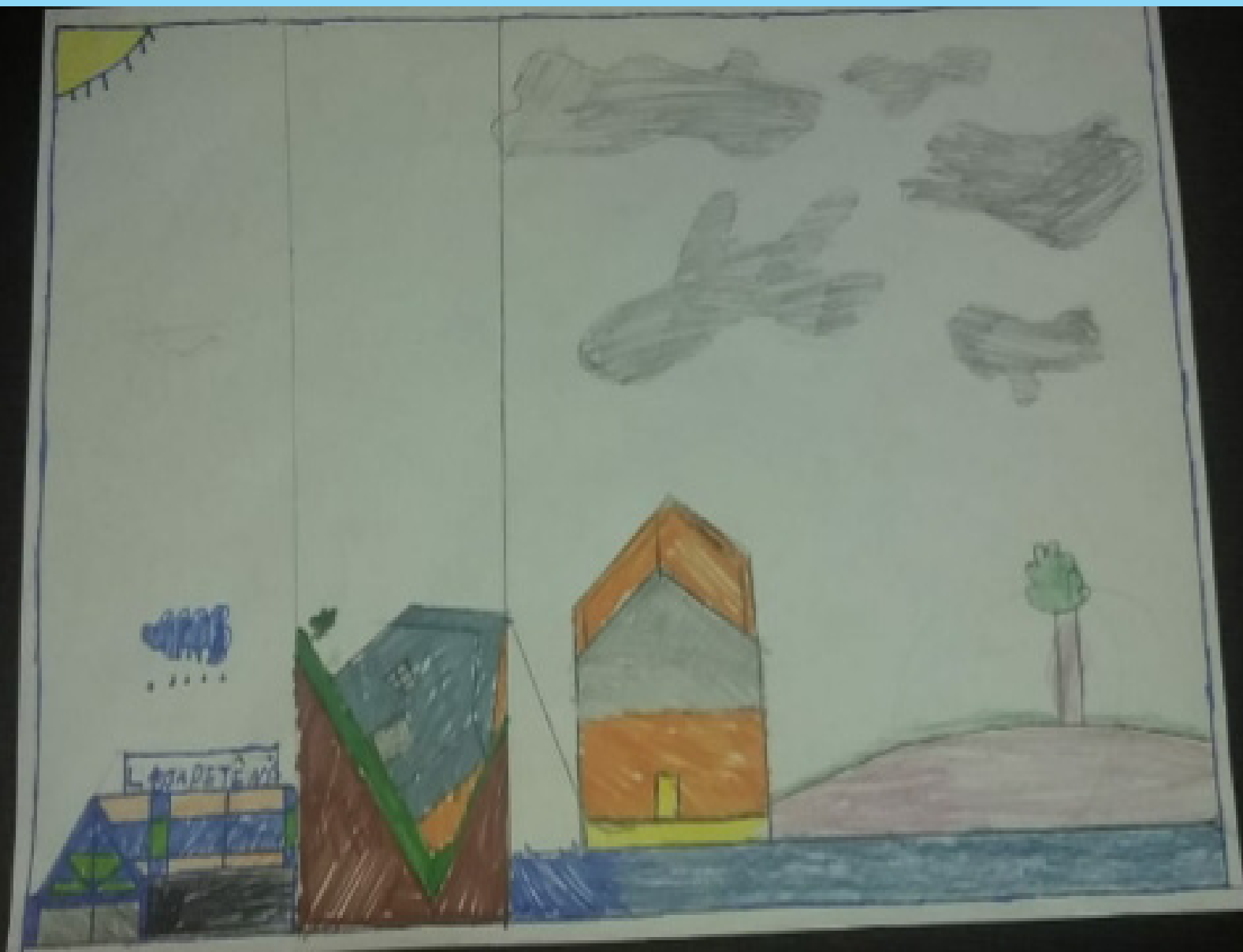
Luiz Davi Duarte dos Santos
9 anos
(Protejam os rios)



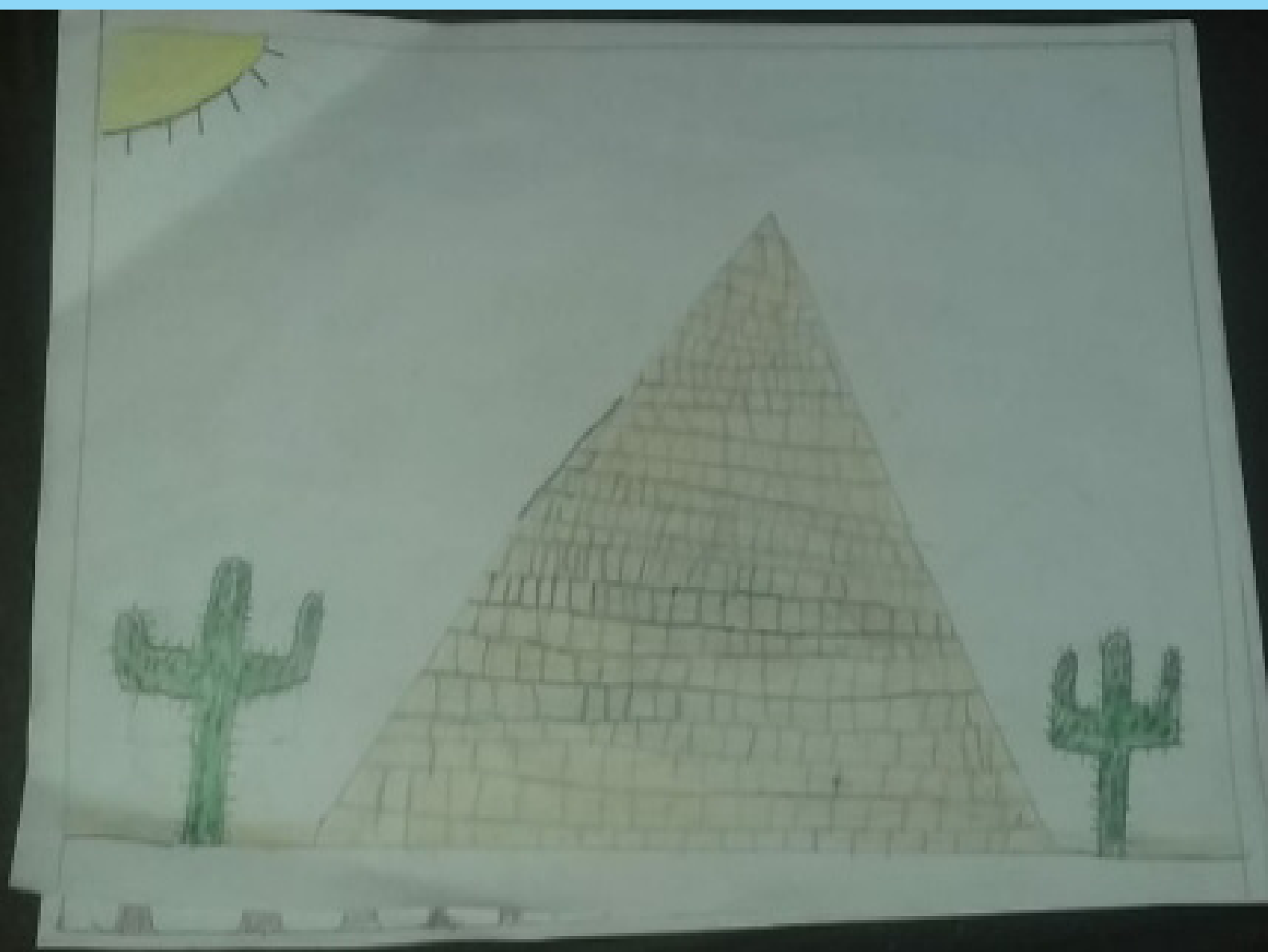
Maria Isabella Favalessa de Souza
9 anos
(O balanço e a menina bonita)



Maria Luiza Lucena Vieira
9 anos
(A fadinha e o castelo)



Miguel Alves de Paula
8 anos
(A cidade)



Miguel Arruda de Oliveira
9 anos
(A pirâmide e os cactos)



Miguel Fernandes Meneghet Grateki

9 anos

(A ilha)



Nicollas Teles de Araújo
8 anos
(O mar)



Pedro Gabriel Gonçalves Dias
10 anos
(A casa da floresta)

Expediente

Revista Barbante
Caderno Especial Barbantina
Volume III - Nº 20 - 13 de setembro de 2023
ISSN 2238-1414

03 anos da Barbantina

Editores

Rosângela Trajano
Samuel de Mattos

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Fátima Leite
Ana Priscila
Angela Ferreira

Diagramação

Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

Revisão dos autores.

